

# BJÖRK: PERFIS

1. Design enquanto prática colaborativa

JOÃO DESIDÉRIO

MDGPE

Björk: *Perfis* é um projecto académico centrado na carreira a solo de Björk, desde o lançamento do álbum *Debut*, em 1993, até ao último projecto até à data, *Utopia*, lançado em 2017. Ao longo deste primeiro livro é passada em revista a carreira da artista sob a perspectiva das colaborações que permitiram a criação do imaginário musical e visual de cada álbum. Esta perspectiva centrada na colaboração pretende ilustrar como o trabalho da artista é um trabalho de design colaborativo, mais do que apenas musical.

A cada álbum está dedicada uma cor e um capítulo com um *layout* diferente desenhado a partir do conceito por detrás de cada um destes projectos. Além deste núcleo, existe ainda um outro livro complementar que funciona como a segunda parte deste projecto, onde é explicada toda a metodologia e processo de desenvolvimento

## **BJÖRK: PERFIS**

Design enquanto prática colaborativa

**João Fonseca Desidério**

Projecto teórico-prático para obtenção do grau de  
Mestre em Design Gráfico e Projetos Editoriais

Orientado pelo Professor Doutor Eduardo Aires

“There is so much more to music than just work. If I collaborate, I want connections to be genuine, it to be for real. (...) There are so many angles to approach where a song and a visual meet. I think with people like, say, Jesse [Kanda] and Nick Knight, and Chris Cunningham, they are like visual artists. (...) — I’m sort of like a curator”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Transcrito de “WeTransfer Presents Work In Progress: Björk and Jesse Kanda”. Consultado a 28-03-2018

**TIMELINE 10**

**INTRODUÇÃO 13**

**DEBUT 14**

**POST 26**

**HOMOGENIC 36**

**VESPERTINE 50**

**MEDÚLLA 58**

**VOLTA 68**










**BIOPHILIA 78**

**VULNICURA 88**

**UTOPIA 98**

**LISTA DE FIGURAS 113**

**INDEX 117**

									
	Debut (1993)	Post (1995)	Homogenic (1997)	Vespertine (2001)	Medúlla (2004)	Volta (2007)	Biophilia (2011)	Vulnicura (2015)	Utopia (2017)
Colaboradores Musicais		Guy Sigsworth					16bit		
	Howie B.			Damian Taylor				The Haxan Cloak	Rabit
	Marius de Vries			Zeena Parkins				Arca	
Fotógrafos		Eumir Deodato		Matmos		Anohni			
	Nellee Hooper		Mark Bell						
	Corky Hale	Tricky	Markus Dravs	Tanya Tagaq		Timbaland			
Vídeo		Graham Massey		Thomas Knak	Mike Patton, Rahzel, Robert Wyatt, Shlomo, Dokaka, Gregory Purnhagen	Konono N° 1, Min Xiao Fen, Tounami Diabaté, Chris Corsano, Brian Chippendale	Matt Nolan, Andy Cavatorta, Aron Koscho, Björgvin Tómasson, Henry Dagg		
	Stéphane Sédaoui			Inez e Vinoodh					
	Jean Baptiste Mondino		Nick Knight					Jesse Kanda	
Design Gráfico/Moda	Juergen Teller			Ernst Haeckel				Santiago Felipe	
	Sophie Muller	Spike Jonze				Christoph Jantos, Masahiro Mogari and Marçal Cuberta Juncá	Andrew Thomas Huang		
	Michel Gondry								Emma Dalzell e Tim Walker
Outros	Danny Canon		Paul White (Me Company) Chris Cunningham	Eiko Ishioka	Lynn Fox Dawn Shadforth Gabriela Fridriksdóttir	Michel Ocelot Fred & Anabelle Encyclopedia Pictura	Drew Berry		
	Me Company			M/M (Paris)					Alessandro Michele
		Hussein Chalayan	Alexander McQueen	Marjan Pejoski		Bernhard Willhelm	Iris Van Herpen		
Outros				Shoplifter					Hungry
				Warren Du Preez e Nick Thornton Jones					
		Sjón						James Merry	
							Sir David Attenborough	Klaus Biesenbach	
							Scott Snibbe	Alex Ross	
								Nicola Dibben	
								Timothy Morton	

Texto  
 Nome do Colaborador  
 Período de colaboração  
 Interrupção na colaboração (tendo vindo a colaborar mais tarde)  
 Código de cor para cada álbum

## INTRODUÇÃO

Björk Guðmundsdóttir, conhecida apenas pelo seu primeiro nome, é uma artista musical islandesa. Desde sempre ligada à música, começou desde cedo a ter educação musical e viria, mais tarde, a começar a sua carreira em várias bandas e projectos musicais com amigos e colegas. Sempre com uma atitude de desafio e de experimentação, estes grupos proporcionaram ambientes onde as relações entre os vários membros se desenvolviam de forma bastante orgânica, permitindo um elevado nível de cumplicidade e colaboração em todo o processo de criação musical. A natureza destas relações e a cumplicidade que dela advém é algo que viria a influenciar a visão da artista ao conceber os seus projectos e a forma como trabalharia intimamente com vários artistas ao longo da sua carreira a solo, que começa em 1993 com o lançamento de Debut. Desde então, a artista tem vindo a colaborar com vários nomes de relevância de áreas como o design de moda, a fotografia, o vídeo e, naturalmente, a música, mantendo sempre e acima de tudo um carácter vincadamente autoral, uma vez que, embora exista uma grande dimensão colaborativa no trabalho da artista, todos os resultados destas colaborações nascem de um universo idealizado em primeiro lugar pela artista.

Este projecto é essencialmente um projecto editorial, mais do que um projecto teórico. Embora exista uma componente teórica de suporte que aborda a dimensão colaborativa do trabalho de Björk, a importância de Björk: Perfis reside na forma como o objecto físico é construído a partir dos dados recolhidos e como todas as escolhas e ligações entre conteúdo e grafismo nascem e crescem a partir desses mesmos dados.



Fig. 1

## DEBUT

*Debut* não é, na verdade, o primeiro álbum de estúdio da cantora, mas sim o primeiro álbum a solo enquanto adulta. Aos onze anos lança um álbum que a torna numa estrela local na Islândia e, mais tarde, toma parte da banda The Sugarcubes com um grupo de amigos de infância. A banda, formada em tom de gracejo, acaba por atingir bastante sucesso, especialmente quando são descobertos fora da Islândia, tendo chegado a lançar três álbuns. Ainda assim, mesmo com o sucesso relativo da banda, Björk sente que havia chegado a altura de se dedicar a trabalho a solo. A decisão não foi necessariamente baseada num desejo de trabalhar a solo mas mais no sentido de trabalhar em privacidade, visto sentir que, após anos num grupo com o qual tinha imensa afinidade, havia chegado a uma altura em que a proximidade e as dinâmicas de relações entre os vários membros haviam deixado de dar os frutos necessários para que a banda se mantivesse. Assim, começa o seu primeiro projecto a solo desde os onze anos e apelida-o de *Debut*, marcando para si mesma o início de uma nova era musical.

Pela altura da gravação do álbum, Björk acaba de chegar a Londres e encontra-se imersa na grande cidade, longe da calma da Reiquiavique. É em *Debut* que é materializada pela primeira vez uma *persona* para a música da artista. Caracterizada por uma certa timidez de alguém acabado de chegar a um novo lugar, a *persona* de *Debut* mergulha neste mundo agitado, cheio de influências e estímulos, e deixa-se contaminar lentamente. A sonoridade do álbum é caracterizada por três grandes influências marcantes em Londres em 1993: a *dance music*<sup>2</sup>, o *trip hop* e a música indiana<sup>3</sup>. Com diferentes intensidades, todas estas influências abriram caminho até às misturas finais que compõem o álbum. Este primeiro trabalho, por ser a sua primeira experiência a solo desde os onze anos, é uma compilação de canções escritas ao longo de vários anos<sup>4</sup> e um grito de liberdade e de afirmação da sua própria visão musical<sup>5</sup>. É portanto, quase um recapitular do que foram os anos anteriores a esta estreia a solo.

**2** O mundo da *dance music* e o trabalho de DJs são uma grande influência no trabalho que apresenta em *Debut*, embora as batidas deste álbum sejam muito mais viradas para a vida quotidiana do que para a vida nocturna, como afirma na sua entrevista para a *Rolling Stone* em 1993.

**3** As influências sonoras indianas viriam a proporcionar que Björk trabalhasse com o produtor Timbaland em *Volta* (2007).

**4** Refere, na entrevista à *Mixmag* em 1997, que o single “Human Behaviour” foi claramente escrito por um adolescente.

**5** Revista *The Face* (1993).

*Debut* é um álbum que se distancia do panorama da música electrónica seu contemporâneo. É assumidamente um álbum pop, de música para aproveitar no momento, sem qualquer tipo de compromisso ou pretensão. A música apresentada em *Debut* é, nas palavras da cantora, música que pode ser ouvida e entendida momentaneamente, sem o compromisso de ser um grande arranjo, podendo até ser “atirada ao lixo” no dia seguinte, precisamente por já não fazer sentido num contexto diferente<sup>6</sup>.

Embora não tivesse considerado ter um produtor para o álbum<sup>7</sup>, acabou por colaborar com Nellee Hooper, conhecido pelo seu trabalho com bandas como *Soul II Soul*<sup>8</sup>, que se viria a tornar o principal colaborador deste álbum e com quem Björk viria a manter uma relação de trabalho muito próxima nesta fase inicial da sua carreira, quase como um “caso amoroso musical”<sup>9</sup>. O álbum nasceu em grande parte de um diálogo imprevisível e natural com Hooper<sup>10</sup> que partilhava as motivações da cantora de não seguir estilos nem categorias, tentar tudo e correr riscos<sup>11</sup>. Naturalmente, este tipo de relação levou a que trabalhassem de forma extremamente orgânica, numa dinâmica em que ambas as partes estão igualmente envolvidas no projecto.

“With me and Nellee it was very intimate—even though I wrote all the songs, it’s hard for me to take full credit for them because we were so dependent on each other. It was great, you forgot about eating, you didn’t have to go to the cinema. We got lost in music!”<sup>12</sup>

Embora a relação com Nellee Hooper tenha sido a colaboração de maior relevância, Björk também trabalhou com intrumentista Corky Hale, que havia sido pianista para Frank Sinatra, Billie Holiday entre outros, e que foi harpista para “Like Someone in Love”<sup>13</sup>. Outras colaborações a musicais incluem Howard Bernstein, mais conhecido como Howie B., que futuramente viria a influenciar e trabalhar na sonoridade de *Post*, e Marius de Vries, envolvido nos três primeiros álbuns da cantora e colaborador de outros grandes nomes como Madonna, Annie Lennox, PJ Harvey<sup>14</sup> e Tina Turner.

**6** Revista *i-D* (1993).

**7** Revista *The Wire* (1993).

**8** Revista *Sygya* (1993).

**9** Revista *Rolling Stone* (1993).

**10** Revista *Sygya* (1993).

**11** Revista *Rolling Stone* (1993).

**12, 13** Revista *The Face* (1993).

**14** Björk actua ao vivo com PJ Harvey nos Brit Awards em 1994, cantando uma cover de “Satisfaction” dos The Rolling Stones.



Fig. 2

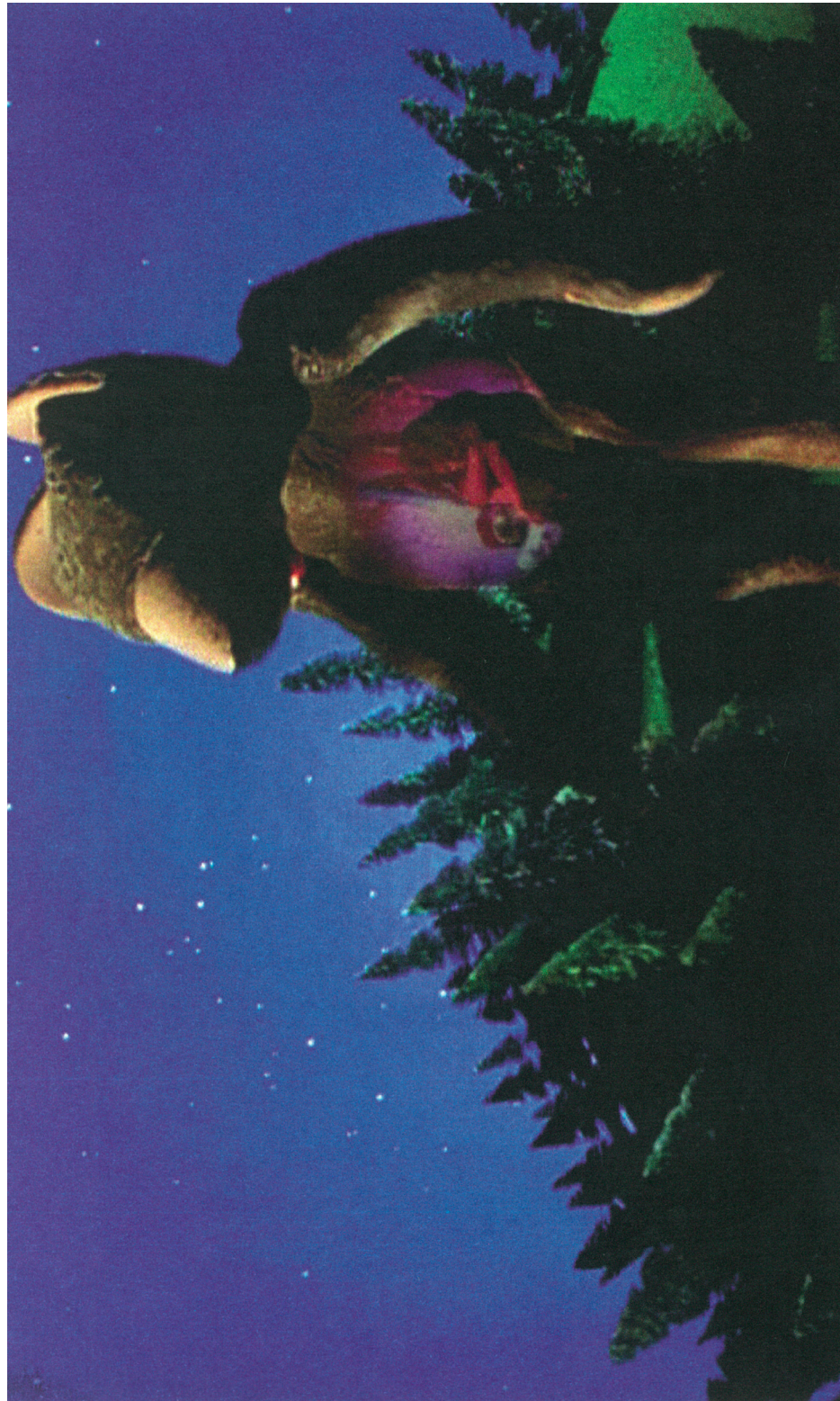


Fig. 3

MICHEL GONDRIY



Fig. 4

AL PEREIRA



Nos vídeos lançados como promoção do álbum, colaborou com Sophie Muller (“Venus as a Boy”), Danny Cannon (“Play Dead”), Michel Gondry (“Human Behaviour”), Stéphane Sédnaoui (“Big Time Sensuality”) e Jean-Baptiste Mondino (“Violently Happy”), tendo Gondry e Sédnaoui e Mondino continuado a trabalhar com a artista nos álbuns seguintes. Ainda neste universo visual, colabora também com o estúdio de design Me Company, responsável pelo design do álbum e do booklet, assim como do design de quatro dos cinco singles<sup>15</sup>. Já a capa do álbum é fotografada por Jean Baptiste Mondino, também responsável pelas capas dos singles “Human Behaviour”, “Venus as a Boy” e “Violently Happy”. Os restantes singles contam com fotografias de Danny Cannon (“Play Dead”) e Juergen Teller (“Big Time Sensuality”).

**15** “Human Behaviour”, “Venus as a Boy”, “Big Time Sensuality” e “Violently Happy”.

DEBUT



Fig. 6



JUERGEN TELLER

Fig. 7

STÉPHANE SÉDNAOUI

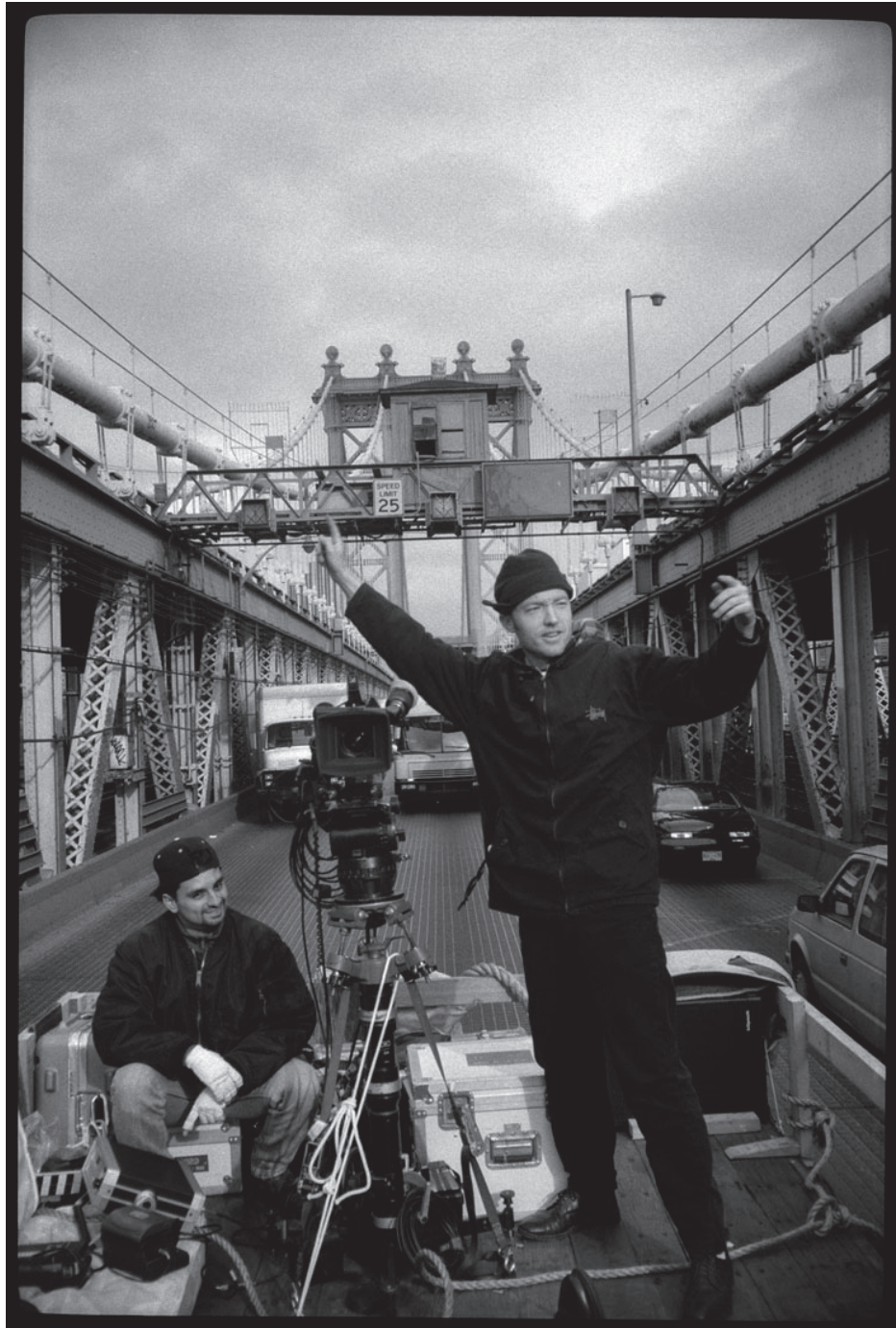


Fig. 8



JEAN BAPTISTE MONDINO

Fig. 9



Fig. 10

**16** O título é uma palavra internacional que entendida por todos, segundo a cantora. *Raygun* (1995)

**17** Revista *Jam!* (1995)

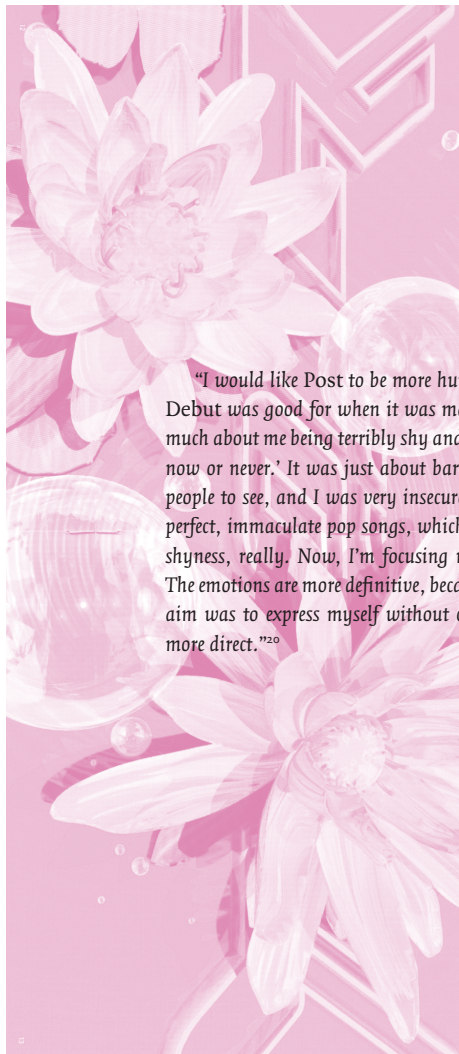
*Post* é um álbum assumidamente mais corajoso, mais em contacto com as emoções da cantora e, conseqüentemente, mais afastado da timidez inicial que caracterizava *Debut*, mas, ainda assim, está intimamente ligado ao seu predecessor. *Post* e *Debut* são de certa forma duas metades do mesmo álbum<sup>17</sup>. Ambos os álbuns são um recapitular dos anos anteriores ao seu lançamento. No caso de *Post*, este recapitular é de apenas dois anos<sup>18</sup>; No caso de *Debut* são dez anos. São, portanto, dois álbuns com a mesma ideia na sua génese e que abordam os mesmos temas, embora de forma diferente, materializando musicalmente vários eventos e emoções da vida da artista até 1995. Além de nascerem da mesma base conceptual, *Post* e *Debut* também representam um contínuo de aprendizagem musical para a artista, que se considerava “virgem” musicalmente em *Debut* mas que em *Post* se apresenta mais confiante, com mais conhecimento a nível musical<sup>19</sup>.

**18** Revista *Oor* (1995)

**19** Revista *Jam!* (1995)

## POST

Em 1995 Björk lança o seu segundo álbum, *Post*<sup>16</sup>. O tema da cidade continua presente, mas é abordado de forma diferente, sendo que a *persona* que caracteriza *Post* já não é uma figura relativamente tímida mas sim um desenvolvimento dessa identidade, alguém que está completamente imerso no movimento, na agitação, nas cores, luzes e sons da cidade. Este álbum marca a continuação de uma ascensão à fama mundial e também um aumento na dimensão colaborativa do seu trabalho, que começa a ganhar mais dimensão, visto haver trabalho com colaboradores anteriores mas também a inclusão de novos nomes. É um trabalho em que há uma maior experimentação com sintetizadores e computadores, explorando mais os meios digitais, um reflexo das ideias por trás do conceito e da *persona* do álbum.



"I would like Post to be more human," (...) "For me, Debut was good for when it was made, but it was very much about me being terribly shy and deciding, 'Well, it's now or never.' It was just about baring myself for other people to see, and I was very insecure. I wanted to make perfect, immaculate pop songs, which was a result of my shyness, really. Now, I'm focusing more on the energy. The emotions are more definitive, because I felt braver. The aim was to express myself without complications, to be more direct."<sup>20</sup>

A nível de colaboração, e em sintonia com a atitude predominante em Post, a artista começa a trabalhar com um maior grupo de pessoas, tendo acesso a diferentes fontes de estímulos e mostrando uma perspectiva mais aberta e ansiosa por colaborações do que anteriormente. A acredita que o trabalho colaborativo é extremamente rico a nível criativo e que muito frequentemente o resultado do trabalho de duas pessoas muitas vezes tem algo extra, algo intrínseco à colaboração próxima entre duas pessoas, e que essa máxima acaba por acompanhá-la em várias dimensões da sua profissão, desde o trabalho colaborativo em estúdio até a entrevistas e digressões<sup>21</sup>.

But Post was stuff I'd written in England (since Debut). Debut was almost my diary for the last 15 years and Post was more me being promiscuous in London! Doing two songs with Graham Massey, two songs with Tricky, a song with Howie B and songs with Nellee Hooper<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Revista *Raygun* (1995)

<sup>21</sup> Revista *Oor* (1995)

<sup>22</sup> Revista *Dazed and Confused* (2011)

Fig. 11



Fig. 12

STÉPHANE SÉDNAOUI

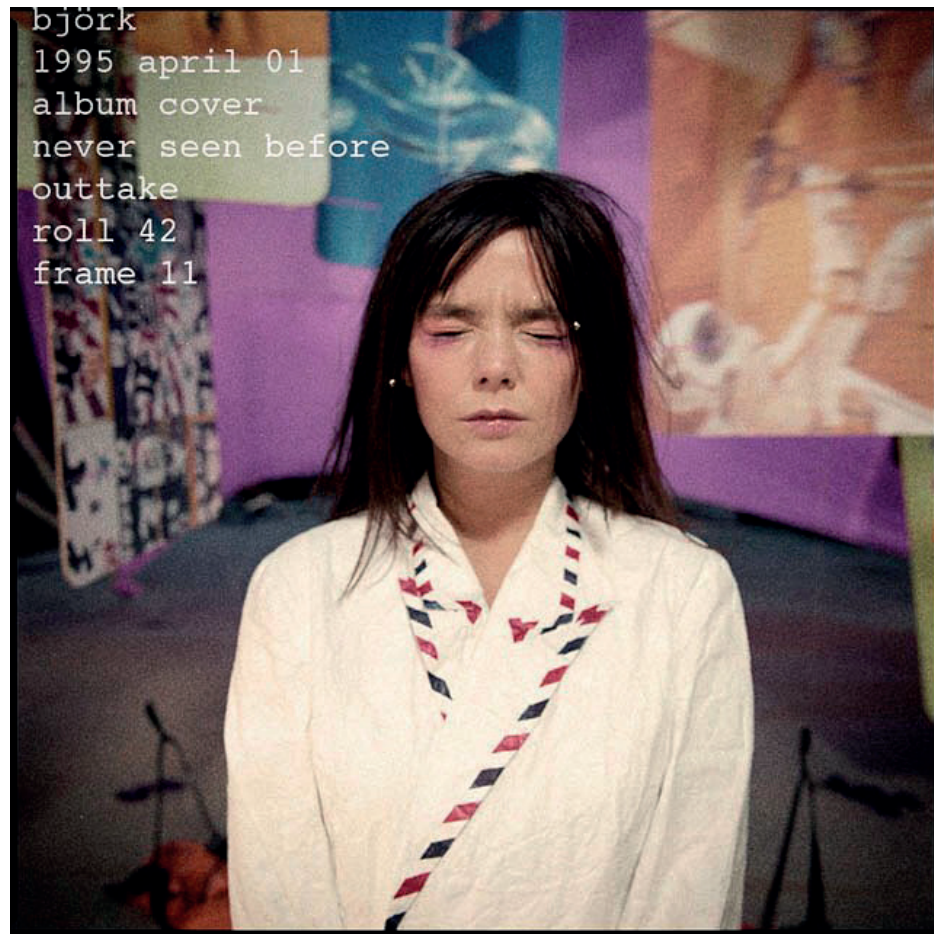


Fig. 13

STÉPHANE SÉDNAOUI



Fig. 14



Fig. 15

Musicalmente, o leque de colaboradores e influências expande-se, abrindo espaço a novos nomes que se juntam à produção como Markus Dravs, Graham Massey, dos 808 State que co-escreveu “Army of Me”, Howie B, que trabalhou em “I Miss You”, Guy Sigsworth, encarregue da Harpsichord em “Cover Me”<sup>23</sup>, Tricky<sup>24</sup>, que produziu “Enjoy” e “Headphones”<sup>25</sup> e Eumir Deodato<sup>26</sup>, instrumentista e produtor musical brasileiro, que contribuiu para “Hyperballad”, “You’ve Been Flirting Again” e “Isobel”. Nellee Hooper volta a ser produtor em Post, embora não com o mesmo tipo de dinâmica que havia mantido em *Debut*, tendo-se oferecido para ser a “rede de segurança” de Björk, no sentido em que a artista poderia fazer aquilo que melhor lhe aprouvesse e que teria ajuda caso falhasse<sup>27</sup>.

**26** Deodato havia colaborado com nomes como Frank Sinatra e Aretha Franklin.

**27** Revista *Raygun* (1995)

**28** Michel Gondry continuaria a trabalhar frequentemente para a o mundo da música, realizando vídeos para nomes como Radiohead ou Kanye West, tendo também realizado longas metragens, como “Eternal Sunshine of the Spotless Mind” (2004).

**29** Para a capa do álbum houve uma sessão fotográfica por Jean Baptiste Mondino no valor de £24,000, que foi recusada, sendo depois escolhida a foto de capa de uma nova sessão fotográfica por Sédnaoui. Revista *The Face* (1995)

**23** Website Discogs, “Björk — Post”

**24** Björk refere-se a Tricky como alguém que partilha do seu interesse pelo imprevisível e que complementava seu trabalho em algumas áreas que não dominava tão bem na altura, como a criação de batidas. Revista *Interview* (1995)

**25** Sobre a faixa “Headphones”, Björk afirma que foi escrita para Graham Massey, também colaborador no álbum, que lhe dava cassettes que tocava ao final do dia de modo a acalmar-se e a organizar a sua mente. Revista *Rolling Stone* (1995)

Visualmente colabora com Hussein Chalayan, designer de moda que fez o casaco de papel utilizado na sessão fotográfica da capa, e com vários realizadores de vídeo, como Jean-Baptiste Mondino (“Violently Happy”), Michel Gondry (“Army of Me”, “Isobel” e “Hyperballad”), Sédnaoui (“Possibly Maybe”), Spike Jonze (“It’s Oh So Quiet”) e o estúdio de animação Spümcø (“I Miss You”). O realizador Michel Gondry<sup>28</sup> foi um dos primeiros grandes colaboradores de Björk, tendo dirigido vários dos vídeos oficiais lançados durante a sua carreira a solo. A artista mencionou que tem uma ligação especial com o realizador e que em quase todos os trabalhos que desenvolvem juntos existe uma certa ligação à infância, sendo que, por norma, o realizador é responsável sempre que há um retorno a esse tópico. Quanto a Spike Jonze, *Post* seria a primeira ocasião em que trabalha com a artista, realizando o vídeo de “It’s Oh So Quiet” e tendo vindo a realizar, mais tarde, os vídeos de “It’s in our Hands” (*Greatest Hits*) e “Triumph of a Heart” (*Medúlla*). Já Stéphane Sédnaoui, além de realizador do vídeo de “Possibly Maybe” foi também fotógrafo da capa de *Post*<sup>29</sup>.

A Me Company, estúdio de design gráfico, volta a colaborar com a artista, sendo responsável pelo design do álbum e do *booklet*, assim como das capas de todos os singles, “Army of Me”, “Isobel”, “It’s Oh So Quiet”, “Hyperballad”, “Possibly Maybe” e “I Miss You”. As várias capas contêm diferentes tipos de imagens, desde fotografias, como a capa de “Isobel”, fotografada por Andrea Giacobbe ou a personagem de uma das capas de “I Miss You”, criada pelo estúdio de animação Spümcø. Além do design de álbuns e singles, a Me Company também é responsável por pelos logótipos presentes em várias capas e objectos gráficos relacionados com este álbum.

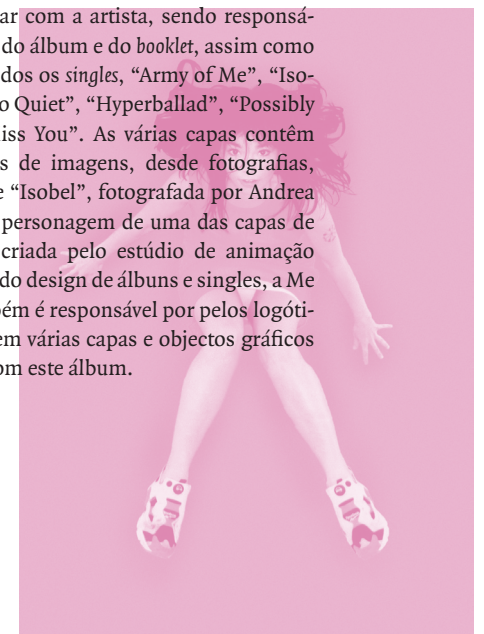


Fig. 16



Fig. 17

JEAN BAPTISTE MONDINO



Fig. 18

ME COMPANY



Fig. 19

## HOMOGENIC

Considerado para muitos o melhor álbum da artista, *Homogenic*, lançado em 1997, mostra ser um dos trabalhos mais sólidos da cantora, fixando Björk no panorama da cultura pop. A nível conceptual, a persona relacionada este álbum está directamente ligada aos momentos que antecedem o álbum, nomeadamente o excesso de trabalho, a súbita ascensão à fama e o escrutínio constante dos media. A capa de *Homogenic* mostra Björk como uma guerreira, alguém que se protege e é capaz de enfrentar desafios, impossível de ser derrubado<sup>30</sup>. A nível musical, o álbum é mais agressivo que *Post* utilizando a música electrónica e a música clássica em conjunto para criar batidas poderosas e magníficas. Após a dupla de álbuns *Debut* e *Post*, que retratavam os vários anos de escrita de músicas da cantora e diversas reacções da artista a vários produtores com estilos diferentes<sup>31</sup>, *Homogenic* é o primeiro álbum da sua discografia que se centra no momento em que está a ser criado e é uma resposta directa às necessidades e ao estado de espírito da artista.

A sonoridade de *Homogenic* baseia-se muito na ideia de nacionalismo. Após uma explosão de sons e estímulos nos dois primeiros álbuns, *Homogenic* representa um regresso às raízes da cantora, na Islândia, com batidas que remetem para as paisagens inóspitas e geladas da ilha, assim como a actividade vulcânica que também a caracteriza.

*“...Electricity and electronics should be electronic, they shouldn't try to be like Japanese flute or violin. They should be proud of what they are. Almost like sincere and honest techno noises, 'cause often people use them as cold and nasty. I think technology is very warm and sentimental, as well. It can be very mushy and emotional. I wanted Homogenic to reflect where I'm from, what I'm about. I wanted the beats to be almost distorted ; imagine if there was Icelandic techno. Iceland is one of the youngest countries geographically, it's still in the making. So the sounds would be still in the making”*<sup>32</sup>

Ao mesmo tempo que novas colaborações começavam, antigas colaborações acabaram, nomeadamente com Nellee Hooper que havia caracterizado a sonoridade dos dois primeiros álbuns. Eventualmente as diferenças musicais que entre o produtor e Björk começaram a ganhar mais relevância e levaram a que a colaboração, que perdeu a sua força a meio da produção de *Post*, se desvanecesse. Naturalmente, no álbum seguinte, novas colaborações surgiram, agora par a par com o processo natural de crescimento de Björk enquanto artista autónoma<sup>33</sup>. Em *Homogenic* Björk assu-

30 Documentário *Inside Björk*  
(2003), realizado por Cristopher Walker

31 Revista *Raygun* (1997)

32 Revista *Raygun* (1997)

33 Revista *NME* (1997)

miu uma atitude mais activa na produção do álbum, estando muito mais em controlo de como seria a sonoridade do álbum, com Mark Bell, membro dos LFO e produtor do álbum, como “rede de segurança”, à semelhança do que Hooper havia feito anteriormente<sup>34</sup>. Ainda assim, o produtor teve bastante influência na sonoridade das músicas, muitas vezes escritas previamente por Björk e só posteriormente editadas por Bell, que entrava no processo, trabalhando em batidas e arranjos por cima da base providenciada por Björk. A música “Pluto”, por exemplo, foi criada a partir de um momento espontâneo, em Espanha, onde grande parte de *Homogenic* foi gravado<sup>35</sup>. Makus Dravs, que havia trabalhado em *Post*, foi o engenheiro sonoro do álbum e, segundo Björk, numa entrevista à revista *Musician*, a abordagem de Dravs era a de um “engenheiro criativo” e estava muito envolvido na criação do álbum. Björk enviava-lhe batidas que considerava “islandesas” e de acordo com o conceito do álbum e Dravs, em seu turno, criava outros sons que serviriam de base às músicas que comporiam o álbum<sup>36</sup>. Outros nomes que colaboraram em *Homogenic* foram Guy Sigsworth e Eumir Deodato, que haviam trabalhado em *Post*.

Com um perfil solidificado na cultura popular, as colaborações com nomes de outras áreas além da música começam a ter lugar. Em mais do que uma ocasião trabalha com Alexander McQueen, responsável pela direcção artística da capa do álbum, pelo kimono que a artista utilizou na sessão fotográfica e pela realização do vídeo de “Alarm Call”<sup>37</sup>, e com Nick Knight, fotógrafo da capa do álbum e um colaborador em futuros projectos.

Além de McQueen, Björk conta com o contributo de Michel Gondry (“Jóga”, “Bachelorette”), o fundador da Me Company, Paul White (“Hunter”) e Chris Cunningham (“All Is Full Of Love”) como realizadores para os vídeos de *Homogenic*. Chris Cunningham colaborou com Björk apenas uma vez mas levou a cabo um dos vídeos mais icónicos da carreira da cantora. “All Is Full Of Love”, o último single de *Homogenic*, foi pensado como um mini filme e lançado fora das estratégias de marketing do álbum. Após Cunningham ter colaborado com Aphex Twin, Björk decidiu contactar o realizador para trabalhar no vídeo para o single, cuja versão do vídeo é um lado B da versão original. O vídeo apresenta dois robôs a ter relações sexuais, numa simbiose entre o natural e o mecânico. As directrizes conceptuais e visuais de Björk para este vídeo foram de que deveria ser algo branco e com superfícies sólidas mas que de alguma forma representasse luxúria, não apenas um ambiente asséptico, numa tenta-

34 Revista *IPC* (1997)

35 Revista *Mixmag* (1997)

36 Revista *Musician* (1997)

37 A versão da música apresentada no vídeo é a versão *Radio Mix*, lançada juntamente com duas outras versões da música em *Alarm Call (Version 1)*.



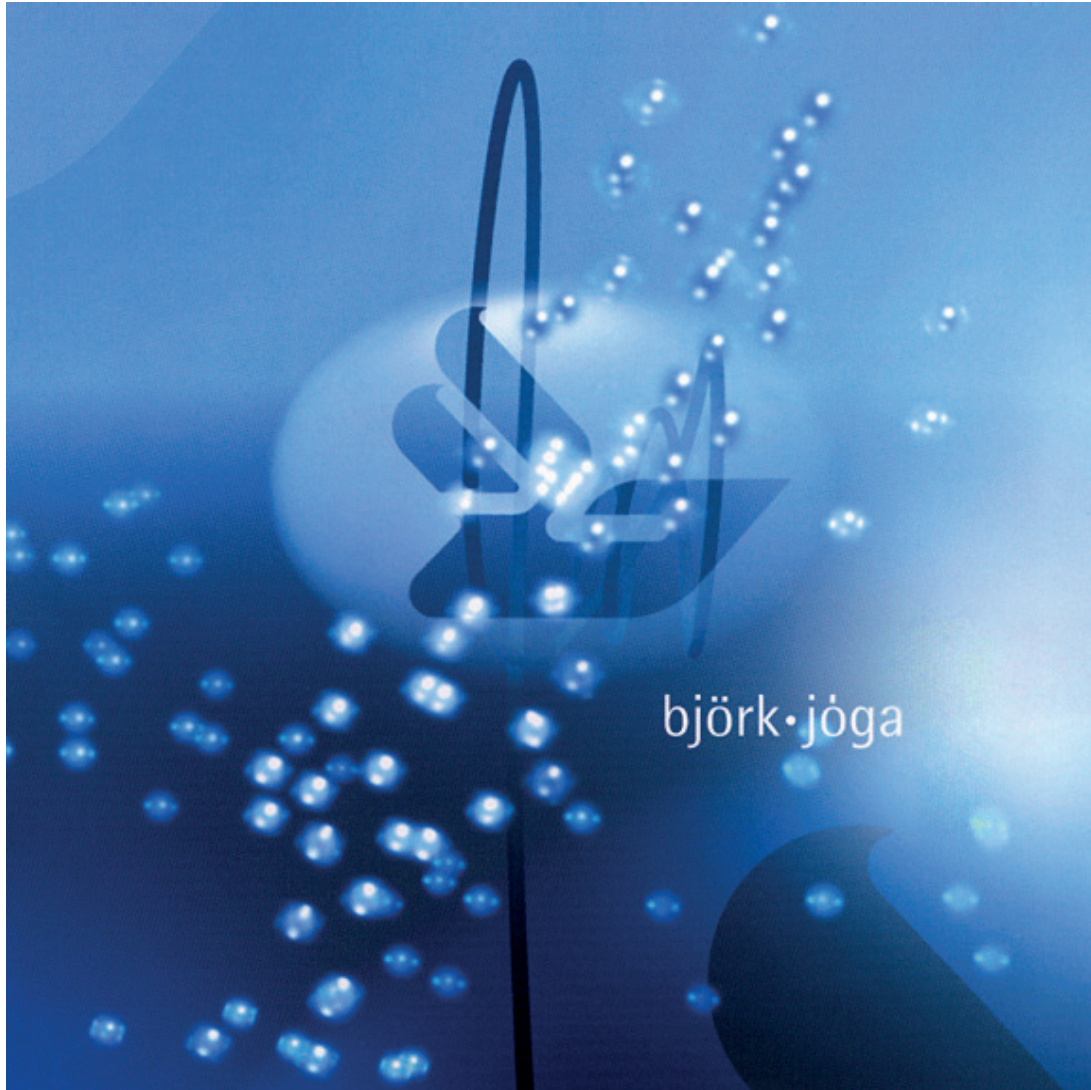
Fig. 20



tiva de explorar a ideia de eroticismo de uma forma nova, fora do comum. Em “The Work of Director Chris Cunningham”, a artista explica estas ideias e como o imaginário deste vídeo parte de estátuas de marfim chinesas com representações eróticas. O vídeo final de “All Is Full Of Love”, que conta com bastante intervenção digital, utiliza dois figurinos nos quais, em edição, é digitalmente imposta a cara de Björk. Com esta colaboração, a artista comenta que, mais do que intervir no vídeo, sentiu que faria muito mais sentido dar espaço e liberdade criativa a Cunningham de modo a que pudesse executar a sua visão de uma forma fiel e apenas ver o resultado final. Mais do que dirigir ou acompanhar o processo, a artista afirma que o seu papel nesta colaboração foi de assegurar que existia uma ligação, uma conexão entre ambos que fizesse sentido.

Novamente, e pela última vez, o design gráfico deste álbum esteve ao cargo da Me Company, responsável pelo álbum e singles, “Jóga”, “Bachelorette”, “Hunter”, “Alarm Call” e “All Is Full Of Love”, este último contando com imagens do vídeo como capa.

ME COMPANY



HOMOGENIC

Fig. 22

HOMOGENIC



HOMOGENIC



Fig. 23

HOMOGENIC

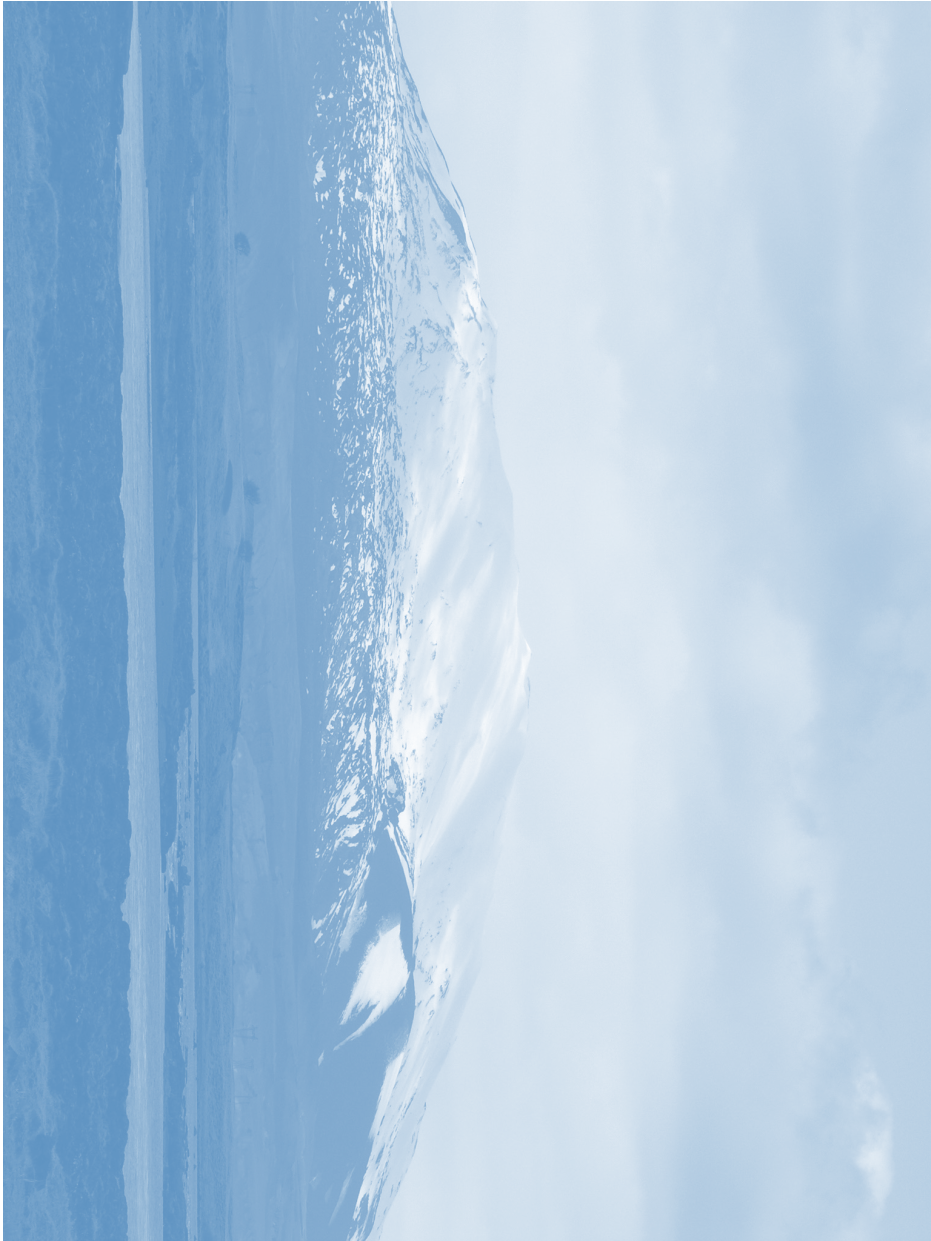
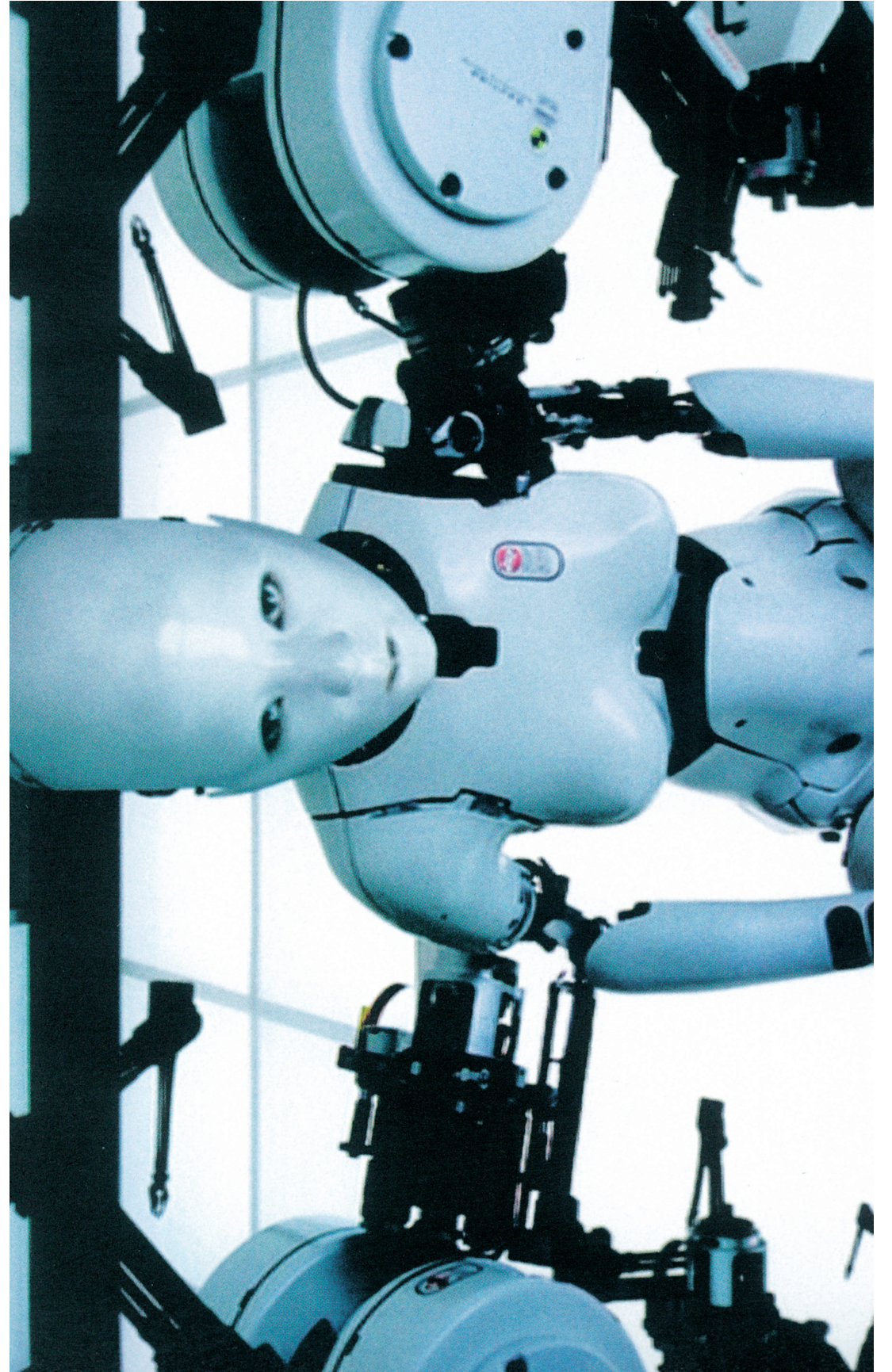


Fig. 24



CHRIS CUNNINGHAM

Fig. 25



Fig. 26

**VESPERTINE** • *Vespertine*, lançado em 2001, é caracterizado pelo carácter “doméstico” e microscópico. O imaginário da persona que deste álbum é o de alguém que “mora num local isolado, dentro de casa, que toca uma caixa de música perante uma paisagem coberta de neve.”<sup>38</sup> / **38** “*Björk: Minuscule*” é um documentário realizado por Ragnheiður Gestsdóttir e lançado em 2003 que acompanha a digressão de *Vespertine*. / Este álbum surge em reacção às sonoridades e conceitos anteriores uma vez que, após ter viajado pelo mundo e ter tido uma experiência de vida quase nómada devido às digressões mundiais, Björk sentiu bastante interesse pela ideia de casa e sons domésticos. Emocionalmente, a cantora afirma que o período de criação de *Vespertine* foi um período de grande introspecção, com sentimentos bastante fortes mas ainda assim “silenciosos”<sup>39</sup>. / **39** “*Björk: Minuscule*” (2003) / Assim, a sonoridade de *Vespertine* apresenta-se como algo minúsculo, detalhado e fragmentado, oposto às grandes batidas, sons e emoções de *Homogenic* e virado para uma dimensão interior serena, que vive de microbatidas, sons minúsculos uma multitude de detalhes sonoros, como um bordado sonoro extremamente pormenorizado. Uma ideia central à criação do álbum é a de pegar em sons de pequena dimensão e ampliá-los, expondo-os. Esta técnica tem a ver com uma estratégia de convidar o espectador a entender o álbum e a entrar no seu universo introspectivo. Nos concertos (cujo pano de fundo conta com ilustrações de Ernst Haeckel) está presente a mesma ideia: A digressão foi feita apenas em espaços fechados onde foram instaladas colunas em todo o redor das salas de espectáculo de modo a criar uma experiência intimista e imersiva com o público. ¶ Num projecto que conta com contribuições de Matthew Barney e Marjan Pejowski, que criou o famoso vestido de cisne, usado na capa<sup>40</sup> / **40** A sessão fotográfica é levada a cabo, pela primeira vez, pela dupla holandesa Inez van Lamsweerde e Vinoodh Matadin, marcando o início de uma longa parceria entre os fotógrafos e a cantora. / de *Vespertine* e nos Oscars em 2001<sup>41</sup>. / **41** Björk era uma das nomeadas na categoria de *Best Original Song*, com a música “I’ve Seen it All”, parte da banda sonora que compôs para o filme *Dancer in the Dark*, de Lars von Trier, onde também tem o papel principal. / Björk começa cada vez mais a afirmar-se como directora artística do álbum, sendo responsável pela forma como as contribuições de diferentes entidades se unem e criam um imaginário coeso<sup>42</sup>. / **42** Revista *Elektra* (2001). / Mantêm-se colaboradores como Guy Sigsworth, que co-escreveu “Sun in My Mouth”<sup>43</sup> / **43** A música “Sun in my Mouth” é uma adaptação do poema “I Will Wade Out” de ee cummings. / e “Harm of Will” mas novos colaboradores como Thomas Knak, que co-escreveu “Cocoon” e “Undo” e Zeena Parkins, harpista do álbum que também participou na digressão mundial, Damian Taylor, que trabalhava com Guy Sigsworth e trabalha em “Hidden Place”, “Aurora”, “An Echo, A Stain” e “Unison” ou Matmos começam a trabalhar com a artista<sup>44</sup>. / **44** A música “Sun in my Mouth” é uma adaptação do poema “I Will Wade Out” de ee cummings. / Matmos são uma dupla norte americana que trabalha em música experimental, contando com trabalhos que utilizam, por exemplo, sons de objectos domésticos para criar batidas<sup>45</sup>. / **45** Um exemplo é o álbum *Ultimate Care II*, feito a partir de sons de uma máquina de lavar roupa. / Trabalharam em *Vespertine* na recta final da produção do álbum e ajudaram na criação de batidas para o álbum, embora grande parte do trabalho tenha sido feito por Björk. Também estiveram na digressão mundial, trabalhando a nível de programação e mistura ao vivo. Os artistas referem, no documentário “*Björk: Minuscule*”, que as linhas guia conceptuais dadas por Björk eram, por exemplo, o “som de uma

INEZ E VINOODH, M/M (PARIS)

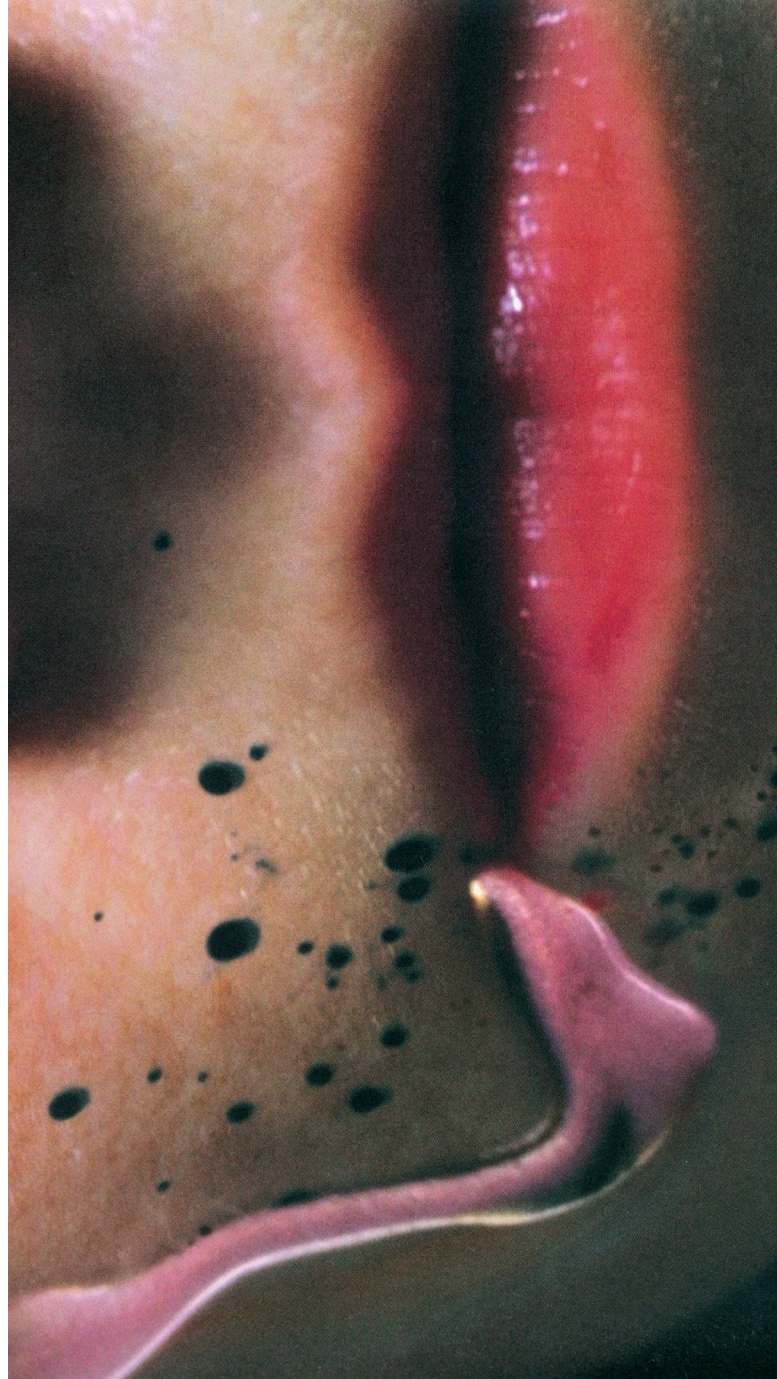


Fig. 27



Fig. 28

VESPERTINE



Fig. 29

NICK KNIGHT, ALEXANDER MCQUEEN

flor a desabrochar”, ou semelhantes. Voltaram a trabalhar na mistura do seu álbum seguinte, *Medúlla*, embora não com um papel tão relevante como em *Vespertine*. É em *Vespertine* que os fotógrafos de moda Inez Van Lamsweerde e Vinoodh Matadin<sup>46</sup>, / **46** Conhecidos mundialmente, fotografam para marcas como Gucci, Yves Saint Laurent, Givenchy, Balenciaga ou Chanel e publicações como *Vogue Paris*, *W Magazine* e *The New York Times*. / mais conhecidos como Inez e Vinoodh, reconhecidos mundialmente, começam a trabalhar com Björk. São os fotógrafos da capa do álbum e co-realizadores o vídeo de “Hidden Place” (single para o qual também fotografaram a capa) juntamente com os designers gráficos M/M (Paris). Desde este primeiro trabalho que viriam a colaborar frequentemente com a artista, voltando a fotografá-la para as capas de vários álbuns e singles até 2015, com *Vulnicura*. Outro colaborador é Alexander McQueen, que volta a contribuir para *Vespertine*, sendo responsável pela criação do vestido topless utilizado no vídeo de “Pagan Poetry”, single cuja capa e vídeo são da autoria de Nick Knight. Outro nome a referenciar é a estilista Hrafnhildur Arnardóttir (também conhecida como Shoplifter), responsável pelo cabelo de Björk no vídeo de “Cocoon”, realizado por Eiko Ishioka<sup>47</sup>. / **47** Eiko Ishioka foi figurinista e designer gráfica japonesa, tendo trabalhado com Grace Jones na guarda roupa da digressão “Hurricane” em 2009 e contribuído para diversos filmes com os seus figurinos extravagantes. Em 1993 ganhou o Óscar de *Best Costume Design* com o seu trabalho no filme *Dracula* (1992), realizado por Francis Ford



Fig. 30

VESPERTINE

Coppola. / O design gráfico está a cargo do estúdio M/M (Paris)<sup>48</sup> / **48** O estúdio de design M/M (Paris) tem vindo a acompanhar o trabalho de Björk há imensos anos, tendo sido colaboradores de longa data. Trabalharam nos mais diversos meios em conjunto com outras entidades. Desenharam também os livros “Björk as a book”, “Björk live book”, “Biophilia the manual”, “Biophilia live book”, “Björk: Archives” e “34 scores for piano, organ, harpsichord and celeste”. / responsáveis pela ilustração que aparece na capa do álbum e pelo design dos singles “Hidden Place” e “Cocoon”.



Fig. 31



Fig. 32

VESPERTINE

INEZ E VINOODH, M/M (PARIS)

## MEDÚLLA

*Medúlla*, cujo título deriva do latim *medulla*, é lançado em 2004 e é um álbum quase exclusivamente vocal no qual existem influências muito vincadas, nomeadamente a maternidade e o contexto político mundial. A ideia principal consistia em criar um álbum com sons primitivos, reminiscentes de algo anterior à criação de uma civilização. Par a par com esta ideia de primitivismo existe um interesse em noções extremamente carnis — sangue, ossos, carne — tudo estímulos que surgem como consequência da experiência da maternidade. Tal como o carácter minúsculo de *Vespertine* surge em reacção à grandiosidade de *Homogenic*, o carácter orgânico e visceral *Medúlla* surge em resposta à abordagem metódica e calculada de *Vespertine*. Outra razão para a criação deste álbum foi o interesse que sempre teve, desde a adolescência, em criar um álbum apenas vocal, sendo que afirma que durante todo o processo de gravação do álbum sentiu que estava a trabalhar em algo que ficou para segundo plano durante vários anos<sup>49</sup>. Sendo um álbum constituído apenas por vozes humanas, estão envolvidas várias técnicas vocais, desde o canto gutural inuíte a *beatbox*. Colaborativamente, trabalhou com uma série de artistas com diferentes repertórios de técnicas vocais.

Antes ainda do conceito do álbum estar totalmente desenvolvido, Björk gravou a faixa de abertura do álbum, “The Pleasure is All Mine”, com Tanya Tagaq<sup>50</sup> e, a partir de então foi-lhe muito mais fácil perceber que tipo de abordagem teria e com quem trabalharia neste álbum<sup>51</sup>. Björk refere que a forma como trabalhou com Tagaq funcionou bastante bem porque ambas se dedicaram à colaboração de uma forma orgânica, esperando por um momento em que pudessem passar tempo juntas e trabalhar<sup>52</sup>. Assim, a partir do resultado de deste processo com Tagaq, a colaboração com outros artistas vocais tornou-se natural e um processo muito mais fluido. Ao elenco de *Medúlla* juntam-se então dois coros, Mike Patton, Robert Wyatt e especialistas de *beatboxing* Rahzel<sup>53</sup>, Shlomo e Dokaka.

**49** “The Inner or Deep Part of an Animal or Plant Structure” (2004), realizado por Ragnheiður Gestsdóttir

**50** *Daily Telegraph UK* (2004)

**51** Uma convidada inesperada que poderia ter feito parte deste álbum apenas vocal é Beyoncé, que acabou por não contribuir por conflitos horários aquando das gravações. *The New Yorker*, 2004

**52** Revista *Dazed and Confused* (2004)

**53** Björk descobriu Rahzel quando este criava versões *acapella* da banda Kraftwerk

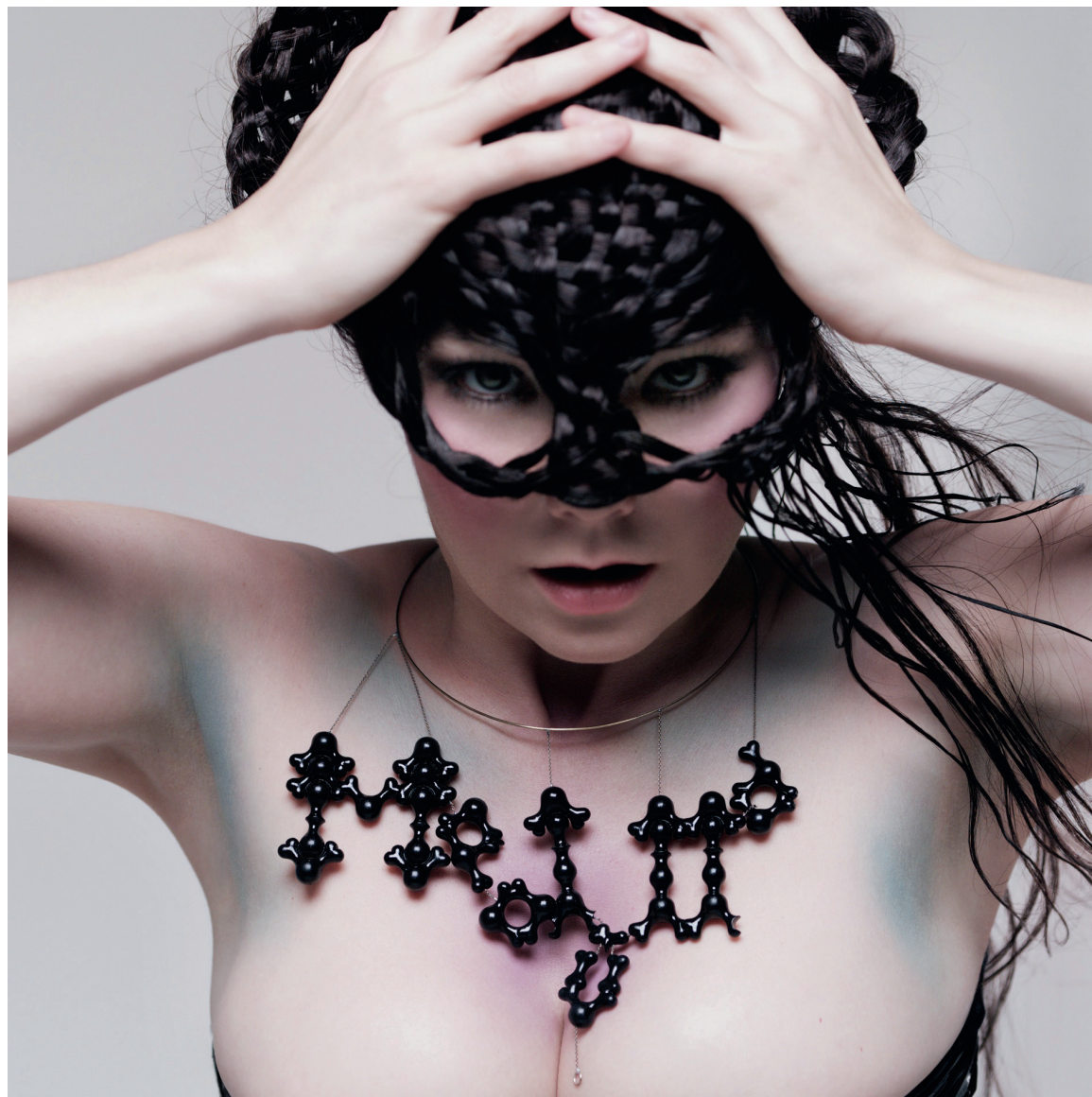


Fig. 34

A princípio, quando Björk decidiu que iria desenvolver um álbum vocal, decidiu à partida que um dos recursos que não usaria seria o *beatbox*, por ser o mais expectável de um álbum apenas vocal. Mas após ter conhecido o trabalho de Rahzel e de perceber que, além de ter imensa sensibilidade musical, os sons que criava eram muito mais complexos e intrincados do que estava à espera, decidiu contactá-lo através de Mike Patton, que os apresentou<sup>54</sup>. Já a colaboração com Robert Wyatt surgiu depois de o álbum estar praticamente finalizado. De acordo com a entrevista que deu à revista *Interview* em 2004, sentia que faltava sentimentalidade no álbum, uma característica inerente à voz humana, e decidiu contactar Wyatt, que aceitou imediatamente. Encontraram-se, trabalharam durante o curso de um dia e as vocais dele foram acrescentadas ao álbum, substituindo até algumas vocais de Björk<sup>55</sup>.



Fig. 35

**54** Revista *Dazed and Confused* (2004)

**55** Revista *Interview* (2004)

**56** Björk actuou nos Jogos Olímpicos em Atenas, em 2004, com uma performance de “Oceania”, usando um vestido de Sophia Kokosalaki. Na actuação, é criada a ilusão de que o vestido de Björk se estende ao longo de todo o estádio, como ondas do mar, uma alusão à temática da música.

**57** “Who is it” é o segundo *single* do álbum *Medúlla*, lançado em Outubro de 2004. Na entrevista que deu ao *The New Yorker*, Björk elabora sobre uma parte da criação da *bassline* da música: “[The bassline] (...) is a mix between two things. There was a baritone called Gregory Purnhagen. I think he sang with Philip Glass and Meredith Monk, and he was really precise! It was exciting to work with someone so professional. He did the drone almost like, you know—what do you call the people in the Himalayas? The monks! So he did that noise, and then we put it down an octave. Then there was Mike Patton, whose voice is a roar. He’s got many foot pedals when he sings. He would do some of this bass line, too, where he would actually put it in some sort of harmonizer.”

MEDÚLLA



Fig. 36



Fig. 37

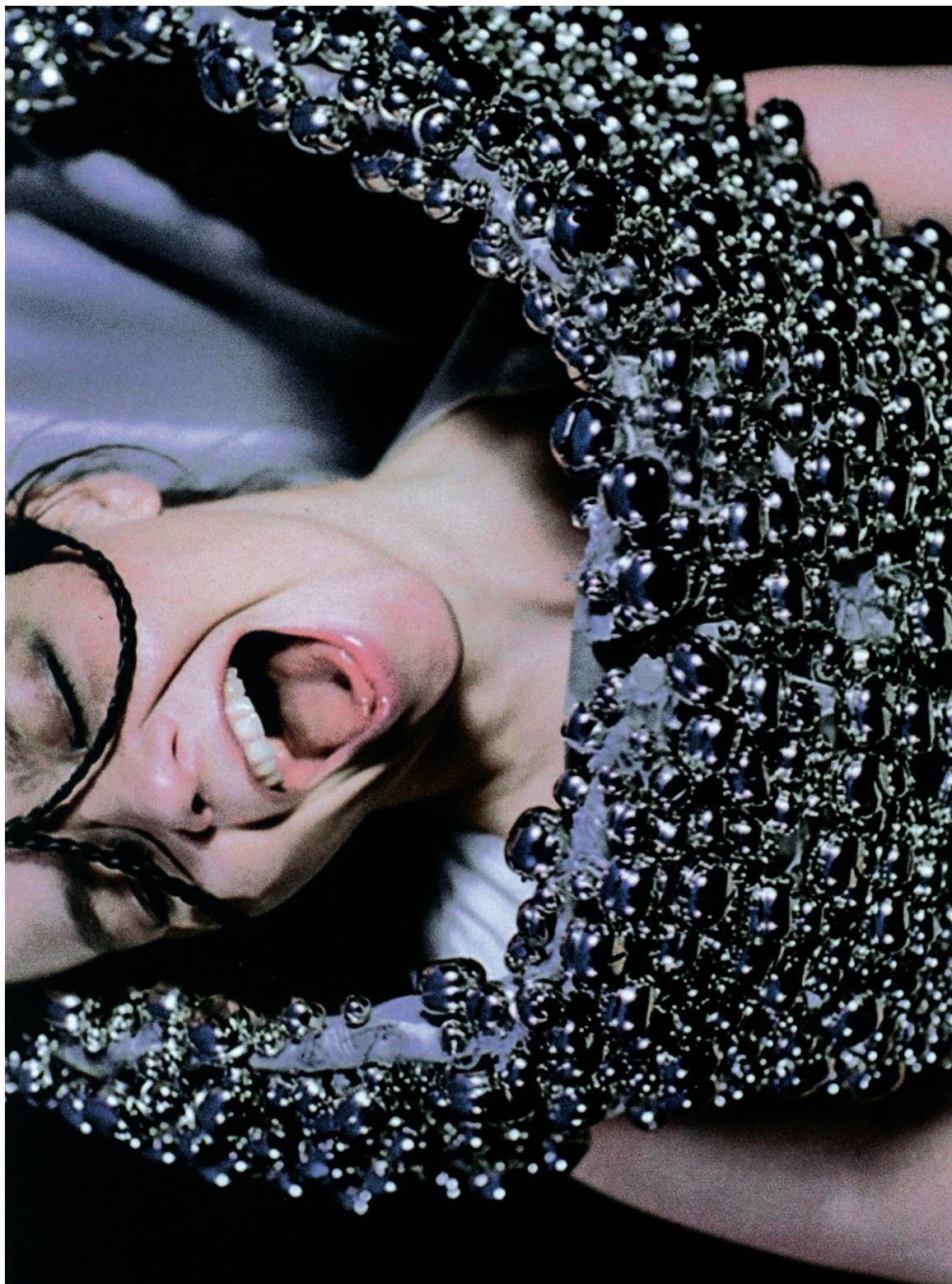


Fig. 38

Na área da produção musical do álbum existem nomes que se repetem, como Mark Bell, que trabalhou em “Pleasure is All Mine”, “Where is the Line”, “Who Is It (Carry My Joy On The Left Carry My Pain On The Right)”, “Submarine”, “Oceania”<sup>56</sup>, “Mouth’s Cradle” e “Triumph Of A Heart”, e Matmos, que trabalharam em “Who is it”<sup>57</sup>, e haviam contribuído para *Vespertine*. Já quem esteve a cargo do processo de mistura foi Mike “Spike” Stent, colaborador desde *Post*<sup>58</sup>.

No universo visual, existem também nomes que se repetem, como Alexander McQueen, que cria o vestido de sinos utilizado no vídeo<sup>59</sup> de “Who is it”, cuja capa é uma fotografia Inez e Vinoodh, também responsáveis pela capa do álbum e conta com uma peruca feita por Shoplifter, também responsável pelo cabelo de Björk nos vídeos de “Oceania” e “Who is it” e instrumental na criação do imaginário visual deste projecto. Os vídeos de *Medúlla* são realizados por Lynn Fox (“Desired Constellation”, “Oceania”), Dawn Shadforth (“Who Is It”), Spike Jonze<sup>60</sup> (“Triumph Of A Heart”) e Gabriela Fridriksdóttir<sup>61</sup> (“Where Is The Line”).



Fig. 39

**58** *The New Yorker* (2004)

**59** A versão da música que aparece no vídeo é um *remix* da música original. Aparece na colectânea de 3 *singles Who is it (Remixes)* com o nome de “Who Is It - Bell Choir Mix”.

**60** Além de ter realizado “Triumph of a Heart” de *Medúlla* e “It’s Oh So Quiet” de *Post*, Spike Jonze também é o realizador do vídeo de “It’s In Out Hands”, um single da compilação *Greatest Hits* com uma produção semelhante à de *Vespertine*.

**61** Gabriela Fridriksdóttir havia já trabalhado com Björk na caixa/colectânea *Family Tree*, lançado em 2002.

MEDÚLLA



Fig. 40



SOPHIA KOKOSALAKI

Fig. 41



Fig. 42

## VOLTA

**62** Aquando do lançamento de Volta a artista lançou também um podcast já não disponível, dividido em seis partes, no iTunes.

**63** Revista *Filter Mag* (2007).

Volta (2007) afirma-se com um carácter mais activista e político. A artista confessa<sup>62</sup> que, durante a altura da criação do álbum, se debatia com o lugar dos seres humanos relativamente à natureza e na dualidade que se cria quando nos questionamos se somos ou não parte da natureza. Resumindo Volta, afirma que seria sobre justiça, em especial justiça para as mulheres, e que o álbum tem a ver com um processo da cantora de se actualizar a si mesma, em grande parte por ter uma filha e querer ensiná-la<sup>63</sup>. Volta é um grito de liberdade, uma forma de expandir horizontes e sair de uma rotina claustrofóbica, que tinha vindo a ser intensificada com os dois últimos trabalhos da artista, *Vespertine* e *Medúlla*, muito centrados em si mesma, primeiro de forma metódica e doméstica e em seguida de forma visceral e orgânica.

**64** Transcrição da rádio XFM (2007).

**65** Rádio XFM (2007).

“(…) I had sort of been in my own studio working a lot for a few years. And I had gotten pregnant, had a baby, breastfeeding, all this kind of stuff. And then suddenly my daughter was old enough to go to kindergarten. I guess I was probably suffering from cabin fever, so in the begging of this album I was just like, “Okay, let’s go out! Let’s go and have an adventure, go into an environment that is the unknown to me, and I don’t know what’s gonna happen.” And before I felt that strongly, it probably affected the collaborations, the fact that I was really going for the album emotionally. That as long as it’s adventurous, I’m doing it. A bit of a one-track mind, but that was sort of what drove this album.”<sup>64</sup>

Contando com sons mais imperfeitos, como cordas que são tocadas e continuam a vibrar e conjuntos de sopro, mas muito mais assumidos, vívidos e confrontacionais, sem medo de enfrentar o ouvinte e olhá-lo no olho<sup>65</sup>, Volta é um álbum cuja sonoridade é mais descomprometida e espontânea, com mais estímulos, muitos deles ligados a ideias de artesanato, relação com a natureza e estéticas tribais e pagãs.

**66** Website *Drowned in Sound* (2007).

**67** Em entrevista à revista *Stylus*, a artista comenta a pesquisa para o seu trabalho anterior na a banda sonora de *Drawing Restraint 9*, filme do artista Matthew Barney pode ter sido uma das razões pelas quais se interqessou e criou empatia com estes novos instrumentos e sonoridades.

Refere em entrevista ao *The Guardian* (2007) que o processo e criação de batidas para Volta foi muito mais orgânico, entendendo, através de contacto com Konono n<sup>o</sup>1, que as batidas nem sempre tinham que ser programadas e bem estruturadas digitalmente, mas que podiam viver de uma nova fluidez. Foi com este estado de espírito que se aproximou de novos colaboradores musicais, como Chris Corsano e Brian Chippendale, e abriu portas a experiências sonoras mais impulsivas.

Volta representa, tal como álbuns anteriores, uma nova onda de colaboradores, que foram surgindo espontaneamente com o desenrolar do processo de criação do álbum<sup>66</sup>, desta vez (e de acordo com a temática do álbum) artistas de várias partes do mundo<sup>67</sup>, desde África, com a banda congoleza Konono N<sup>o</sup>1 e o tocador de cora malês Toumani Diabaté, à Ásia, com a tocadora de pipa Min Xiao-Fen, oriunda da China, passando também pela América do Norte, com colaboradores habituais e novos nomes

como Chris Corsano e Brian Chippendale na percussão, Anohni, amiga próxima de Björk, na voz e Timbaland na produção. Esta escolha de ter artistas de outras nacionalidades não se baseia nas suas nacionalidades mas na qualidade do seu contributo musical<sup>68</sup>, assim como numa certa empatia que Björk sente, por também ser de outro país<sup>69</sup>. Cada vez mais a artista passa a trabalhar durante grande parte do processo sozinha, recorrendo a colaboração apenas no final da produção do álbum, já com conceitos solidificados e bem construídos<sup>70</sup>.

**68** Revista *Filter* (2007).

**69** *The Guardian* (2007).

Musicalmente, *Volta* é um álbum bastante rico. A relação pessoal e profissional que mantém Anohni (que contribuiu com vocais para as músicas “My Juvenile” e “The Dull flame of Desire”), desenvolveu-se de forma natural e levou à gravação de “The Dull Flame of Desire”, em que ambas as artistas cantam a plenos pulmões, como num dueto de divas<sup>71</sup>.

**70** Revista *Stylus* (2007)

**71** Rádio *XF*M (2007)

**72** Website *Brooklyn Vegan* (2007)

**73** Björk refere, no podcast lançado com *Volta*, que Timbaland já conhecia o seu trabalho desde a altura em que havia lançado *Debut* e tinha interesse na forma como o álbum combinava diferentes influências culturais no seu álbum e que gostaria de colaborar com ela.

Mark Bell volta a colaborar neste novo projecto, embora não haja, tal como anteriormente, nenhuma relação de superioridade entre o produtor e Björk. Bell chega até a intervir no processo apenas na fase final, quando as músicas já estavam acabadas, mostrando respeito e confiança pelo trabalho de produção da cantora<sup>72</sup>. Também volta

a trabalhar com Damian Taylor, que colabora em todas as faixas do álbum e havia já contribuído para *Vespertine*.

Uma colaboração inesperada é com Timbaland, que produz três músicas<sup>73</sup>, “Earth intruders”, “Innocence” e “Hope”. Desde que havia ouvido a faixa “Venus as a Boy”, de *Debut*, que o produtor tinha mostrado interesse no trabalho de Björk e que se havia estabelecido uma sensação de admiração mútua. Ainda assim, o momento de colaborar não havia chegado até então. Com o começo de *Volta*, Björk percebeu que era a oportunidade perfeita e contactou Timbaland, que aceitou

**74** Rádio *XF*M (2007)

**75** Website *me-me-me* (2007)

**76** Website de *The Icelandic Love Corporation*

**77** Revista *Dummy* (2007)

**78** Nick Knight havia já colaborado com Björk ao fotografar a capa de *Homogenic* e a realizar o vídeo de “Pagan Poetry”, um dos singles de *Vespertine*.

**79** Revista *Fashion Rocks* (2007).

a proposta. A colaboração começou com um momento de improviso, depois de se terem juntado, criados batidas e cantado sem regras<sup>74</sup>. Eventualmente Timbaland acabou por não estar presente em todo o processo de *Volta* devido a outros projectos, tendo sido Björk a acabar as músicas que tinham começado<sup>75</sup>, como foi o caso de “Earth Intruders”, que foi cortada por ter inicialmente a duração de 12 minutos, estruturada e complementada com instrumentais de Konono N°1 e Chris Corsano, ou “Hope”, em que só foram adicionadas batidas e instrumentais de Toumani Diabaté. Ainda assim as faixas não foram demasiado editadas, uma vez que Björk queria que a sonoridade do álbum não fosse demasiado refinada, mas sim mais espontânea, como comenta em entrevista à *Metromix* (2007).



NICK KNIGHT, BERNHARD WILLHELM

THE ICELANDIC LOVE CORPORATION



Fig. 44



ENCYCLOPEDIA PICTURA

Fig. 45

Inez e Vinoodh foram, mais uma vez, os fotógrafos das imagens do booklet que acompanha o CD e das capas dos vários singles desse álbum: “Earth Intruders”, “Innocence”, “Declare Independence”, “Wanderlust”, “The Dull Flame of Desire”. Nessa sessão fotográfica, as várias das peças de tricotado, que vão desde máscaras a peças de roupa, são da autoria de The Icelandic Love Corporation. Este tipo de trabalho, o tricotado, está associado às ideias de artesanato

e ligação com a natureza que estão na base dos conceitos do álbum<sup>76</sup>. Já a capa do álbum, segundo a artista algo “electro-pagão” com algum humor<sup>77</sup>, é fotografada por Nick Knight<sup>78</sup> e contém uma peça (uma escultura que se pode vestir) da autoria de Bernhard Willhelm, a quem Björk pediu, depois de ter acesso a um catálogo de peças do designer<sup>79</sup>, para desenvolver o guarda roupa para a digressão do álbum. Novamente, os designers M/M (Paris) são responsáveis pelos

**80 Fred & Anabelle foram os vencedores de um concurso que permitia que fãs submetessem o seu próprio videoclip para a música “Innocence”**

grafismos do álbum. Na dimensão audiovisual do álbum, os vídeos de Volta foram realizados por Michel Ocelot (“Earth Intruders”), Fred & Anabelle<sup>80</sup> (“Innocence”), Michel Gondry (“Declare Independence”), Encyclopedia Pictura (“Wanderlust”) e Christoph Jantos, Masahiro Mogari and Marçal Cuberta Juncà<sup>81</sup> (“The Dull Flame of Desire”)

**81 O vídeo é realizado por três dos artistas que entraram na competição para o vídeo de “Innocence”. Björk gostou dos vídeos que tinham criado mas não estavam totalmente dentro do conceito de “Innocence”, por isso contactou três deles para criar partes do vídeo, uma vez que a música repete sempre o mesmo verso.**



Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48

BERNHARD WILLHELM



Fig. 49

THE ICELANDIC LOVE CORPORATION



## BIOPHILIA

Com *Biophilia* (2011), Björk embarca num projecto de grandes dimensões, maior do que qualquer outro até então. O conceito principal é a relação da música com a natureza e é a partir daí que constrói um álbum que desdobra numa *app*, num programa educativo e num documentário. *Biophilia*, sendo um projecto complexo, contou ainda mais com colaboração, havendo uma enorme lista de créditos, com contributos de especialistas das mais variadas áreas, desde a música até à programação, passando pelos envolvidos no projecto educativo e pelos investigadores<sup>82</sup> que unem todo o tecido conceptual do álbum. O álbum conta ainda com, além dos métodos convencionais, alguns instrumentos e técnicas musicais inventados ou incommuns<sup>83</sup>, que viriam a ser utilizados numa série de concertos que se agrupam em “residências artísticas” de curta duração em diferentes cidades do mundo. A sonoridade do álbum está intimamente ligada às temáticas abordadas, desde a natureza à ciência, criando um álbum menos convencional mas que funciona em perfeita sincronia com todas as outras áreas do projecto. Em *Biophilia*, a abordagem centra-se em utilizar sonoridades electrónicas mas recontextualizá-las e repensá-las<sup>84</sup>.

Björk começa a sentir interesse em ecrãs tácteis após ter utilizado essa tecnologia durante a digressão

**82** É durante a fase de pesquisa de *Biophilia* que James Merry, assistente pessoal e Björk e colaborador próximo, entra em contacto com a artista pela primeira vez.

**83** Vários instrumentos foram criados, alguns a partir de dois instrumentos de base, criando uma fusão.

**84** Website *Cycling 74* (2011)

para Volta, o seu álbum anterior. É no seguimento desse interesse que nasce a *app Biophilia*<sup>85</sup>, cujo propósito principal é explorar a conexão entre a música e a natureza e, através dessa conexão, ensinar e desmistificar a musicologia<sup>86</sup> de forma interactiva, através de uma série de diferentes interfaces interactivas. A aplicação divide-se em várias sub-aplicações, uma para cada música do álbum e permite explorar diferentes temáticas consoante a música. Com base nesta ideia de aprendizagem sobre música, foi desenvolvido um programa educacional, foi implementado em várias escolas na Europa, o *Biophilia Educational Project*<sup>87</sup>. A *app* foi desenvolvida por uma série de programadores, nomeadamente Luc Barthelet, Drew Berry, Stephen Malinowski, Kodama Studios, Touch Press, John Simon Jr., Max Weisel, sendo que o principal programador foi Scott Snibbe, da Scott Snibbe Studios.

Parte do projecto *Biophilia* é também o documentário “When Björk Met Attenborough”, no qual Björk entra em diálogo com Sir David Attenborough durante um passeio pelo Museu de História Natural em Londres. Os dois discutem semelhanças entre a natureza e a música, comparando a criação musical com, por exemplo, processos de formação de cristais, diferentes cantos de pássaros

**85** A *app Biophilia* foi a primeira *app* a ser comprada e integrada na colecção do MoMA.

**86** CNN (2011)

**87** O *Biophilia Educational Project* é um projecto educativo que se baseia na utilização da “criatividade como ferramenta de ensino e pesquisa, onde a música, tecnologia e ciências naturais são articuladas de forma inovadora” (tradução livre).

Fig. 51



APP BIOPHILIA: MOON

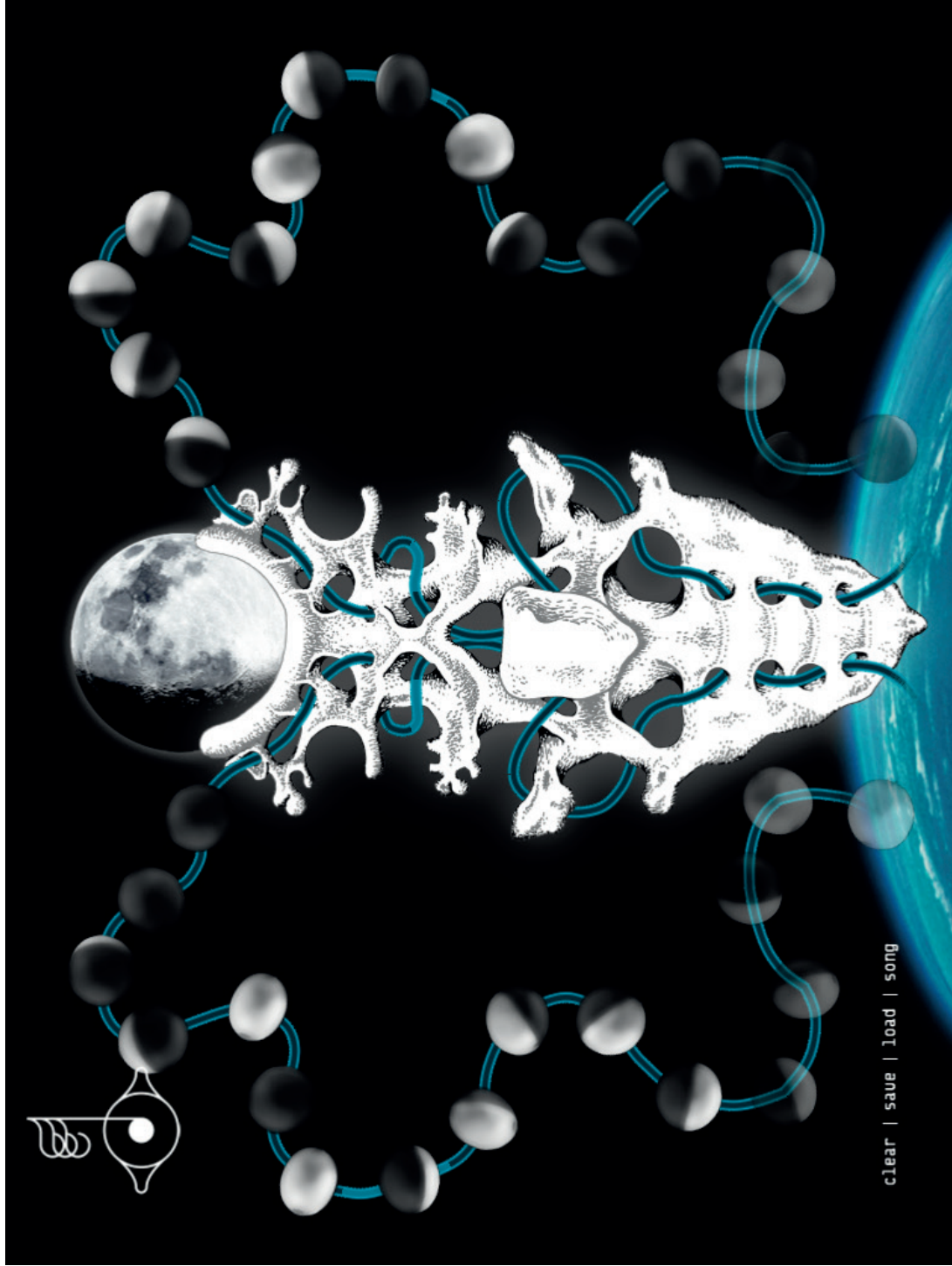


Fig. 52

APP BIOPHILIA: COSMOGONY

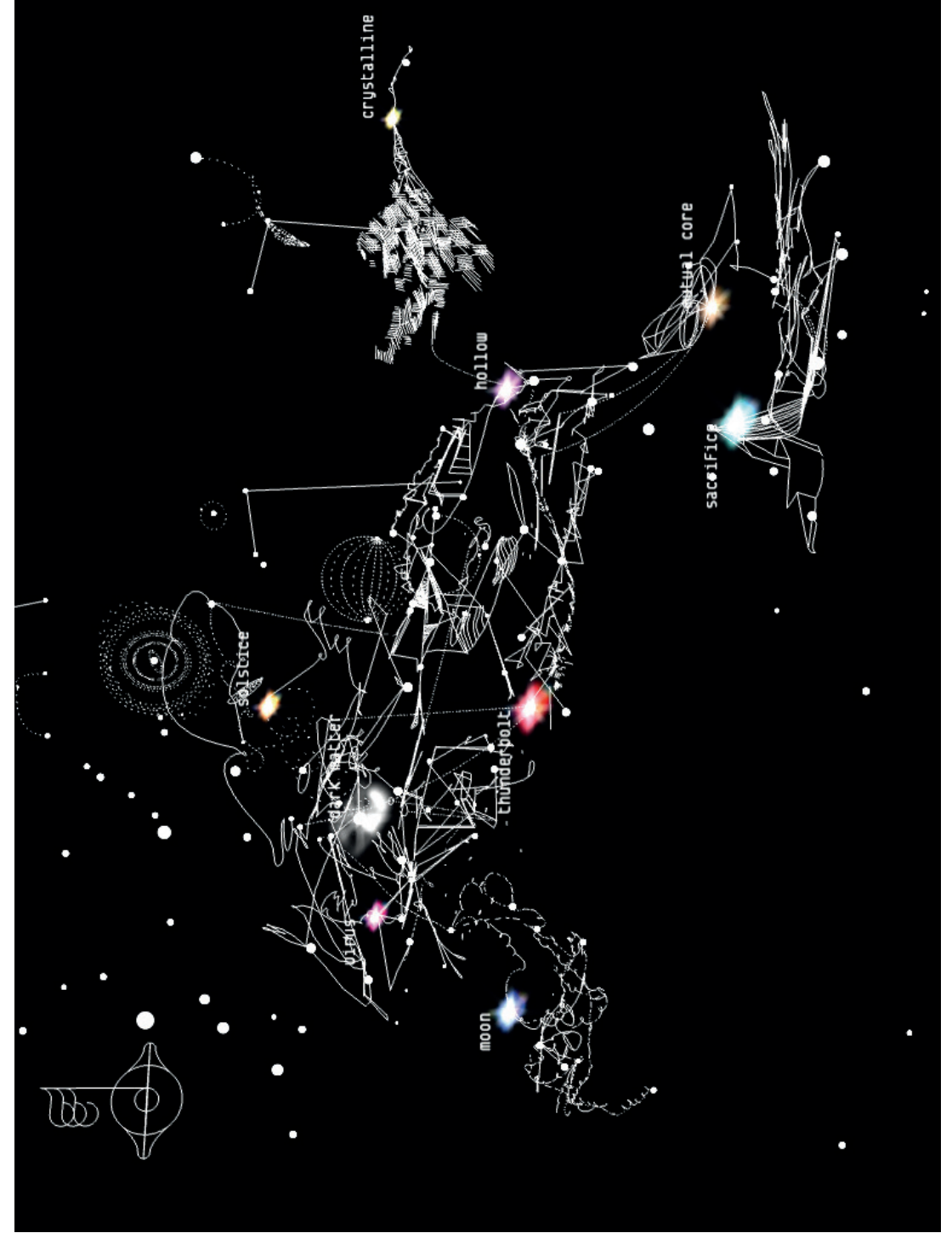


Fig. 53

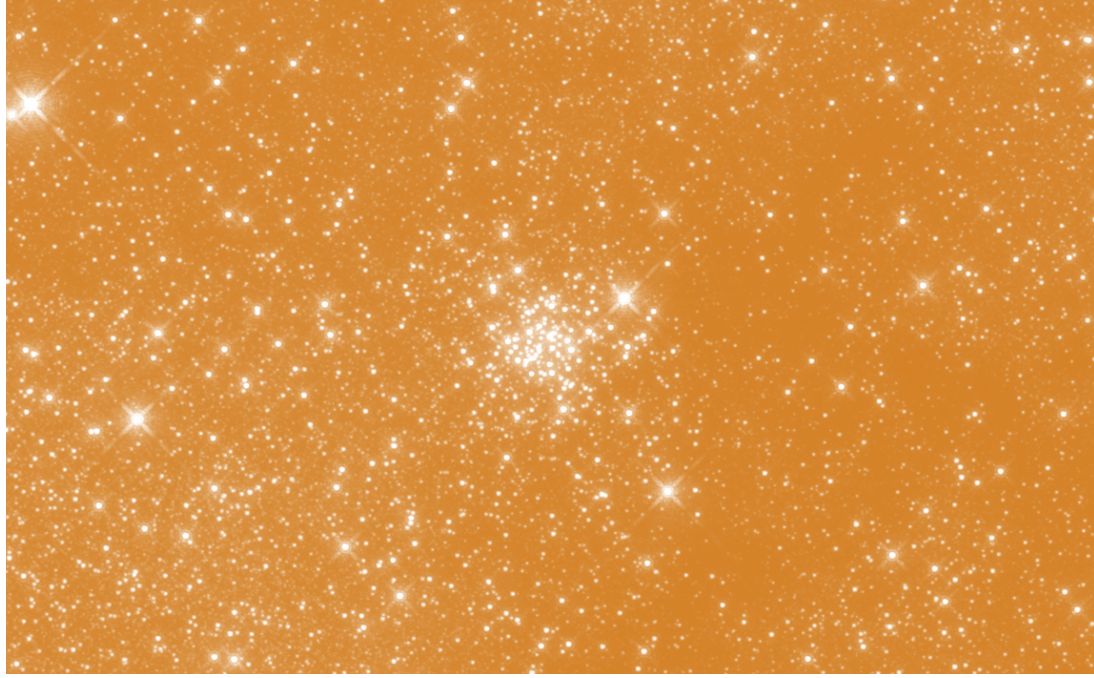


Fig. 54

e os limites da voz humana. O documentário acompanha também o processo de preparação para os concertos de Biophilia, com a construção e preparação dos vários instrumentos que foram adaptados ou construídos especificamente para este projecto. É, portanto, um documentário que abraça todo o projecto e o acaba por resumir, facilitando o seu entendimento para o espectador. Sir David Attenborough é também o narrador da sequência introdutória da *app*.

Já na dimensão musical deste álbum, os envolvidos na criação dos instrumentos musicais são Matt Nolan, que construiu o Gameleste, usado nas músicas “Crystalline” e “Virus”, Andy Cavatorta, que esteve a cargo de desenvolver Harpas que funcionam através de gravidade<sup>88</sup>, Aron Koscho, com o Tesla Coil, um instrumento que funciona através de electricidade, utilizado na música “Thunderbolt”, Björgvin Tómasson, que também trabalhou no Gameleste e criou um órgão com MIDI<sup>89</sup> incorporado e Henry Dagg, construtor da Sharpsichord, que providencia o instrumental para “Sacrifice”. A nível de produção há colaboração de nomes já conhecidos, como Mark Bell e Damian Taylor<sup>90</sup>. Também colabora com o grupo tóbit, que co-produz “Crystalline” e “Mutual Core”.

A roupa que Björk utiliza na capa de Biophilia é

**88** Quando Cavatorta foi contactado para desenvolver as Harpas, já havia inclusive um demo de como se imaginaria que as harpas soassem, e que seriam utilizadas para a música “Solstice”.

**89** Musical Instrument Digital Interface, uma forma de conexão entre instrumentos musicais e computadores.

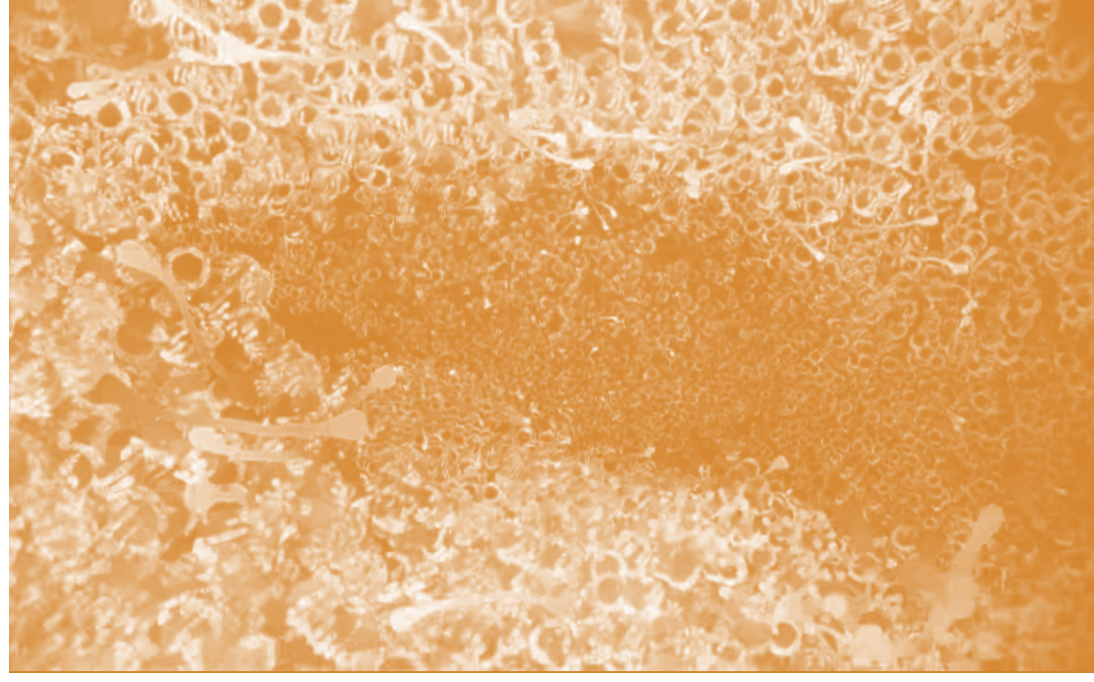
**90** Com 21 anos, começou a trabalhar com Guy Sigsworth, (*Debut*, *Post*, *Homogenic* e *Vespertine*), que na altura lhe pediu para trabalhar com ele em todos os seus projectos, sendo um deles um projecto de Björk.

da autoria de Iris Van Herpen<sup>91</sup>, designer de moda holandesa, e faz arte da colecção *Synesthesia* (Outono/Inverno 2010), cujo conceito é baseado na sinestesia, condição neurológica que provoca a associação de mais do que um sentido, como, como por exemplo um cheiro evocar uma certa cor. Van Herpen também é a autora do vestido azul (da colecção *Escapisms Primavera/Verão 2011*) que Björk utiliza nos concertos de Biophilia<sup>92</sup>.

Inez e Vinoodh voltaram a trabalhar como co-realizadores no vídeo de “Moon”, juntamente com James Merry e os designers M/M (Paris). Também fotografaram Björk em inúmeras ocasiões, grande parte das vezes para revistas ou para fins promocionais, tendo sido também fotógrafos da capa do álbum e de todos os singles, “Crystalline”, “Cosmogony”, “Virus”, “Moon”<sup>93</sup>. Tal como em álbuns anteriores, os designers M/M (Paris) são responsáveis pelo design gráfico do álbum e singles.

Os vídeos de Biophilia foram realizados por Michel Gondry (“Crystalline”), Björk, Inez e Vinoodh, M/M(Paris) e James Merry (“Moon”), Drew Berry (“Hollow”<sup>94</sup>) e Andrew Thomas Huang (“Mutual Core”). Andrew Thomas Huang trabalha pela primeira vez com a artista com “Mutual Core”. Nesse primeiro projecto, os elementos digitais incluídos no vídeo tornam-se parte da narrativa de forma muito natural. Também foi responsável pela capa de *Bastards*, uma compilação de remixes de Biophilia. Já James Merry começou como investigador no projecto de Biophilia, sendo também co-coordenador das *apps*.

Fig. 55



**91** Van Herpen utiliza frequentemente impressão 3D no seu trabalho, criando peças fora do expectável segundo um tipo de design que apelida de “New Couture”

**92** Website *Creators* (2012).

**93** O vídeo de “Moon” é, tal como a música, seguem um intervalo de tempo que alude às fases da lua, sendo que o vídeo também transmite essa ideia de forma visual. Além disso também faz alusão à *app* “Moon”, em que o interface segue o esquema gráfico que é apresentado no vídeo.

**94** Vídeo retirado da *app Biophilia* (“Hollow”)

INEZ E VINOODH, IRIS VAN HERPEN, THREEASFOUR



Fig. 56

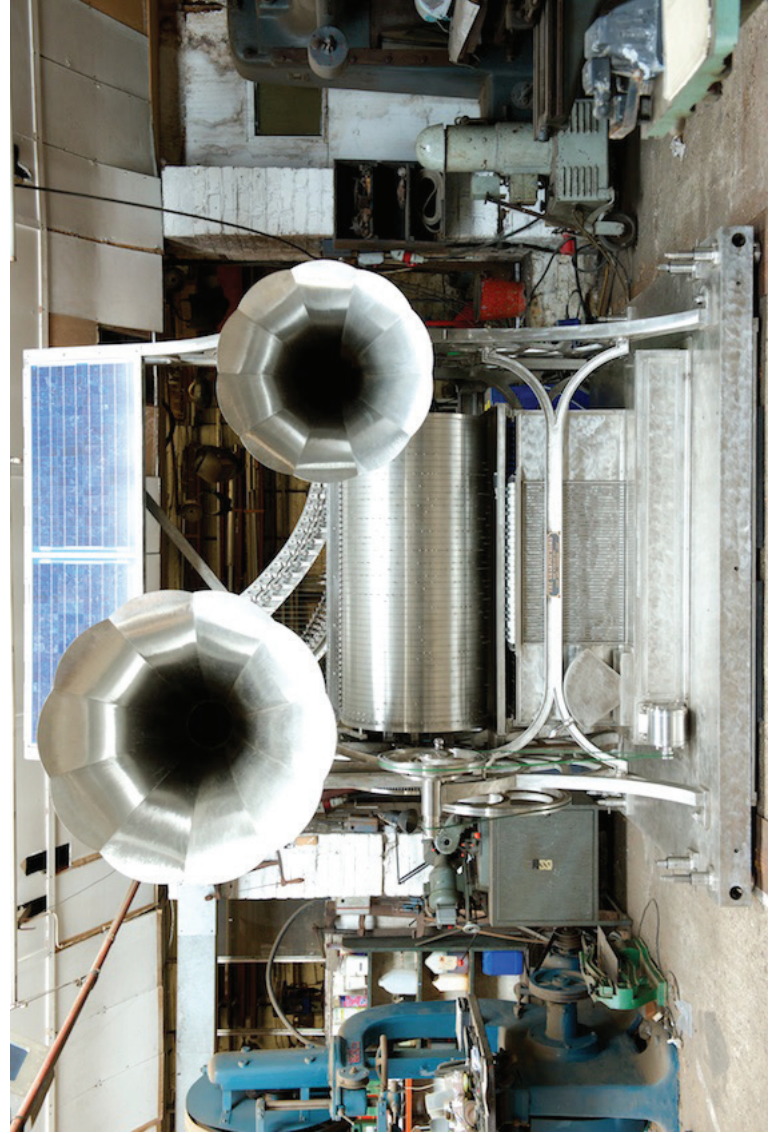


Fig. 57

HENRY DAGG



Fig. 58

## VULNICURA

**95** *TimeOut London* (2018)

**96** Arca, nascido em 1989, vem de Caracas, na Venezuela, enquanto que Björk nasce em 1965 em Reiquiavique, na Islândia..

**97** A relação entre os dois durante a produção de *Vulnicura* assemelha-se de certo modo à temática do álbum. *Vulnicura* é um álbum criado a partir do fim da relação entre duas pessoas e a sua produção foi assente, embora não com os mesmos contornos, na mesma ideia de dualidade.

**98** A sonoridade que incutiu em *Vulnicura* veio de músicas antigas não lançadas que Björk havia criado e que Arca havia achado interessante, mas que sentia que a artista não tinha explorado suficientemente essa sonoridade. Björk afirma não se lembrar sequer desses demos de há vários anos atrás mas reconheceu que havia uma oportunidade de explorar novas vertentes musicais e daí acabou por enveredar por novos caminhos.

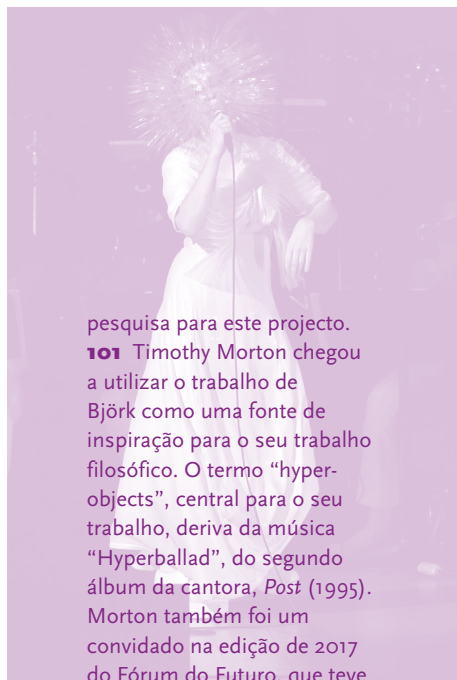
**99** Website *Fader* (2014)

**100** “Björk: Archives” conta com, além dos vários textos sobre a artista, bastante conteúdo visual com créditos detalhados que recapitulam a evolução da artista ao longo de vários anos, tendo sido uma fonte de informação valiosa na

O lançamento de *Vulnicura* marca o primeiro momento na carreira de Björk em que a vida íntima da artista é exposta ao público e que cede ao cliché de expor o seu desgosto amoroso através da música<sup>95</sup>. O seu oitavo álbum nasce do processo de separação de Matthew Barney, que a afectou profundamente. É um álbum que tem como temática o sofrimento do fim de uma relação de vários anos. Tal como anteriormente, existe uma *persona* e um imaginário visual relacionados com este álbum, sendo que neste caso é trabalhada a imagem de uma ferida profunda no seu peito, como uma metáfora para a ferida sentimental que a artista sente devido ao fim da relação. Todo o imaginário que envolve tanto o álbum tem a ver com o entender e o processar da dor e, após esse processo, conseguir curar-se e seguir em frente. É nas fases finais da produção de *Vulnicura* que Björk entra em contacto com Arca (Alejandro Gherzi), produtor e músico que viria a ter um grande impacto na sonoridade de *Vulnicura* e, futuramente, *Utopia*. Gherzi e Björk entram em contacto para criar batidas para algumas músicas de *Vulnicura*, já depois de

grande parte das músicas estarem estruturadas, mas a relação entre ambos teve grande impacto na cantora. Pertencendo a gerações completamente diferentes<sup>96</sup>, ambos os artistas encontraram interesses comuns e desenvolveram uma relação muito próxima ao longo das fases finais de produção do álbum e início da digressão<sup>97</sup>.

Arca é co-produtor de todas as músicas de *Vulnicura*<sup>98</sup> excepto “Stonemilker” e “Quicksand” e apareceu em vários concertos de *Vulnicura*. Sendo a sua primeira vez a colaborar com a artista, começa a trabalhar no álbum depois deste ter sido pensado e escrito, e contribuiu batidas que viriam a ajudar a definir a sonoridade do álbum. Fã de longa data do trabalho de Björk, mantinha uma carreira de músico a solo enquanto trabalhava com outros artistas como Kanye West e FKA twigs<sup>99</sup>, a nível de



pesquisa para este projecto.

**101** Timothy Morton chegou a utilizar o trabalho de Björk como uma fonte de inspiração para o seu trabalho filosófico. O termo “hyper-objects”, central para o seu trabalho, deriva da música “Hyperballad”, do segundo álbum da cantora, *Post* (1995). Morton também foi um convidado na edição de 2017 do Fórum do Futuro, que teve lugar na cidade do Porto

**102** “Black Lake” havia estreado em primeira mão e em exclusivo na retrospectiva que teve lugar no MoMA. “Black Lake” funciona como a peça central de *Vulnicura*, encapsulando toda a dor e sofrimento que definem o álbum mas também o processo de cura e evolução que lhes está associado.

**103** Também foi responsável pela capa da edição física do álbum e realizador dos vídeos de “Stonemilker” e “Family”.

**104** O vídeo, que parece ser filmado dentro de uma boca, é

produção. O seu primeiro contacto com Björk deu-se após ter sido contactado pelo manager da cantora, que o informou de que a artista tinha gostado da sua faixa “&&&&”. A partir daí mantiveram contacto e, algum tempo mais tarde, Arca acabou se encontrar com a artista ao ser DJ numa festa. Eventualmente, Arca acabou a trabalhar em *Vulnicura*. Outros nomes incluem The Haxan Cloak, que trabalhou na mistura do álbum, na produção de “Family”, fez um remix de “Mouth Mantra” e esteve presente em alguns concertos e Anohni, que volta a contribuir com vocais, desta vez para “Atom Dance”.

É também durante a era de *Vulnicura* que Björk se lança em novos projectos ambiciosos. É feita uma retrospectiva homónima da sua carreira no MoMA em Nova Iorque e lançado um livro associado a essa mesma retrospectiva, apelidado de “Björk: Archives”<sup>100</sup>. O projecto, dividido em cinco livros com partituras de diferentes músicas nas respectivas capas e unidos por uma caixa com a partitura de “Black Lake”, analisam o trabalho de Björk de várias perspectivas com textos de vários autores, nomeadamente Klaus Biesenbach,

curador da retrospectiva no MoMA, Alex Ross, Nicola Dibben, uma troca de emails entre Björk e o filósofo Timothy Morton<sup>101</sup> e Sjón.

Björk também começa a desenvolver uma série de videoclips gravados em Realidade Virtual (VR), que culminariam numa outra exposição denominada “Björk digital”, inaugurada em 2016. A exposição, que percorreu várias grandes cidades mundiais, contava com o vídeo do single “Black Lake”<sup>102</sup>, todos os vídeos em VR das outras músicas de *Vulnicura*, um loop de todos os videoclips de Björk, organizados cronologicamente e com duas partes do projecto *Biophilia*, o documentário “When Björk Met Attenborough” e vários dispositivos com a app *Biophilia*.

Directamente relacionado com a dimensão vídeo deste projecto está Andrew Thomas Huang<sup>103</sup>, que após ter trabalhado em “Mutual Core”, ingres-

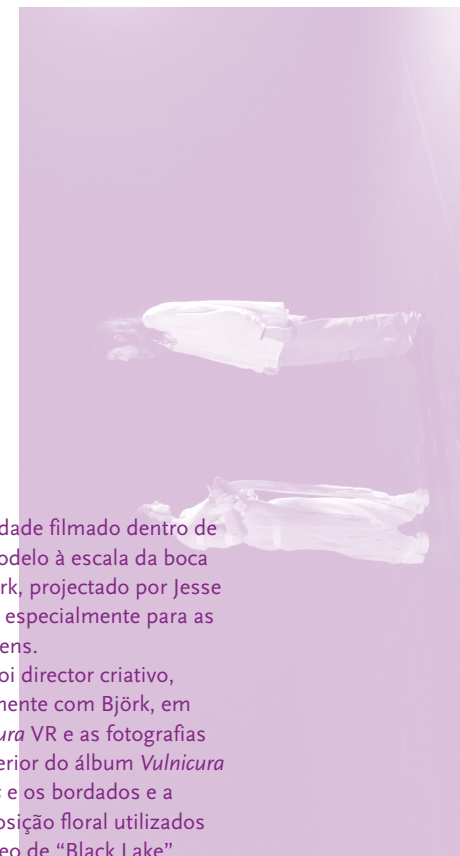
Fig. 59



Fig. 60



Fig. 61



na verdade filmado dentro de um modelo à escala da boca de Björk, projectado por Jesse Kanda especialmente para as filmagens.

**105** Foi director criativo, juntamente com Björk, em *Vulnicura VR* e as fotografias do interior do álbum *Vulnicura Strings* e os bordados e a composição floral utilizados no vídeo de “Black Lake” também são da sua autoria.

**106** Nowness: Facebook Live.

**107** Devido ao álbum ter sido divulgado online sem permissão bastante antes do lançamento programado, a cantora decidiu lançar a edição digital do álbum antes do tempo. Assim, a versão digital foi lançada a 20 de Janeiro de 2015 e a versão física a 16 de março do mesmo ano.

sou no projecto de larga escala “Black Lake”, uma parte nuclear da retrospectiva no MoMA. Neste filme é mesclada arte digital, vídeo e experiência sensorial, uma vez que é pensado para um espaço com dois ecrãs e diversas colunas espalhadas pela sala, proporcionando uma experiência imersiva aos espectadores. Após “Black Lake”, Huang veio a realizar vários vídeos em VR, que podem ser experienciados na exposição Björk Digital. Outros realizadores foram Jesse Kanda, autor de “Mouth Mantra”<sup>104</sup> e Warren Du Preez e Nick Thornton Jones, responsáveis pela versão não-VR de Notget e co-realizadores da versão VR da mesma música.

Outro colaborador importante é James Merry<sup>105</sup>, que havia trabalhado como investigador em *Biophilia* e passa então a ser responsável por grande parte do imaginário visual que define *Vulnicura*, criando uma série de máscaras de diversos mate-

riais, usadas em concertos, entrevistas ou eventos públicos. O tema da máscara foi muito desenvolvido durante a era de *Vulnicura*, tendo também sido continuado e desenvolvido no álbum seguinte, *Utopia*. A ideia de máscara relaciona-se directamente com a temática do álbum, o sofrimento por amor. As máscaras, especialmente quando desenvolvidas como peças escultóricas ou adornos, são objectos que simultaneamente ocultam e revelam e, nas palavras da artista, estão de certa forma ligadas ao fluxo entre a sua vida profissional e pessoal, ajudando a manter essa transição mais saudável<sup>106</sup>.

Existem mais uma vez nomes que se repetem e voltam a participar neste projecto, como Iris Van Herpen, que cria o guarda roupa para “Black Lake”, Inez e Vinoodh, que fotografam a capa da versão digital<sup>107</sup> do álbum e *M/M (Paris)*, novamente responsáveis pelo design gráfico e por “Björk: Archives”. A nível da fotografia há também que destacar Santiago Felipe, que documenta vários dos visuais da artista nas diferentes cidades onde actua ou frequenta eventos públicos. Esta documentação mostra em especial várias das máscaras desenvolvidas por James Merry.

Fig. 62



Fig. 63



Fig. 64

VULNICURA



Fig. 65

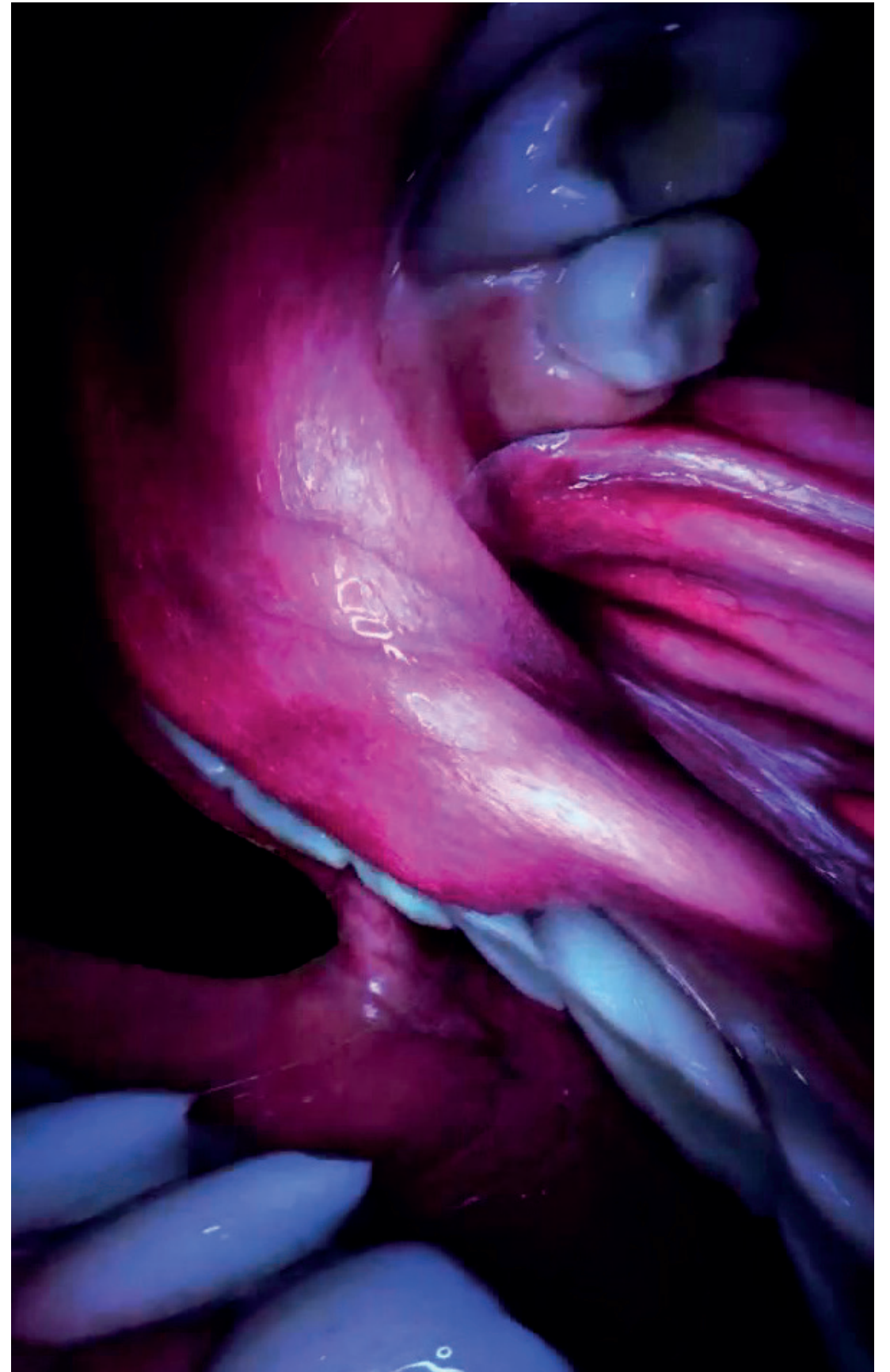


Fig. 66

JESSE KANDA



Fig. 67

## UTOPIA

*Utopia*, o nono álbum da artista, representa um novo estado de espírito, a recuperação da dor que é exposta em *Vulnicura*. A *persona* associada a *Utopia* é caracterizada pela paixão pela descoberta e por um interesse incessável por novas conexões com outros seres humanos, mas também por todos as ferramentas e tecnologias disponíveis para tal efeito. A nível sonoro é, composto por uma grande quantidade de flautas, aludindo a uma ideia de leveza e de liberdade, completamente oposta às sensações de opressão e dor patentes no álbum anterior. O álbum conta também com muitas gravações de pássaros, que ajudam a definir o imaginário do projecto. Essas gravações são tanto recolhidas de campo efectuadas por Björk na sua casa de campo na Islândia como excertos de um álbum só com gravações de uma determinada espécie de pássaros provenientes da Venezuela. *Utopia* aproxima-se da noção de uma paisagem sonora<sup>108</sup>, em que as músicas muito facilmente se dissolvem umas nas outras, apresentando ao ouvinte um imaginário cuidadosamente criado e desenhado por Björk.

Neste álbum a colaboração com Arca, que havia começado no projecto anterior, ganha uma maior dimensão, com o artista venezuelano a fazer parte do processo de criação do álbum desde o início. Assim, *Utopia* apresenta-se como um produto da imaginação e criação conjunta de Björk e Arca, resultado de uma simbiose que a artista admite não ter tido com nenhum produtor do sexo masculino até então, não deixando de ser um trabalho assinado por Björk e com

**108** As paisagens sonoras de *Utopia* são criadas graças ao trabalho de Heba Kadry e Marta Salogni, que entram no processo de *Utopia* na fase de mistura. Abordam as músicas de formas quase opostas, com Heba Kadry a tornar as canções muito mais áridas e detalhadas e Marta Salogni a torná-las muito mais soltas e “húmidas”. Em “In Sight Out”, uma conferência organizada pela Pitchfork, Björk menciona como a solução ideal para *Utopia* se encontrou num equilíbrio entre estas duas abordagens à mistura do álbum.

o seu cunho pessoal<sup>109</sup>. Arca aparece também no vídeo de “Arisen My Senses”. O produtor aparece lado a lado com a cantora, num vídeo que ilustra o conceito do álbum, aludindo a uma ideia de renascimento, e de um novo começo mas também a relação de proximidade entre Björk e Arca. Ainda a nível musical, além de Arca, há também a colaboração de Rabit, que co-produziu a música “Losss”<sup>110</sup>. Já Jesse Kanda, colaborador de longa data de Arca<sup>111</sup> e que havia começado a colaborar com Björk durante *Vulnicura*, é o realizador e autor da escultura que aparece durante grande parte do vídeo. Fotografou também Björk para a capa de *Utopia* e para um artigo da *Dazed & Confused*, antes do lançamento do álbum.

O imaginário de *Utopia* é bastante rico, contando com diferentes colaborações tanto com nomes já conhecidos como com novas adições. Um dos novos nomes é Hungry<sup>112</sup>, *make up artist* e drag queen de Berlim que tem vindo a trabalhar na maquilhagem de Björk em várias ocasiões durante a era de *Utopia*, nomeadamente na fotografia da capa, em sessões fotográficas promocionais e em vídeos como os das músicas “Blissing Me” e “Utopia”. Através de maquilhagem, Hungry ajudou a conceptualizar o universo visual do álbum, combinando o seu estilo e técnicas habituais com o conceito de *Utopia*, criando um *persona* que remete para uma criatura não humana, fora do que é comum ser feito com maquilhagem<sup>113</sup>. Já no design de moda,

Björk colabora com Alessandro Michele, director criativo da Gucci, que se encarrega do guarda roupa utilizado em “The Gate”, com um vestido criado especificamente para o vídeo. Iris Van Herpen também volta a contribuir, com o guarda roupa para o vídeo de “Arisen My Senses”.

**109** Björk sempre foi muito vocal relativamente às suas lutas com o poder masculino na indústria da música. Embora não faça um esforço consciente para que o seu trabalho tenha um teor feminista, toda a sua obra e a sua abordagem ao processo artístico denota uma posição feminista inabalável.

**110** A nível musical existe pouca colaboração uma vez que Björk e Arca trabalham intimamente durante todo o processo de criação de *Utopia*, estreitando a dualidade que se havia instalado entre os dois durante *Vulnicura*

**111** Jesse Kanda também colaborou de perto com Arca, tendo criado grande parte das capas dos seus lançamentos a solo e até realizado vídeos.

**112** Hungry também está presente durante a digressão de *Utopia*, maquilhando a artista para os espectáculos. Nestas ocasiões a sua maquilhagem passa a ser um complemento das peças desenvolvidas por James Merry.



ARCA, JESSE KANDA, IRIS VAN HERPEN



JAMES MERRY, HUNGRY, WARREN DU PREEZ E NICK THORNTON JONES

UTOPIA

Em *Utopia* a temática de peças escultóricas e adornos faciais é continuada, existindo uma continuidade com a narrativa de *Vulnicura*, que também é possível observar na transformação das máscaras, que se desfragmentam e se tornam peças que funcionam como extensões ou próteses na cara da cantora. James Merry, colaborador cada vez mais próximo da artista, desenvolveu todas estas peças, tanto para Björk como para o grupo de flautistas islandesas que acompanha a cantora em digressão<sup>114</sup>. Merry é também co-realizador do vídeo de “The Gate”, o primeiro single de *Utopia* e responsável pela direcção criativa e pelo adorno na cara de Björk na capa do álbum. Outro colaborador que volta a trabalhar com Björk, embora em trabalhos mais promocionais, é o fotógrafo Santiago Felipe, encarregue de uma das primeiras sessões fotográficas que trouxeram ao público o imaginário visual de *Utopia*.

Até ao momento da finalização deste objecto editorial, foram lançados quatro vídeos de músicas de *Utopia*: “The Gate”, realizado por Andrew Thomas Huang, “Blissing Me”, por Emma Dalzell e Tim Walker, “Utopia”, por Warren Du Preez e Nick Thornton Jones e “Arisen My Senses”, realizado por Jesse Kanda.

O design gráfico do álbum está mais uma vez a cargo de M/M (Paris), que colaboram novamente com uma tipografia personalizada para o álbum e com iluminuras digitais com motivos florais que remetem para o imaginário utópico apresentado sucessivamente em sessões fotográficas, em vídeos e até em palco.

**113** As inspirações de *Hungry* são muitas vezes insectos e animais, sendo que os seus figurinos são muitas vezes complementares à maquilhagem, criando uma unidade através de todo o seu corpo e afastando-se mais uma vez de visuais antropomórficos.

**114** Na digressão de *Utopia* o cenário criado é alusivo a uma ideia de paraíso, criando um ambiente onde Björk e as flautistas que a acompanham podem actuar e estar imersas na utopia proposta no álbum

**115** O imaginário visual de *Utopia* é, tal como em álbuns anteriores, mutável e sujeito a evolução. As primeiras abordagens a este visual tinham uma grande influência da maquilhagem de *Hungry*, tendo as peças de James Merry como um adorno acrescentado à maquilhagem. Já em concertos, As peças de James Merry voltam a ganhar destaque, como haviam tido em *Vulnicura*, agora trabalhando muito mais motivos florais, associados com a temática utópica que é trazida para palco tanto com a música como com o cenário

JAMES MERRY, HUNGRY, SANTIAGO FELIPE



Fig. 70



UTOPIA

Fig. 71

UTOPIA



Fig. 72



Fig. 73

TIM WALKER & EMMA DALZELL, HUNGRY, JAMES MERRY

SANTIAGO FELIPE



Fig. 74



JESSE KANDA, JAMES MERRY, HUNGRY

Fig. 75



## LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1 Fotografia de Jean-Baptiste Mondino, sessão fotográfica para a capa de *Debut*.
- Fig. 2 Fotografia de Hermann Jansen.
- Fig. 3 Vídeo *Human Behaviour* realizado por Michel Gondry. Imagem obtida a partir de *Björk: Archives*.
- Fig. 4 Gravações do vídeo de *Big Time Sensuality*. Fotografia de Al Pereira.
- Fig. 5 Fotografia de Jean-Baptiste Mondino.
- Fig. 6 Fotografia de Chris Taylor.
- Fig. 7 Fotografia de Juergen Teller, sessão fotográfica para a capa do *single* Big Time Sensuality.
- Fig. 8 Bastidores de Big Time Sensuality, fotografia de Stéphane Sédnaoui.
- Fig. 9 Capa de *Debut*, fotografia de Jean Baptiste Mondino, design gráfico de Me Company.
- Fig. 10 Sessão fotográfica para a capa de *Post*. Fotografia de Stéphane Sédnaoui.
- Fig. 11 Imagem do booklet de *Post*. Design gráfico de Me Company.
- Fig. 12 Fotografia de Andrea Giacobbe, sessão fotográfica para a capa do *single* Isobel.
- Fig. 13 Sessão fotográfica para a capa de *Post*. Fotografia de Stéphane Sédnaoui.
- Fig. 14 Capa de *Post*, fotografia de Stéphane Sédnaoui, design gráfico de Me Company.
- Fig. 15 Sessão fotográfica para a capa de *Post*. Fotografia de Stéphane Sédnaoui.
- Fig. 16 Fotografia de Jean-Baptiste Mondino.
- Fig. 17 Fotografia de Jean-Baptiste Mondino, parte da primeira sessão fotográfica para a capa de *Post*, rejeitada pela artista.
- Fig. 18 Capa do segundo CD do *single* Isobel.
- Fig. 19 Versão expandida da fotografia utilizada na capa de *Homogenic*. Fotografia de Nick Knight, kimono por Alexander McQueen.
- Fig. 20 Gravações do vídeo para o *single* Jóga, realizado por Michel Gondry.
- Fig. 21 Capa do *single* Bachelorette, design gráfico de Me Company.
- Fig. 22 Capa do *single* Jóga, design gráfico de Me Company.
- Fig. 23 Fotografia de Sergey Romyantsev.
- Fig. 24 Vulcão Hekla na Islândia, fotografia de Hansueli Krapf.
- Fig. 25 Imagem do vídeo de *All Is Full Of Love*, realizado por Chris Cunningham.
- Fig. 26 Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para a capa do *Vespertine*.
- Fig. 27 Imagem do vídeo de *Hidden Place*, realizado por Inez e Vinoodh e M/M (Paris).
- Fig. 28 Dupla de música electrónica Matmos. Fotografia retirada do website de Red Bull Music Academy Japan.

- Fig. 29** Imagem do vídeo de Pagan Poetry, realizado por Nick Knight. Vestido de Alexander McQueen.
- Fig. 30** Capa de *Vespertine*, fotografia de Inez e Vinoodh, ilustração e design gráfico de M/M (Paris)
- Fig. 31** Ilustração de Ernst Haeckel. As ilustrações de Ernst Haeckel foram utilizadas como imagem de fundo durante a digressão de *Vespertine*.
- Fig. 32** Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para a capa do single Hidden Place.
- Fig. 33** Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para a capa de *Medúlla*. Peruca da autoria de Shoplifter.
- Fig. 34** Capa de *Medúlla*, fotografia de Inez e Vinoodh, peruca de Shoplifter, colar e design gráfico de M/M (Paris).
- Fig. 35** Björk em estúdio durante as sessões de *Medúlla*. Fotografia de Warren du Preez e Nick Thornton-Jones.
- Fig. 36** Fotografia de Erez Sabag.
- Fig. 37** Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para a capa de *Medúlla*.
- Fig. 38** Imagem do vídeo de *Who Is It?*, realizado por Dawn Shadforth. Vestido por Alexander McQueen e peruca de Shoplifter.
- Fig. 39** Björk em estúdio durante as sessões de *Medúlla*. Fotografia de Warren du Preez e Nick Thornton-Jones.
- Fig. 40** Fotografia de Warren du Preez e Nick Thornton-Jones.
- Fig. 41** Björk a actuar nos Jogos Olímpicos de 2004 em Atenas.
- Fig. 42** Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para *Volta*. Roupas por The Icelandic Love Corporation.
- Fig. 43** Capa de *Volta*, fotografia de Nick Knight e escultura de Bernhard Willhelm, design gráfico de M/M (Paris).
- Fig. 44** Máscara de tricotado por The Icelandic Love Corporation, fotografia de Bernhard Kristinn.
- Fig. 45** Imagem do vídeo de *Wanderlust*, realizado por Encyclopedia.
- Fig. 46** Fotografia de Bernhard Kristinn, roupa por The Icelandic Love Corporation.
- Fig. 47** Björk em palco durante a digressão de *Volta*. Roupas por Bernhard Willhelm.
- Fig. 48** Björk em palco durante a digressão de *Volta*. Roupas por Bernhard Willhelm.
- Fig. 49** Fotografia de Bernhard Kristinn.
- Fig. 50** Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para a capa de *Biophilia*.
- Fig. 51** Capa de *Biophilia*, fotografia de Inez e Vinoodh, peruca de Eugene Souleiman, design gráfico de M/M (Paris).

- Fig. 52** Imagem da app *Biophilia*.
- Fig. 53** Imagem da app *Biophilia*.
- Fig. 54** Via láctea. Imagem retirada da NASA *Image and Video Library*.
- Fig. 55** *Animations of unseeable biology* de Drew Berry.
- Fig. 56** Fotografia de Inez e Vinoodh, sessão fotográfica para a capa de *Biophilia*.
- Fig. 57** A Sharpsichord, um instrumento musical inventado por Henry Dagg. Fotografia de Lisa Valder.
- Fig. 58** Capa da versão física de *Vulnicura*, criada por Andrew Thomas Huang.
- Fig. 59** Björk em concerto na digressão de *Vulnicura*.
- Fig. 60** Máscara criada por James Merry, fotografia de Santiago Felipe.
- Fig. 61** Capa da versão digital de *Vulnicura*, fotografia de Inez e Vinoodh, máscara e adereços de Maiko Takeda, design gráfico de M/M (Paris).
- Fig. 62** Björk e Jesse Kanda nos bastidores das gravações do vídeo de Mouth Mantra. Fotografia de James Merry.
- Fig. 63** Imagem do vídeo de *Black Lake*, realizado por Andrew Thomas Huang.
- Fig. 64** Exposição Björk Digital em Tóquio. Imagem retirada da página de Facebook de Björk.
- Fig. 65** Modelo 3D para o vídeo VR de *Family*, criado por Andrew Thomas Huang.
- Fig. 66** Imagem do vídeo de Mouth Mantra, realizado por Jesse Kanda.
- Fig. 67** Fotografia de Santiago Felipe, maquilhagem por Hungry e adornos por James Merry.
- Fig. 68** Bastidores do vídeo de *Arisen My Senses*, realizado por Jesse Kanda.
- Fig. 69** Fotografia de Warren du Preez e Nick Thornton-Jones.
- Fig. 70** Fotografia de Santiago Felipe, maquilhagem por Hungry e adornos por James Merry.
- Fig. 71** Fotografia de Santiago Felipe, maquilhagem por Hungry e adornos por James Merry.
- Fig. 72** Fotografia de Tim Walker, maquilhagem por Hungry e adornos por James Merry.
- Fig. 73** Imagem do vídeo de *Blissing Me*, realizado por Tim Walker e Emma Dalzell, com maquilhagem por Hungry e adornos por James Merry.
- Fig. 74** Hungry a maquilhar Björk durante a digressão de *Utopia*. Fotografia de Santiago Felipe.
- Fig. 75** Capa de *Utopia*, fotografia de Jesse Kanda, adornos de James Merry, maquilhagem de Hungry e design gráfico de M/M (Paris).

**A**

Alessandro Michele 100  
 Alex Ross 90  
 Alexander McQueen 36, 39,  
 54, 55, 64, 65  
 Andrew Thomas Huang 85,  
 90, 93, 94, 103  
 Andy Cavatorta 84  
 Anohni 70, 90  
 Arca 80, 90, 99, 100

**B**

Bernhard Willhelm 71, 74,  
 75, 76  
 Björgvin Tómasson 84  
 Brian Chippendale 69, 70

**C**

Chris Corsano 69, 70  
 Chris Cunningham 7, 39, 43,  
 49  
 Christoph Jantos 74  
 Corky Hale 16

**D**

Damian Taylor 51, 70, 84  
 Danny Cannon 21  
 David Attenborough 80, 84  
 Dawn Shadforth 64, 65  
 Dokaka 59  
 Drew Berry 80, 85

**E**

ee cummings 51  
 Eiko Ishioka 55  
 Emma Dalzell 103, 107  
 Ernst Haeckel 51  
 Eumir Deodato 33, 39  
 Encyclopedia Pictura 73, 74

**F**

Fred & Anabelle 74

**G**

Gabriela Fridriksdóttir 65  
 Graham Massey 28, 33  
 Gregory Purnhagen 61  
 Guy Sigsworth 33, 39, 51, 84

**H**

Henry Dagg 84, 87  
 Howie B 16, 28, 33  
 Hungry 100, 102, 103, 104,  
 107, 109  
 Hussein Chalayan 33

**I**

Inez e Vinoodh 52, 55, 57, 60,  
 63, 65, 81, 85, 86, 92, 93  
 Iris Van Herpen 85, 86, 93, 94,  
 100, 101

**J**

James Merry 79, 85, 91, 93,  
 100, 102, 103, 104, 107, 109  
 Jean Baptiste Mondino 20, 21,  
 25, 33, 34  
 Jesse Kanda 7, 93, 97, 100,  
 101, 103, 109  
 John Simon Jr. 80  
 Juergen Teller 21, 23

**K**

Klaus Biesenbach 90  
 Kodama Studios 80  
 Konono n°1 69, 70

**L**

Luc Barthelet 80  
 Lynn Fox 65

**M**

M/M (Paris) 52, 55, 56, 57, 60,  
 74, 81, 85, 93, 103  
 Marçal Cuberta Juncà 51, 74  
 Marius de Vries 16  
 Marjan Pejoski 51  
 Mark Bell 39, 65, 70, 84  
 Markus Dravs 33, 39  
 Masahiro Mogari 74  
 Matmos 51, 65  
 Matt Nolan 84  
 Matthew Barney 51, 69, 89  
 Max Weisel 80  
 Me Company 21, 33, 35, 39, 42,  
 43, 44  
 Michel Gondry 18, 21, 33, 39,  
 41, 74, 85  
 Michel Ocelot 74  
 Mike “Spike” Stent 65  
 Mike Patton 59, 61  
 Min Xiao-Fen 69

**N**

Nellee Hooper 16, 33, 37, 39  
 Nick Knight 7, 39, 54, 55, 70, 71  
 Nick Thornton Jones 91, 102,  
 103  
 Nicola Dibben 90

**P**

Paul White 39

**R**

Rabit 100  
 Rahzel 59, 61  
 Robert Wyatt 59, 61

**S**

Santiago Felipe 91, 93, 103,  
 104, 108  
 Scott Snibbe 80  
 Shlomo 59  
 Shoplifter 55, 60, 63, 65  
 Sjón 90  
 Sophie Muller 21  
 Spike Jonze 33, 65  
 Stéphane Sédnaoui 21, 24, 30,  
 31, 32, 33  
 Stephen Malinowski 80

**T**

Tanya Tagaq 59  
 The Haxan Cloak 90  
 Thomas Knak 51  
 Tim Walker 103, 107  
 Timbaland 15, 70  
 Timothy Morton 90  
 Touch Press 80  
 Toumani Diabaté 69, 70  
 Tricky 28, 33

**W**

Warren Du Preez 93, 102, 103

**Z**

Zeena Parkins 51

**#**

16bit 84









# BJÖRK: PERFIS

2. Análise e metodologia

JOÃO DESIDÉRIO

Neste segundo núcleo do projecto, são apresentadas todas as escolhas que levaram à conceptualização do primeiro livro, desde o conceito editorial ao conceito gráfico, passando por detalhes como a tipografia escolhida ou o tratamento das imagens. Além desta análise e explicação, estão também presentes neste livro todos os textos e secções necessárias a um projecto teórico-prático que não estão directamente ligadas com o trabalho da artista, nomeadamente o *abstract*, bibliografia, filmografia e cólofon.

## **BJÖRK: PERFIS**

Análise e Metodologia

**João Fonseca Desidério**

Projecto teórico-prático para obtenção do grau de  
Mestre em Design Gráfico e Projetos Editoriais

Orientado pelo Professor Doutor Eduardo Aires

**RESUMO 9**

**ABSTRACT 11**

**INTRODUÇÃO 13**

**CONCEITO EDITORIAL 15**

**CONCEITO GRÁFICO 16**

**DEBUT 17**

**POST 25**

**HOMOGENIC 33**

**VESPERTINE 41**

**MEDÚLLA 49**

**VOLTA 57**

**BIOPHILIA 65**

**VULNICURA 73**

**UTOPIA 81**

**OUTROS ELEMENTOS 89**

**CONCLUSÃO 91**

**BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA 93**

**CÓLOFON 95**

## RESUMO

*Björk: Perfis* é um projecto que toma a carreira de Björk como universo de estudo e avança uma série de soluções gráficas que reflectem os diferentes conceitos e ideias por detrás dos seus vários álbuns. A metodologia consiste não só na análise da carreira a solo da artista mas também das diferentes colaborações que serviram como sistema de suporte aos diversos projectos. Através desta análise é possível concluir que Björk explora muito mais que apenas música e que o que faz se insere na área do design. A criação de universos conceptuais e a gestão da multiconectividade de cada projecto permite afirmar que o trabalho de Björk é um trabalho de design, um trabalho que consiste em projectar soluções e organizar conteúdos e ideias. Assim, partindo desta perspectiva, é possível criar um paralelismo directo com um projecto de design editorial e levar à criação de um artefacto gráfico que parte das mesmas premissas que deram origem aos álbuns de Björk.

**ABSTRACT**

*Björk: Perfis* is a project that uses Björk's career as a universe of study and proposes a series of graphic solutions which showcase the different concepts and ideas behind her albums.

The methodology consists not only in analysing the artist's solo career but also the several collaborations that functioned as a support system for the various projects. With this analysis it's possible to conclude that Björk explores much more than just music and that what she does is inserted in the practice of design. The creation of conceptual universes and the managing of the multiconnectivity of each project allows the affirmation that Björk's work is a work of design, a work that consists in projecting solutions and organizing contents and ideas. Therefore, it's possible to create a direct parallelism with an editorial design project and to create a graphic object from the same premisses that gave origin to Björk's albums.

## INTRODUÇÃO

Assumindo um espectro em que num dos extremos está um projecto de investigação e no outro está um projecto editorial, *Björk: Perfis* localiza-se no extremo editorial. Embora haja uma dimensão teórica, o objectivo principal deste projecto é a produção de um objecto editorial que reflecta a temática escolhida: a carreira de Björk.

Foi essencial encarar o universo de estudo de várias perspectivas, de modo escolher a abordagem adequada ao projecto. Isto levou a que os primeiros esboços e planeamentos para o projecto se baseassem em diagramas, que culminariam na *timeline* existente no início do livro, um sumário de todas as colaborações apresentadas na narrativa. A escolha de utilizar a *timeline* como sumário das colaborações e estratégia editorial deve-se a duas razões. Em primeiro lugar, a relação que a artista mantém com os colaboradores: Björk mantém uma relação extremamente orgânica com os seus colaboradores e isso leva a que muitas destas ligações evoluam ao longo do tempo e sejam reincidentes de diferentes formas em diferentes álbuns. A segunda razão prende-se com a evolução natural entre álbuns: O trabalho a solo da artista desde 1993 pode ser dividido em nove núcleos que fazem sentido numa narrativa temporal, uma vez que cada projecto existe sempre em resposta ao seu antecessor. Esta metodologia, que nas fases iniciais se revelou algo infográfica, levou a que as primeiras estratégias gráficas contivessem elementos ligados à infografia, que acabariam por evoluir e dar lugar aos marcadores que pontuam as margens de cada página.

## CONCEITO EDITORIAL

O projecto editorial está dividido em dois livros, um primeiro que apresenta o caso de estudo e um segundo que explica a metodologia utilizada, estando estes separados fisicamente para que possa haver uma leitura em paralelo e uma correspondência directa entre os dois volumes. No primeiro livro é exposta a dimensão colaborativa na carreira de Björk e são passados em revista os principais álbuns e colaboradores da cantora desde 1993. É um livro com um grande foco nas estratégias visuais, que permite ao leitor estar imerso na sequência de universos dos vários álbuns. Já o segundo livro contém todas as informações relativas à metodologia do projecto, diferenciando-se ligeiramente do primeiro volume por uma paginação mais sóbria.

O título *Björk: Perfis* é uma referência directa ao livro *Björk: Archives*, desenhado pelo estúdio M/M (Paris), que serviu como principal ponto de partida para o desenvolvimento de todo este projecto. É também uma referência à pluralidade de universos visuais que caracterizam o percurso da artista e aos vários colaboradores mencionados.

## CONCEITO GRÁFICO

O formato e a proporção do livro foram as primeiras escolhas. A partir da informação sobre a relação entre as proporções de uma página impressa e os intervalos musicais na escala diatónica em *The Elements of Typographic Style*, decidi utilizar a proporção de 2:3, relacionada com o 5º intervalo na escala diatónica, muito presente no folclore islandês<sup>1</sup> e em *Homogenic*. Assim, a proporção da página tem ligação com uma sonoridade característica da Islândia, uma grande influência para a artista. Outra decisão basilar do projecto é a escolha tipográfica, feita de modo a criar uma analogia com o conteúdo. Escolhi *Quadrat* (Fred Smeijers, 1992), uma fonte serifada, para o texto principal por cobrir as diferentes necessidades tipográficas do projecto, e, para contraste, *Scala Sans* (Martin Majoor, 1993), utilizada no texto secundário.

Os capítulos do primeiro livro funcionam como uma metáfora visual dos álbuns de Björk, tendo cada capítulo a sua expressão individual, associada às ideias do respectivo álbum. As variações de *layout* são conseguidas através de diferentes dinâmicas entre o texto e as notas, enquanto que as imagens são incluídas de forma a estar em harmonia com a paginação de cada capítulo. Para cada um dos capítulos é utilizada uma cor diferente, criando um código relacionado com as ideias e universos visuais de cada álbum. Este uso de cor é específico para as legendas e imagens, transformadas em *monotone* com a cor escolhida.

## DEBUT

*Debut* é o trabalho a solo que inicia este projecto. O álbum explora uma série de diferentes sonoridades sempre através de uma certa timidez e simplicidade, como alguém que começa um novo percurso. Assim, o *layout* desenvolvido reflecte esses ideais e está organizado de forma convencional, com duas colunas equivalentes, uma de texto principal e uma de legendas. Esta equivalência entre texto (narrativa principal) e legendas (narrativa secundária) serve como mote para todo o projecto, que se apoia em diferentes explorações desta dinâmica.

<sup>1</sup> Informação retirada de *Björk's Homogenic*, de Emily Mackay



Fig. 1

## DEBUT

*Debut* não é, na verdade, o primeiro álbum de estúdio da cantora, mas sim o primeiro álbum a solo enquanto adulta. Aos onze anos lança um álbum que a torna numa estrela local na Islândia e, mais tarde, toma parte da banda The Sugarcubes com um grupo de amigos de infância. A banda, formada em tom de gracejo, acaba por atingir bastante sucesso, especialmente quando são descobertos fora da Islândia, tendo chegado a lançar três álbuns. Ainda assim, mesmo com o sucesso relativo da banda, Björk sente que havia chegado a altura de se dedicar a trabalho a solo. A decisão não foi necessariamente baseada num desejo de trabalhar a solo mas mais no sentido de trabalhar em privacidade, visto sentir que, após anos num grupo com o qual tinha imensa afinidade, havia chegado a uma altura em que a proximidade e as dinâmicas de relações entre os vários membros haviam deixado de dar os frutos necessários para que a banda se mantivesse. Assim, começa o seu primeiro projecto a solo desde os onze anos e apelida-o de *Debut*, marcando para si mesma o início de uma nova era musical.

Pela altura da gravação do álbum, Björk acaba de chegar a Londres e encontra-se imersa na grande cidade, longe da calma da Reiquiavique. É em *Debut* que é materializada pela primeira vez uma *persona* para a música da artista. Caracterizada por uma certa timidez de alguém acabado de chegar a um novo lugar, a *persona* de *Debut* mergulha neste mundo agitado, cheio de influências e estímulos, e deixa-se contaminar lentamente. A sonoridade do álbum é caracterizada por três grandes influências marcantes em Londres em 1993: a *dance music*<sup>2</sup>, o *trip hop* e a música indiana<sup>3</sup>. Com diferentes intensidades, todas estas influências abriram caminho até às misturas finais que compõem o álbum. Este primeiro trabalho, por ser a sua primeira experiência a solo desde os onze anos, é uma compilação de canções escritas ao longo de vários anos<sup>4</sup> e um grito de liberdade e de afirmação da sua própria visão musical<sup>5</sup>. É portanto, quase um recapitular do que foram os anos anteriores a esta estreia a solo.

**2** O mundo da *dance music* e o trabalho de DJs são uma grande influência no trabalho que apresenta em *Debut*, embora as batidas deste álbum sejam muito mais viradas para a vida quotidiana do que para a vida nocturna, como afirma na sua entrevista para a *Rolling Stone* em 1993.

**3** As influências sonoras indianas viriam a proporcionar que Björk trabalhasse com o produtor Timbaland em *Volta* (2007).

**4** Refere, na entrevista à *Mixmag* em 1997, que o single "Human Behaviour" foi claramente escrito por um adolescente.

**5** Revista *The Face* (1993).

## ÁLBUNS

## ÁLBUNS

16 — 17

DEBUT

DEBUT

Debut é um álbum que se distancia do panorama da música electrónica seu contemporâneo. É assumidamente um álbum pop, de música para aproveitar no momento, sem qualquer tipo de compromisso ou pretensão. A música apresentada em Debut é, nas palavras da cantora, música que pode ser ouvida e entendida momentaneamente, sem o compromisso de ser um grande arranjo, podendo até ser “atirada ao lixo” no dia seguinte, precisamente por já não fazer sentido num contexto diferente<sup>6</sup>.

Embora não tivesse considerado ter um produtor para o álbum<sup>7</sup>, acabou por colaborar com Nellee Hooper, conhecido pelo seu trabalho com bandas como Soul II Soul<sup>8</sup>, que se viria a tornar o principal colaborador deste álbum e com quem Björk viria a manter uma relação de trabalho muito próxima nesta fase inicial da sua carreira, quase como um “caso amoroso musical”<sup>9</sup>. O álbum nasceu em grande parte de um diálogo imprevisível e natural com Hooper<sup>10</sup> que partilhava as motivações da cantora de não seguir estilos nem categorias, tentar tudo e correr riscos<sup>11</sup>. Naturalmente, este tipo de relação levou a que trabalhassem de forma extremamente orgânica, numa dinâmica em que ambas as partes estão igualmente envolvidas no projecto.

“With me and Nellee it was very intimate—even though I wrote all the songs, it’s hard for me to take full credit for them because we were so dependent on each other. It was great, you forgot about eating, you didn’t have to go to the cinema. We got lost in music!”<sup>12</sup>

Embora a relação com Nellee Hooper tenha sido a colaboração de maior relevância, Björk também trabalhou com instrumentista Corky Hale, que havia sido pianista para Frank Sinatra, Billie Holiday entre outros, e que foi harpista para “Like Someone in Love”<sup>13</sup>. Outras colaborações a musicais incluem Howard Bernstein, mais conhecido como Howie B., que futuramente viria a influenciar e trabalhar na sonoridade de Post, e Marius de Vries, envolvido nos três primeiros álbuns da cantora e colaborador de outros grandes nomes como Madonna, Annie Lennox, PJ Harvey<sup>14</sup> e Tina Turner.

**6** Revista *i-D* (1993).

**7** Revista *The Wire* (1993).

**8** Revista *Sygya* (1993).

**9** Revista *Rolling Stone* (1993).

**10** Revista *Sygya* (1993).

**11** Revista *Rolling Stone* (1993).

**12, 13** Revista *The Face* (1993).

**14** Björk actua ao vivo com PJ Harvey nos Brit Awards em 1994, cantando uma cover de “Satisfaction” dos The Rolling Stones.



Fig. 2

DEBUT

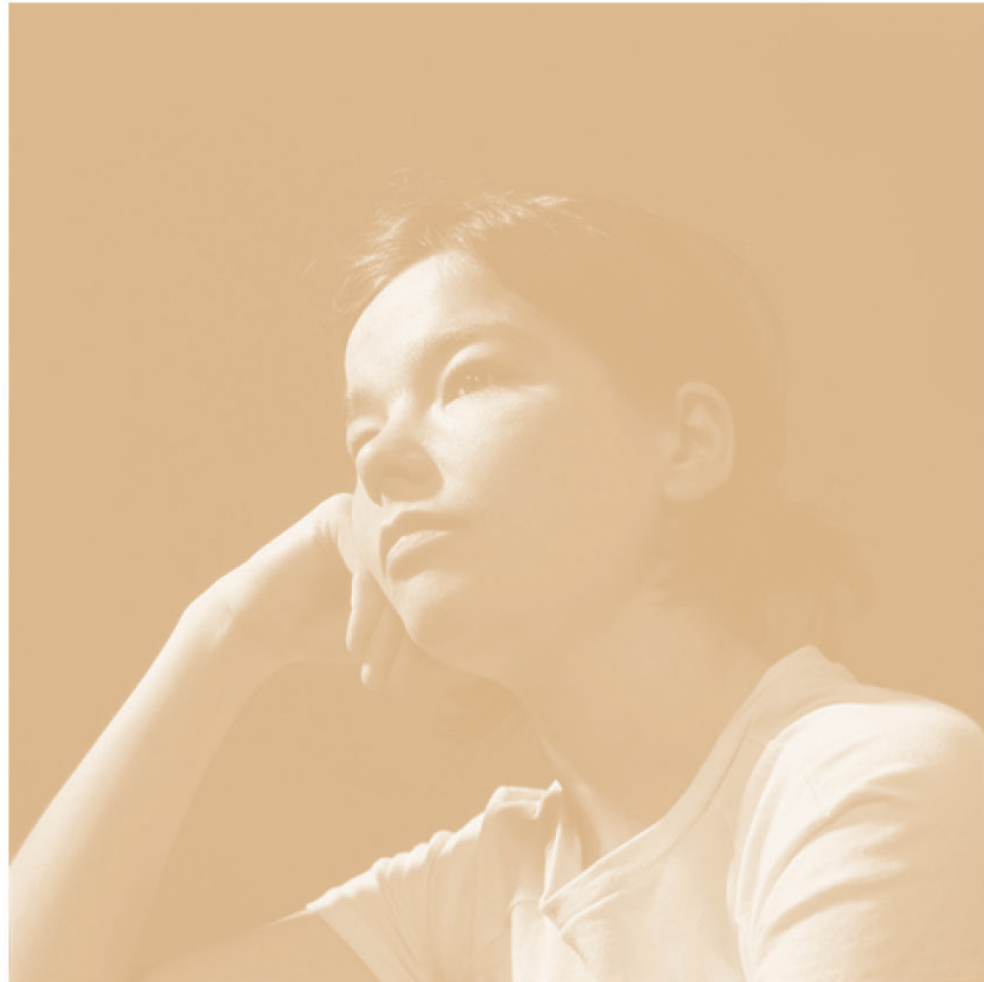


Fig. 6



JURGEN TELLER

Fig. 7

## POST

Post apresenta uma evolução das temáticas tratadas em *Debut*, deixando a timidez inicial para se focar numa influência de diferentes estímulos. O *layout* reflecte esta mudança de perspectiva e procura diferentes tipos de equilíbrio e dinamismo, variando comprimentos de coluna e posicionamentos da mesma. Neste capítulo as imagens tomam parte activa, vivendo num plano inferior ao texto e estando parcialmente tapadas, preenchendo espaços necessários ao equilíbrio da página.



Fig. 10

## POST

Em 1995 Björk lança o seu segundo álbum, *Post*<sup>16</sup>. O tema da cidade continua presente, mas é abordado de forma diferente, sendo que a persona que caracteriza *Post* já não é uma figura relativamente tímida mas sim um desenvolvimento dessa identidade, alguém que está completamente imerso no movimento, na agitação, nas cores, luzes e sons da cidade. Este álbum marca a continuação de uma ascensão à fama mundial e também um aumento na dimensão colaborativa do seu trabalho, que começa a ganhar mais dimensão, visto haver trabalho com colaboradores anteriores mas também a inclusão de novos nomes. É um trabalho em que há uma maior experimentação com sintetizadores e computadores, explorando mais os meios digitais, um reflexo das ideias por trás do conceito e da persona do álbum.

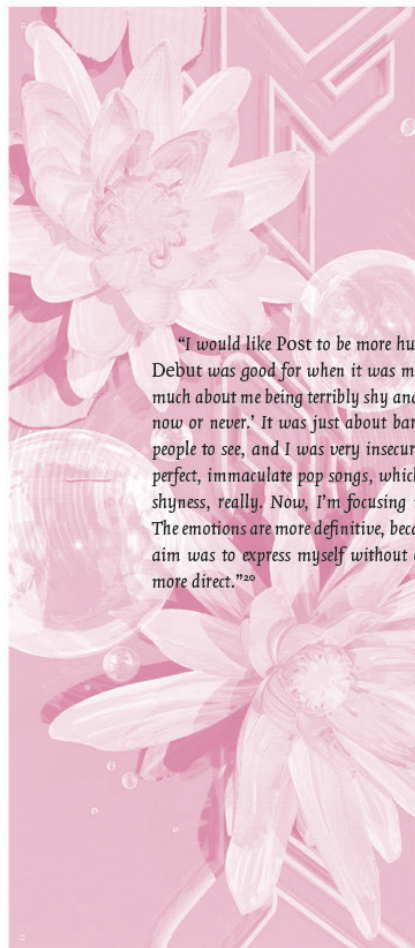
**16** O título é uma palavra internacional que entendida por todos, segundo a cantora. *Raygun* (1995)

**17** Revista *Jam!* (1995)

*Post* é um álbum assumidamente mais corajoso, mais em contacto com as emoções da cantora e, consequentemente, mais afastado da timidez inicial que caracterizava *Debut*, mas, ainda assim, está intimamente ligado ao seu predecessor. *Post* e *Debut* são de certa forma duas metades do mesmo álbum<sup>17</sup>. Ambos os álbuns são um recapitular dos anos anteriores ao seu lançamento. No caso de *Post*, este recapitular é de apenas dois anos<sup>18</sup>; No caso de *Debut* são dez anos. São, portanto, dois álbuns com a mesma ideia na sua génese e que abordam os mesmos temas, embora de forma diferente, materializando musicalmente vários eventos e emoções da vida da artista até 1995. Além de nascerem da mesma base conceptual, *Post* e *Debut* também representam um contínuo de aprendizagem musical para a artista, que se considerava “virgem” musicalmente em *Debut* mas que em *Post* se apresenta mais confiante, com mais conhecimento a nível musical<sup>19</sup>.

**18** Revista *Oor* (1995)

**19** Revista *Jam!* (1995)



"I would like Post to be more human," (...) "For me, Debut was good for when it was made, but it was very much about me being terribly shy and deciding, 'Well, it's now or never.' It was just about baring myself for other people to see, and I was very insecure. I wanted to make perfect, immaculate pop songs, which was a result of my shyness, really. Now, I'm focusing more on the energy. The emotions are more definitive, because I felt braver. The aim was to express myself without complications, to be more direct."<sup>20</sup>

A nível de colaboração, e em sintonia com a atitude predominante em Post, a artista começa a trabalhar com um maior grupo de pessoas, tendo acesso a diferentes fontes de estímulos e mostrando uma perspectiva mais aberta e ansiosa por colaborações do que anteriormente. A acredita que o trabalho colaborativo é extremamente rico a nível criativo e que muito frequentemente o resultado do trabalho de duas pessoas muitas vezes tem algo extra, algo intrínseco à colaboração próxima entre duas pessoas, e que essa máxima acaba por acompanhá-la em várias dimensões da sua profissão, desde o trabalho colaborativo em estúdio até a entrevistas e digressões<sup>21</sup>.

But Post was stuff I'd written in England (since Debut). Debut was almost my diary for the last 15 years and Post was more me being promiscuous in London! Doing two songs with Graham Massey, two songs with Tricky, a song with Howie B and songs with Nellee Hooper<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Revista *Raygun* (1995)

<sup>21</sup> Revista *Oor* (1995)

<sup>22</sup> Revista *Dazed and Confused* (2011)

POST

Fig. 11



ANDREA GIACOBBE

Fig. 12

## COLABORAÇÕES

STÉPHANE SÉDNAOUI



Fig. 15

## ÁLBUNS

Musicalmente, o leque de colaboradores e influências expande-se, abrindo espaço a novos nomes que se juntam à produção como Markus Dravs, Graham Massey, dos 808 State que co-escreveu “Army of Me”, Howie B, que trabalhou em “I Miss You”, Guy Sigsworth, encarregue da Harpsichord em “Cover Me”<sup>23</sup>, Tricky<sup>24</sup>, que produziu “Enjoy” e “Headphones”<sup>25</sup> e Eumir Deodato<sup>26</sup>, instrumentista e produtor musical brasileiro, que contribuiu para “Hyperballad”, “You’ve Been Flirting Again” e “Isobel”. Nellee Hooper volta a ser produtor em *Post*, embora não com o mesmo tipo de dinâmica que havia mantido em *Debut*, tendo-se oferecido para ser a “rede de segurança” de Björk, no sentido em que a artista poderia fazer aquilo que melhor lhe aprouvesse e que teria ajuda caso falhasse<sup>27</sup>.

**26** Deodato havia colaborado com nomes como Frank Sinatra e Aretha Franklin.

**27** Revista *Raygun* (1995)

**28** Michel Gondry continuaria a trabalhar frequentemente para a o mundo da música, realizando vídeos para nomes como Radiohead ou Kanye West, tendo também realizado longas metragens, como “Eternal Sunshine of the Spotless Mind” (2004).

**29** Para a capa do álbum houve uma sessão fotográfica por Jean Baptiste Mondino no valor de £24,000, que foi recusada, sendo depois escolhida a foto de capa de uma nova sessão fotográfica por Sédnaoui. Revista *The Face* (1995)

**23** *Website Discogs*, “Björk — Post”

**24** Björk refere-se a Tricky como alguém que partilha do seu interesse pelo imprevisível e que complementava seu trabalho em algumas áreas que não dominava tão bem na altura, como a criação de batidas. Revista *Interview* (1995)

**25** Sobre a faixa “Headphones”, Björk afirma que foi escrita para Graham Massey, também colaborador no álbum, que lhe dava cassettes que tocava ao final do dia de modo a acalmar-se e a organizar a sua mente. Revista *Rolling Stone* (1995)

Visualmente colabora com Hussein Chalayan, designer de moda que fez o casaco de papel utilizado na sessão fotográfica da capa, e com vários realizadores de vídeo, como Jean-Baptiste Mondino (“Violently Happy”), Michel Gondry (“Army of Me”, “Isobel” e “Hyperballad”), Sédnaoui (“Possibly Maybe”), Spike Jonze (“It’s Oh So Quiet”) e o estúdio de animação Spümcø (“I Miss You”). O realizador Michel Gondry<sup>28</sup> foi um dos primeiros grandes colaboradores de Björk, tendo dirigido vários dos vídeos oficiais lançados durante a sua carreira a solo. A artista mencionou que tem uma ligação especial com o realizador e que em quase todos os trabalhos que desenvolvem juntos existe uma certa ligação à infância, sendo que, por norma, o realizador é responsável sempre que há um retorno a esse tópico. Quanto a Spike Jonze, *Post* seria a primeira ocasião em que trabalha com a artista, realizando o vídeo de “It’s Oh So Quiet” e tendo vindo a realizar, mais tarde, os vídeos de “It’s in our Hands” (*Greatest Hits*) e “Triumph of a Heart” (*Medúlla*). Já Stéphane Sédnaoui, além de realizador do vídeo de “Possibly Maybe” foi também fotógrafo da capa de *Post*<sup>29</sup>.

A Me Company, estúdio de design gráfico, volta a colaborar com a artista, sendo responsável pelo design do álbum e do booklet, assim como das capas de todos os singles, “Army of Me”, “Isobel”, “It’s Oh So Quiet”, “Hyperballad”, “Possibly Maybe” e “I Miss You”. As várias capas contêm diferentes tipos de imagens, desde fotografias, como a capa de “Isobel”, fotografada por Andrea Giacobbe ou a personagem de uma das capas de “I Miss You”, criada pelo estúdio de animação Spümcø. Além do design de álbuns e singles, a Me Company também é responsável por pelos logótipos presentes em várias capas e objectos gráficos relacionados com este álbum.

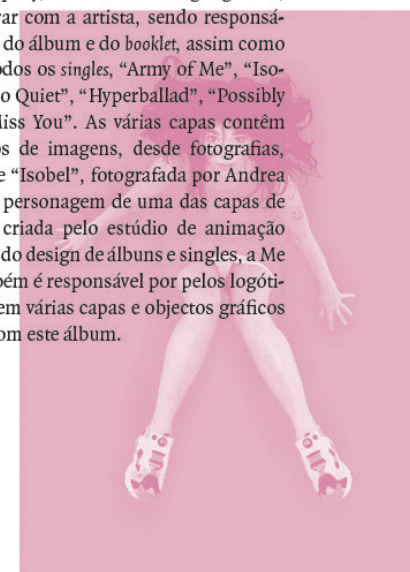


Fig. 16

POST

## HOMOGENIC

Em *Homogenic* é explorada a ideia de auto-protecção e da criação de barreiras e limites perante o mundo. Para transmitir estas ideias, o *layout* apoia-se na fisicalidade do livro, utilizando a página, com as suas duas faces, como uma metáfora para a armadura e o folhear como o atravessar dessa armadura e passar de uma face para a outra. Desta forma, o texto principal está na página direita e as legendas no verso, começando no local onde nota está assinalada na página anterior. A mesma estratégia é utilizada nas imagens, que aparecem a preto e branco na página direita e a *monotone* no verso.



Fig. 19

## HOMOGENIC

Considerado para muitos o melhor álbum da artista, *Homogenic*, lançado em 1997, mostra ser um dos trabalhos mais sólidos da cantora, fixando Björk no panorama da cultura pop. A nível conceptual, a persona relacionada este álbum está directamente ligada aos momentos que antecedem o álbum, nomeadamente o excesso de trabalho, a súbita ascensão à fama e o escrutínio constante dos media. A capa de *Homogenic* mostra Björk como uma guerreira, alguém que se protege e é capaz de enfrentar desafios, impossível de ser derrubado<sup>30</sup>. A nível musical, o álbum é mais agressivo que *Post* utilizando a música electrónica e a música clássica em conjunto para criar batidas poderosas e magnificentes. Após a dupla de álbuns *Debut* e *Post*, que retratavam os vários anos de escrita de músicas da cantora e diversas reacções da artista a vários produtores com estilos diferentes<sup>31</sup>, *Homogenic* é o primeiro álbum da sua discografia que se centra no momento em que está a ser criado e é uma resposta directa às necessidades e ao estado de espírito da artista.

A sonoridade de *Homogenic* baseia-se muito na ideia de nacionalismo. Após uma explosão de sons e estímulos nos dois primeiros álbuns, *Homogenic* representa um regresso às raízes da cantora, na Islândia, com batidas que remetem para as paisagens inóspitas e geladas da ilha, assim como a actividade vulcânica que também a caracteriza.

*“...Electricity and electronics should be electronic, they shouldn't try to be like Japanese flute or violin. They should be proud of what they are. Almost like sincere and honest techno noises, 'cause often people use them as cold and nasty. I think technology is very warm and sentimental, as well. It can be very mushy and emotional. I wanted Homogenic to reflect where I'm from, what I'm about. I wanted the beats to be almost distorted ; imagine if there was Icelandic techno. Iceland is one of the youngest countries geographically, it's still in the making. So the sounds would be still in the making”*<sup>32</sup>

Ao mesmo tempo que novas colaborações começavam, antigas colaborações acabaram, nomeadamente com Nellee Hooper que havia caracterizado a sonoridade dos dois primeiros álbuns. Eventualmente as diferenças musicais que entre o produtor e Björk começaram a ganhar mais relevância e levaram a que a colaboração, que perdeu a sua força a meio da produção de *Post*, se desvanecesse. Naturalmente, no álbum seguinte, novas colaborações surgiram, agora par a par com o processo natural de crescimento de Björk enquanto artista autónoma<sup>33</sup>. Em *Homogenic* Björk assumiu

## ÁLBUNS

## ÁLBUNS

38 — 39

30 Documentário *Inside Björk* (2003), realizado por Christopher Walker

31 Revista *Raygun* (1997)

32 Revista *Raygun* (1997)

33 Revista *NME* (1997)

uma atitude mais activa na produção do álbum, estando muito mais em controlo de como seria a sonoridade do álbum, com Mark Bell, membro dos LFO e produtor do álbum, como “rede de segurança”, à semelhança do que Hooper havia feito anteriormente<sup>34</sup>. Ainda assim, o produtor teve bastante influência na sonoridade das músicas, muitas vezes escritas previamente por Björk e só posteriormente editadas por Bell, que entrava no processo, trabalhando em batidas e arranjos por cima da base providenciada por Björk. A música “Pluto”, por exemplo, foi criada a partir de um momento espontâneo, em Espanha, onde grande parte de *Homogenic* foi gravado<sup>35</sup>. Makus Dravs, que havia trabalhado em Post, foi o engenheiro sonoro do álbum e, segundo Björk, numa entrevista à revista *Musician*, a abordagem de Dravs era a de um “engenheiro criativo” e estava muito envolvido na criação do álbum. Björk enviava-lhe batidas que considerava “islandesas” e de acordo com o conceito do álbum e Dravs, em seu turno, criava outros sons que serviriam de base às músicas que comporiam o álbum<sup>36</sup>. Outros nomes que colaboraram em *Homogenic* foram Guy Sigsworth e Eumir Deodato, que haviam trabalhado em Post.

Com um perfil solidificado na cultura popular, as colaborações com nomes de outras áreas além da música começam a ter lugar. Em mais do que uma ocasião trabalha com Alexander McQueen, responsável pela direcção artística da capa do álbum, pelo kimono que a artista utilizou na sessão fotográfica e pela realização do vídeo de “Alarm Call”<sup>37</sup>, e com Nick Knight, fotógrafo da capa do álbum e um colaborador em futuros projectos.

Além de McQueen, Björk conta com o contributo de Michel Gondry (“Jóga”, “Bachelorette”), o fundador da Me Company, Paul White (“Hunter”) e Chris Cunningham (“All Is Full Of Love”) como realizadores para os vídeos de *Homogenic*. Chris Cunningham colaborou com Björk apenas uma vez mas levou a cabo um dos vídeos mais icónicos da carreira da cantora. “All Is Full Of Love”, o último single de *Homogenic*, foi pensado como um mini filme e lançado fora das estratégias de marketing do álbum. Após Cunningham ter colaborado com Aphex Twin, Björk decidiu contactar o realizador para trabalhar no vídeo para o single, cuja versão do vídeo é um lado B da versão original. O vídeo apresenta dois robôs a ter relações sexuais, numa simbiose entre o natural e o mecânico. As directrizes conceptuais e visuais de Björk para este vídeo foram de que deveria ser algo branco e com superfícies sólidas mas que de alguma forma representasse luxúria, não apenas um ambiente asséptico, numa tenta-

ÁLBUNS

HOMOGENIC



Fig. 23

ÁLBUNS

46 — 47

HOMOGENIC

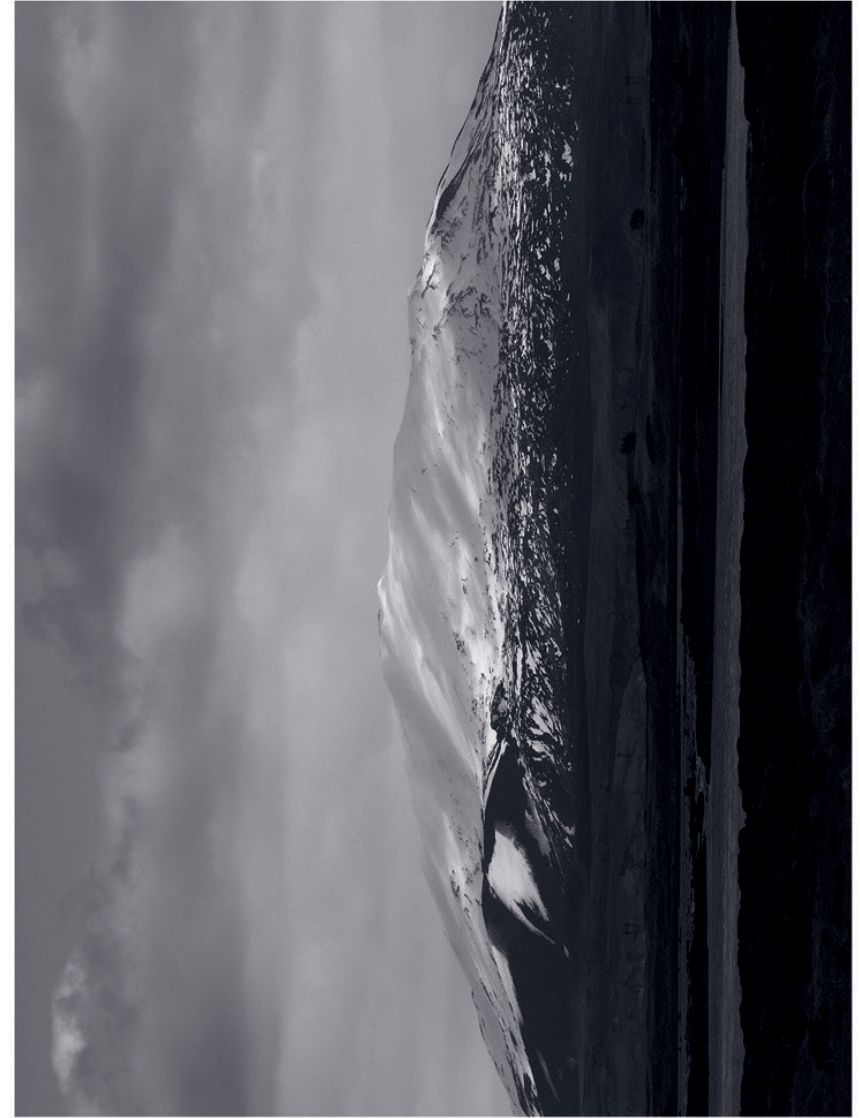


Fig. 24

## VESPERTINE

Em *Vespertine* Björk trabalha sonora e conceptualmente as ideias de domesticidade, isolamento e pequenez através da utilização de “microbatidas”, sons curtos, irregulares e microscópicos.

A composição transmite tipograficamente tanto a ideia de algo fechado, com todo o conteúdo dentro da mesma área útil e nunca a transpondo, como a irregularidade das “microbatidas”, conseguidas através da alternância entre texto e legendas.

As legendas aparecem com outra cor na mesma linha do texto, imediatamente após a respectiva referência. O mesmo acontece com os parágrafos, que continuam na mesma linha, assinalados por um espaço em branco e pelo sinal gráfico de parágrafo com a cor do capítulo. As imagens também existem dentro desta área útil, nunca ultrapassando os limites.



Fig. 27

## ÁLBUNS

50 — 51

**VESPERTINE** · *Vespertine*, lançado em 2001, é caracterizado pelo carácter “doméstico” e microscópico. O imaginário da persona que deste álbum é o de alguém que “mora num local isolado, dentro de casa, que toca uma caixa de música perante uma paisagem coberta de neve.”<sup>38</sup> / **38** “*Björk: Minuscule*” é um documentário realizado por Ragnheiður Gestsdóttir e lançado em 2003 que acompanha a digressão de *Vespertine*. / Este álbum surge em reacção às sonoridades e conceitos anteriores uma vez que, após ter viajado pelo mundo e ter tido uma experiência de vida quase nómada devido às digressões mundiais, Björk sentiu bastante interesse pela ideia de casa e sons domésticos. Emocionalmente, a cantora afirma que o período de criação de *Vespertine* foi um período de grande introspecção, com sentimentos bastante fortes mas ainda assim “silenciosos”<sup>39</sup>. / **39** “*Björk: Minuscule*” (2003) / Assim, a sonoridade de *Vespertine* apresenta-se como algo minúsculo, detalhado e fragmentado, oposto às grandes batidas, sons e emoções de *Homogenic* e virado para uma dimensão interior serena, que vive de microbatidas, sons minúsculos uma multitude de detalhes sonoros, como um bordado sonoro extremamente pormenorizado. Uma ideia central à criação do álbum é a de pegar em sons de pequena dimensão e ampliá-los, expondo-os. Esta técnica tem a ver com uma estratégia de convidar o espectador a entender o álbum e a entrar no seu universo introspectivo. Nos concertos (cujo pano de fundo conta com ilustrações de Ernst Haeckel) está presente a mesma ideia: A digressão foi feita apenas em espaços fechados onde foram instaladas colunas em todo o redor das salas de espectáculo de modo a criar uma experiência intimista e imersiva com o público. ¶ Num projecto que conta com contribuições de Matthew Barney e Marjan Pejoski, que criou o famoso vestido de cisne, usado na capa<sup>40</sup> / **40** A sessão fotográfica é levada a cabo, pela primeira vez, pela dupla holandesa Inez van Lamsweerde e Vinoodh Matadin, marcando o início de uma longa parceria entre os fotógrafos e a cantora. / de *Vespertine* e nos Oscars em 2001<sup>41</sup>. / **41** Björk era uma das nomeadas na categoria de *Best Original Song*, com a música “I’ve Seen it All”, parte da banda sonora que compôs para o filme *Dancer in the Dark*, de Lars von Trier, onde também tem o papel principal. / Björk começa cada vez mais a afirmar-se como directora artística do álbum, sendo responsável pela forma como as contribuições de diferentes entidades se unem e criam um imaginário coeso<sup>42</sup>. / **42** Revista *Elektra* (2001). / Mantêm-se colaboradores como Guy Sigsworth, que co-escreveu “Sun in My Mouth”<sup>43</sup> / **43** A música “Sun in my Mouth” é uma adaptação do poema “I Will Wade Out” de ee cummings. / e “Harm of Will” mas novos colaboradores como Thomas Knak, que co-escreveu “Cocoon” e “Undo” e Zeena Parkins, harpista do álbum que também participou na digressão mundial, Damian Taylor, que trabalhava com Guy Sigsworth e trabalha em “Hidden Place”, “Aurora”, “An Echo, A Stain” e “Unison” ou Matmos começam a trabalhar com a artista<sup>44</sup>. / **44** A música “Sun in my Mouth” é uma adaptação do poema “I Will Wade Out” de ee cummings. / Matmos são uma dupla norte americana que trabalha em música experimental, contando com trabalhos que utilizam, por exemplo, sons de objectos domésticos para criar batidas<sup>45</sup>. / **45** Um exemplo é o álbum *Ultimate Care II*, feito a partir de sons de uma máquina de lavar roupa. / Trabalharam em *Vespertine* na recta final da produção do álbum e ajudaram na criação de batidas para o álbum, embora grande parte do trabalho tenha sido feito por Björk. Também estiveram na digressão mundial, trabalhando a nível de programação e mistura ao vivo. Os artistas referem, no documentário “*Björk: Minuscule*”, que as linhas guia conceptuais dadas por Björk eram, por exemplo, o “som de uma

COLABORAÇÕES

ÁLBUNS

52 — 53

INEZ E VINOODH, M/M (PARIS)

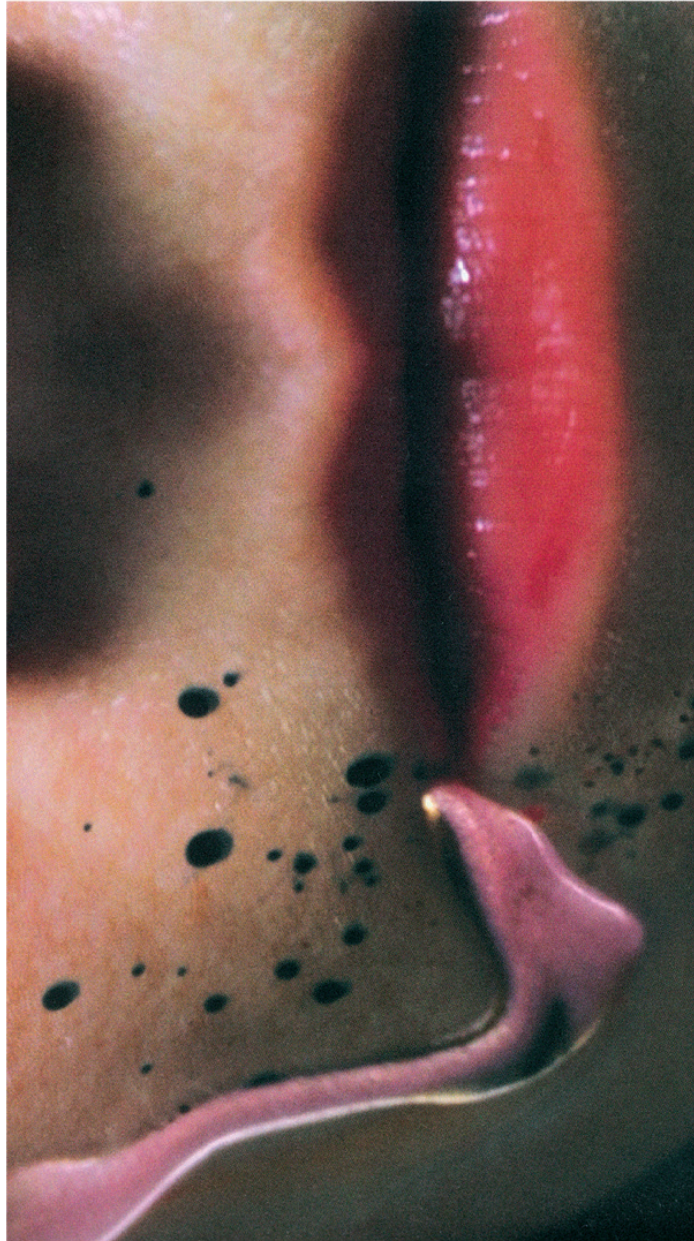


Fig. 28

VESPERTINE



Fig. 29

## COLABORAÇÕES

NICK KNIGHT, ALEXANDER MCQUEEN



Fig. 30

## ÁLBUNS

54 — 55

flor a desabrochar”, ou semelhantes. Voltaram a trabalhar na mistura do seu álbum seguinte, *Medúlla*, embora não com um papel tão relevante como em *Vespertine*. É em *Vespertine* que os fotógrafos de moda Inez Van Lamsweerde e Vinoodh Matadin<sup>46</sup>, / **46** Conhecidos mundialmente, fotografam para marcas como Gucci, Yves Saint Laurent, Givenchy, Balenciaga ou Chanel e publicações como *Vogue Paris*, *W Magazine* e *The New York Times*. / mais conhecidos como Inez e Vinoodh, reconhecidos mundialmente, começam a trabalhar com Björk. São os fotógrafos da capa do álbum e co-realizadores o vídeo de “Hidden Place” (single para o qual também fotografaram a capa) juntamente com os designers gráficos M/M (Paris). Desde este primeiro trabalho que viriam a colaborar frequentemente com a artista, voltando a fotografá-la para as capas de vários álbuns e singles até 2015, com *Vulnicura*. Outro colaborador é Alexander McQueen, que volta a contribuir para *Vespertine*, sendo responsável pela criação do vestido topless utilizado no vídeo de “Pagan Poetry”, single cuja capa e vídeo são da autoria de Nick Knight. Outro nome a referenciar é a estilista Hrafnhildur Arnardóttir (também conhecida como Shoplifter), responsável pelo cabelo de Björk no vídeo de “Cocoon”, realizado por Eiko Ishioka<sup>47</sup>. / **47** Eiko Ishioka foi figurinista e designer gráfica japonesa, tendo trabalhado com Grace Jones na guarda roupa da digressão “Hurricane” em 2009 e contribuído para diversos filmes com os seus figurinos extravagantes. Em 1993 ganhou o Óscar de *Best Costume Design* com o seu trabalho no filme *Dracula* (1992), realizado por Francis Ford



Fig. 31

VESPERTINE

## MEDÚLLA

*Medúlla* é um álbum que explora ideias de primitivismo e visceralidade, com uma forte ligação ao corpo humano. Neste capítulo, é criada uma analogia entre a espinha do livro e a coluna vertebral humana, com todo o texto e imagens concentrados perto das margens interiores e as legendas nas margens exteriores da página, como se o conteúdo deste capítulo saísse de dentro da cosedura (ou coluna vertebral) do livro e crescesse como um membro até aos limites exteriores da página.



Fig. 34

## MEDÚLLA

*Medúlla*, cujo título deriva do latim *medulla*, é lançado em 2004 e é um álbum quase exclusivamente vocal no qual existem influências muito vincadas, nomeadamente a maternidade e o contexto político mundial. A ideia principal consistia em criar um álbum com sons primitivos, reminiscentes de algo anterior à criação de uma civilização. Par a par com esta ideia de primitivismo existe um interesse em noções extremamente carnis — sangue, ossos, carne — tudo estímulos que surgem como consequência da experiência da maternidade. Tal como o carácter minúsculo de *Vespertine* surge em reacção à grandiosidade de *Homogenic*, o carácter orgânico e visceral *Medúlla* surge em resposta à abordagem metódica e calculada de *Vespertine*. Outra razão para a criação deste álbum foi o interesse que sempre teve, desde a adolescência, em criar um álbum apenas vocal, sendo que afirma que durante todo o processo de gravação do álbum sentiu que estava a trabalhar em algo que ficou para segundo plano durante vários anos<sup>49</sup>. Sendo um álbum constituído apenas por vozes humanas, estão envolvidas várias técnicas vocais, desde o canto gutural inúte a *beatbox*. Colaborativamente, trabalhou com uma série de artistas com diferentes repertórios de técnicas vocais.

Antes ainda do conceito do álbum estar totalmente desenvolvido, Björk gravou a faixa de abertura do álbum, “The Pleasure is All Mine”, com Tanya Tagaq<sup>50</sup> e, a partir de então foi-lhe muito mais fácil perceber que tipo de abordagem teria e com quem trabalharia neste álbum<sup>51</sup>. Björk refere que a forma como trabalhou com Tagaq funcionou bastante bem porque ambas se dedicaram à colaboração de uma forma orgânica, esperando por um momento em que pudessem passar tempo juntas e trabalhar<sup>52</sup>. Assim, a partir do resultado de deste processo com Tagaq, a colaboração com outros artistas vocais tornou-se natural e um processo muito mais fluido. Ao elenco de *Medúlla* juntam-se então dois coros, Mike Patton, Robert Wyatt e especialistas de *beatboxing* Rahzel<sup>53</sup>, Shlomo e Dokaka.

**49** “The Inner or Deep Part of an Animal or Plant Structure” (2004), realizado por Ragnheiður Gestsdóttir

**50** *Daily Telegraph UK* (2004)

**51** Uma convidada inesperada que poderia ter feito parte deste álbum apenas vocal é Beyoncé, que acabou por não contribuir por conflitos horários aquando das gravações. *The New Yorker*, 2004

**52** Revista *Dazed and Confused* (2004)

**53** Björk descobriu Rahzel quando este criava versões *acapella* da banda Kraftwerk

## COLABORAÇÕES

INEZ E VINOODH, SHOPLIFTER, M/M (PARIS)



Fig. 35

## ÁLBUNS

## 60 — 61

A princípio, quando Björk decidiu que iria desenvolver um álbum vocal, decidiu à partida que um dos recursos que não usaria seria o *beatbox*, por ser o mais expectável de um álbum apenas vocal. Mas após ter conhecido o trabalho de Rahzel e de perceber que, além de ter imensa sensibilidade musical, os sons que criava eram muito mais complexos e intrincados do que estava à espera, decidiu contactá-lo através de Mike Patton, que os apresentou<sup>54</sup>. Já a colaboração com Robert Wyatt surgiu depois de o álbum estar praticamente finalizado. De acordo com a entrevista que deu à revista *Interview* em 2004, sentia que faltava sentimentalidade no álbum, uma característica inerente à voz humana, e decidiu contactar Wyatt, que aceitou imediatamente. Encontraram-se, trabalharam durante o curso de um dia e as vocais dele foram acrescentadas ao álbum, substituindo até algumas vocais de Björk<sup>55</sup>.



Fig. 36

**54** Revista *Dazed and Confused* (2004)

**55** Revista *Interview* (2004)

**56** Björk actuou nos Jogos Olímpicos em Atenas, em 2004, com uma performance de "Oceania", usando um vestido de Sophia Kokosalaki. Na actuação, é criada a ilusão de que o vestido de Björk se estende ao longo de todo o estádio, como ondas do mar, uma alusão à temática da música.

**57** "Who is it" é o segundo *single* do álbum *Medúlla*, lançado em Outubro de 2004. Na entrevista que deu ao *The New Yorker*, Björk elabora sobre uma parte da criação da *bassline* da música: "[The bassline] (...) is a mix between two things. There was a baritone called Gregory Purnhagen. I think he sang with Philip Glass and Meredith Monk, and he was really precise! It was exciting to work with someone so professional. He did the drone almost like, you know—what do you call the people in the Himalayas? The monks! So he did that noise, and then we put it down an octave. Then there was Mike Patton, whose voice is a roar. He's got many foot pedals when he sings. He would do some of this bass line, too, where he would actually put it in some sort of harmonizer."

MEDÚLLA

ÁLBUNS

COLABORAÇÕES

62 — 63

MEDÚLLA



Fig. 37



Fig. 38

INEZ E VINOODH, SHOPLIFTER

## VOLTA

Björk desenvolveu *Volta* com base num interesse entre a relação do ser humano com a natureza e o lugar que ocupamos nela, levando a que criasse o imaginário do álbum à volta de noções de espontaneidade, imperfeição e artesanato. Estes temas foram posteriormente traduzidos num guarda roupa utilizado em digressão, composto por materiais tricotados numa série de padrões irregulares e imperfeitos. É com base nesta ideia de padrão irregular que o *layout* é criado. Existe então uma analogia com estes padrões através do uso da irregularidade do texto alinhado e da variação de intensidades da mancha gráfica. O *layout* é composto por duas colunas, que incluem texto e legendas, tendo estas um corpo maior e peso diferente, intensificando a cor tipográfica e criando momentos de tensão. Tanto os parágrafos de texto como os de legendas vão alternando o sentido do seu alinhamento, criando uma mancha irregular como uma peça tricotada.



Fig. 43

## VOLTA

**62** Aquando do lançamento de *Volta* a artista lançou também um podcast já não disponível, dividido em seis partes, no iTunes.

**63** Revista *Filter Mag* (2007).

*Volta* (2007) afirma-se com um carácter mais activista e político. A artista confessa<sup>62</sup> que, durante a altura da criação do álbum, se debatia com o lugar dos seres humanos relativamente à natureza e na dualidade que se cria quando nos questionamos se somos ou não parte da natureza. Resumindo *Volta*, afirma que seria sobre justiça, em especial justiça para as mulheres, e que o álbum tem a ver com um processo da cantora de se actualizar a si mesma, em grande parte por ter uma filha e querer ensiná-la<sup>63</sup>. *Volta* é um grito de liberdade, uma forma de expandir horizontes e sair de uma rotina claustrofóbica, que tinha vindo a ser intensificada com os dois últimos trabalhos da artista, *Vespertine* e *Medúlla*, muito centrados em si mesma, primeiro de forma metódica e doméstica e em seguida de forma visceral e orgânica.

**64** Transcrição da rádio XFM (2007).

**65** Rádio XFM (2007).

"(...) I had sort of been in my own studio working a lot for a few years. And I had gotten pregnant, had a baby, breastfeeding, all this kind of stuff. And then suddenly my daughter was old enough to go to kindergarten. I guess I was probably suffering from cabin fever, so in the begging of this album I was just like, "Okay, let's go out! Let's go and have an adventure, go into an environment that is the unknown to me, and I don't know what's gonna happen." And before I felt that strongly, it probably affected the collaborations, the fact that I was really going for the album emotionally. That as long as it's adventurous, I'm doing it. A bit of a one-track mind, but that was sort of what drove this album."<sup>64</sup>

Contando com sons mais imperfeitos, como cordas que são tocadas e continuam a vibrar e conjuntos de sopro, mas muito mais assumidos, vívidos e confrontacionais, sem medo de enfrentar o ouvinte e olhá-lo no olho<sup>65</sup>, *Volta* é um álbum cuja sonoridade é mais descomprometida e espontânea, com mais estímulos, muitos deles ligados a ideias de artesanato, relação com a natureza e estéticas tribais e pagãs.

**66** Website *Drowned in Sound* (2007).

**67** Em entrevista à revista *Stylus*, a artista comenta a pesquisa para o seu trabalho anterior na a banda sonora de *Drawing Restraint 9*, filme do artista Matthew Barney pode ter sido uma das razões pelas quais se interressou e criou empatia com estes novos instrumentos e sonoridades.

Refere em entrevista ao *The Guardian* (2007) que o processo e criação de batidas para *Volta* foi muito mais orgânico, entendendo, através de contacto com Konono n°1, que as batidas nem sempre tinham que ser programadas e bem estruturadas digitalmente, mas que podiam viver de uma nova fluidez. Foi com este estado de espírito que se aproximou de novos colaboradores musicais, como Chris Corsano e Brian Chippendale, e abriu portas a experiências sonoras mais impulsivas.

*Volta* representa, tal como álbuns anteriores, uma nova onda de colaboradores, que foram surgindo espontaneamente com o desenrolar do processo de criação do álbum<sup>66</sup>, desta vez (e de acordo com a temática do álbum) artistas de várias partes do mundo<sup>67</sup>, desde África, com a banda congoleza Konono N°1 e o tocador de cora malês Toumani Diabaté, à Ásia, com a tocadora de pipa Min Xiao-Fen, oriunda da China, passando também pela América do Norte, com colaboradores habituais e novos nomes

## ÁLBUNS

como Chris Corsano e Brian Chippendale na percussão, Anohni, amiga próxima de Björk, na voz e Timbaland na produção. Esta escolha de ter artistas de outras nacionalidades não se baseia nas suas nacionalidades mas na qualidade do seu contributo musical<sup>68</sup>, assim como numa certa empatia que Björk sente, por também ser de outro país<sup>69</sup>. Cada vez mais a artista passa a trabalhar durante grande parte do processo sozinha, recorrendo a colaboração apenas no final da produção do álbum, já com conceitos solidificados e bem construídos<sup>70</sup>.

**68 Revista Filter (2007).**

**69 The Guardian (2007).**

Musicalmente, *Volta* é um álbum bastante rico. A relação pessoal e profissional que mantém Anohni (que contribuiu com vocais para as músicas “My Juvenile” e “The Dull flame of Desire”), desenvolveu-se de forma natural e levou à gravação de “The Dull Flame of Desire”, em que ambas as artistas cantam a plenos pulmões, como num dueto de divas<sup>71</sup>.

**70 Revista Stylus (2007)**

**71 Rádio XFM (2007)**

**72 Website Brooklyn Vegan (2007)**

**73 Björk refere, no podcast lançado com *Volta*, que Timbaland já conhecia o seu trabalho desde a altura em que havia lançado *Debut* e tinha interesse na forma como o álbum combinava diferentes influências culturais no seu álbum e que gostaria de colaborar com ela.**

Mark Bell volta a colaborar neste novo projecto, embora não haja, tal como anteriormente, nenhuma relação de superioridade entre o produtor e Björk. Bell chega até a intervir no processo apenas na fase final, quando as músicas já estavam acabadas, mostrando respeito e confiança pelo trabalho de produção da cantora<sup>72</sup>. Também volta

a trabalhar com Damian Taylor, que colabora em todas as faixas do álbum e havia já contribuído para *Vespertine*.

Uma colaboração inesperada é com Timbaland, que produz três músicas<sup>73</sup>, “Earth intruders”, “Innocence” e “Hope”. Desde que havia ouvido a faixa “Venus as a Boy”, de *Debut*, que o produtor tinha mostrado interesse no trabalho de Björk e que se havia estabelecido uma sensação de admiração mútua. Ainda assim, o momento de colaborar não havia chegado até então. Com o começo de *Volta*, Björk percebeu que era a oportunidade perfeita e contactou Timbaland, que aceitou

**74 Rádio XFM (2007)**

**75 Website me-me-me (2007)**

**76 Website de The Icelandic Love Corporation**

**77 Revista Dummy (2007)**

**78 Nick Knight havia já colaborado com Björk ao fotografar a capa de *Homogenic* e a realizar o vídeo de “Pagan Poetry”, um dos singles de *Vespertine*.**

**79 Revista Fashion Rocks (2007).**

a proposta. A colaboração começou com um momento de improviso, depois de se terem juntado, criado batidas e cantado sem regras<sup>74</sup>. Eventualmente Timbaland acabou por não estar presente em todo o processo de *Volta* devido a outros projectos, tendo sido Björk a acabar as músicas que tinham começado<sup>75</sup>, como foi o caso de “Earth Intruders”, que foi cortada por ter inicialmente a duração de 12 minutos, estruturada e complementada com instrumentais de Konono Nº1 e Chris Corsano, ou “Hope”, em que só foram adicionadas batidas e instrumentais de Toumani Diabaté. Ainda assim as faixas não foram demasiado editadas, uma vez que Björk queria que a sonoridade do álbum não fosse demasiado refinada, mas sim mais espontânea, como comenta em entrevista à *Metromix* (2007).

## ÁLBUNS

70 — 71



NICK KNIGHT, BERNHARD WILHELM

THE ICELANDIC LOVE CORPORATION



Fig. 45

ENCYCLOPEDIA PICTURA



Fig. 46

## BIOPHILIA

Biophilia é um projecto conceptualmente muito abrangente. Existem, no entanto, duas ideias facilmente identificáveis em Biophilia: as placas tectónicas, que fazem parte do imaginário visual e lírico do álbum, e a ideia de aprendizagem, relacionada com a vertente educacional do álbum. O capítulo desenvolvido para Biophilia repensa o folhear do livro, com as colunas de texto viradas num ângulo de 45° no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, levando o leitor a rodar o livro e passar as páginas de uma forma que se pode sentir descendente, como se cada página fosse uma camada ou placa tectónica que se segue após a outra e que desliza para um lado ou para o outro consoante as imagens que existam dentro dela. As colunas de texto e legendas estão alinhadas em sentidos opostos, com os lados irregulares virados para a goteira que as separa, criando assim espaços de tensão imprevisíveis que remetem para as fricções entre placas tectónicas. Neste capítulo existe uma ideia de aprofundar conhecimento e chegar ao “fundo de uma questão”, que é transmitida visualmente pela sensação descendente contínua.



Fig. 51

## BIOPHILIA

Com *Biophilia* (2011), Björk embarca num projecto de grandes dimensões, maior do que qualquer outro até então. O conceito principal é a relação da música com a natureza e é a partir daí que constrói um álbum que desdobra numa *app*, num programa educativo e num documentário. *Biophilia*, sendo um projecto complexo, contou ainda mais com colaboração, havendo uma enorme lista de créditos, com contributos de especialistas das mais variadas áreas, desde a música até à programação, passando pelos envolvidos no projecto educativo e pelos investigadores<sup>82</sup>, que unem todo o tecido conceptual do álbum. O álbum conta ainda com, além dos métodos convencionais, alguns instrumentos e técnicas musicais inventados ou incommuns<sup>83</sup>, que viriam a ser utilizados numa série de concertos que se agrupam em “residências artísticas” de curta duração em diferentes cidades do mundo. A sonoridade do álbum está intimamente ligada às temáticas abordadas, desde a natureza à ciência, criando um álbum menos convencional mas que funciona em perfeita sincronia com todas as outras áreas do projecto. Em *Biophilia*, a abordagem centra-se em utilizar sonoridades electrónicas mas recontextualizá-las e repensá-las<sup>84</sup>.

Björk começa a sentir interesse em ecrãs tácteis após ter utilizado essa tecnologia durante a digressão

## ÁLBUNS

78 — 79

**82** É durante a fase de pesquisa de *Biophilia* que James Merry, assistente pessoal e Björk e colaborador próximo, entra em contacto com a artista pela primeira vez.

**83** Vários instrumentos foram criados, alguns a partir de dois instrumentos de base, criando uma fusão.

**84** *Website Cycling 74* (2011)

## BIOPHILIA

## ÁLBUNS

para Volta, o seu álbum anterior. É no seguimento desse interesse que nasce a app *Biophilia*<sup>85</sup>, cujo propósito principal é explorar a conexão entre a música e a natureza e, através dessa conexão, ensinar e desmistificar a musicologia<sup>86</sup> de forma interactiva, através de uma série de diferentes interfaces interactivas. A aplicação divide-se em várias sub-aplicações, uma para cada música do álbum e permite explorar diferentes temáticas consoante a música. Com base nesta ideia de aprendizagem sobre música, foi desenvolvido um programa educacional, foi implementado em várias escolas na Europa, o *Biophilia Educational Project*<sup>87</sup>. A app foi desenvolvida por uma série de programadores, nomeadamente Luc Barthelet, Drew Berry, Stephen Malinowski, Kodama Studios, Touch Press, John Simon Jr., Max Weisel, sendo que o principal programador foi Scott Snibbe, da Scott Snibbe Studios.

Parte do projecto *Biophilia* é também o documentário “When Björk Met Attenborough”, no qual Björk entra em diálogo com Sir David Attenborough durante um passeio pelo Museu de História Natural em Londres. Os dois discutem semelhanças entre a natureza e a música, comparando a criação musical com, por exemplo, processos de formação de cristais, diferentes cantos de pássaros

**85** A app *Biophilia* foi a primeira app a ser comprada e integrada na colecção do MoMA.

**86** CNN (2011)

**87** O *Biophilia Educational Project* é um projecto educativo que se baseia na utilização da “criatividade como ferramenta de ensino e pesquisa, onde a música, tecnologia e ciências naturais são articuladas de forma inovadora” (tradução livre).

Fig. 52

## COLABORAÇÕES

## 80 — 81



INEZ E VINOODH, M/M (PARIS)

BIOPHILIA

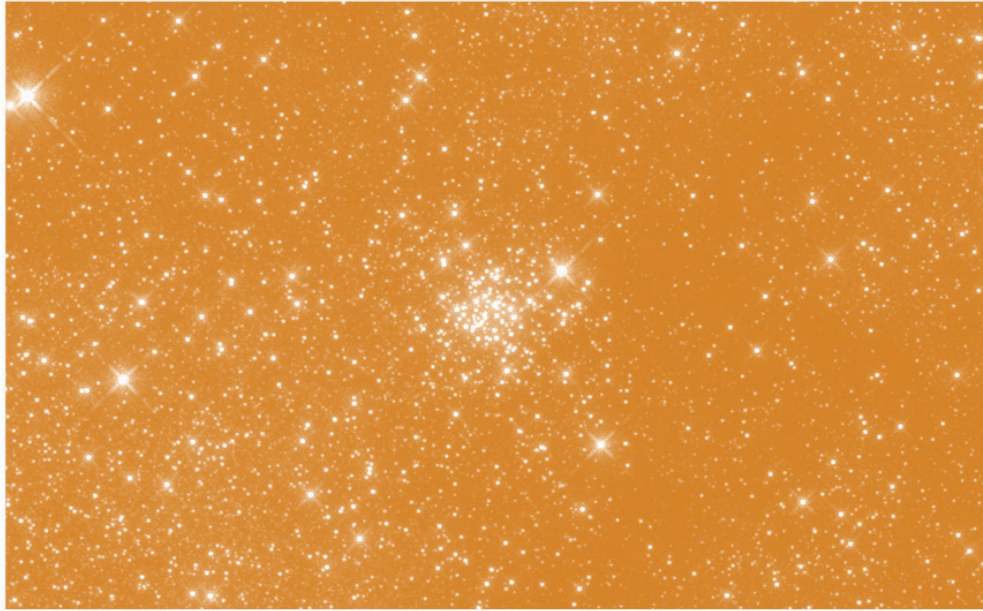


Fig. 55

ÁLBUNS

e os limites da voz humana. O documentário acompanha também o processo de preparação para os concertos de *Biophilia*, com a construção e preparação dos vários instrumentos que foram adaptados ou construídos especificamente para este projecto. É, portanto, um documentário que abraça todo o projecto e o acaba por resumir, facilitando o seu entendimento para o espectador. Sir David Attenborough é também o narrador da sequência introdutória da app.

Já na dimensão musical deste álbum, os envolvidos na criação dos instrumentos musicais são Matt Nolan, que construiu o Gameleste, usado nas músicas “Crystalline” e “Virus”, Andy Cavatorta, que esteve a cargo de desenvolver Harpas que funcionam através de gravidade<sup>88</sup>, Aron Koscho, com o Tesla Coil, um instrumento que funciona através de electricidade, utilizado na música “Thunderbolt”, Björgvin Tómasson, que também trabalhou no Gameleste e criou um órgão com MIDI<sup>89</sup> incorporado e Henry Dagg, construtor da Sharpshord, que providencia o instrumental para “Sacrifice”. A nível de produção há colaboração de nomes já conhecidos, como Mark Bell e Damian Taylor<sup>90</sup>. Também colabora com o grupo íbbit, que co-produz “Crystalline” e “Mutual Core”.

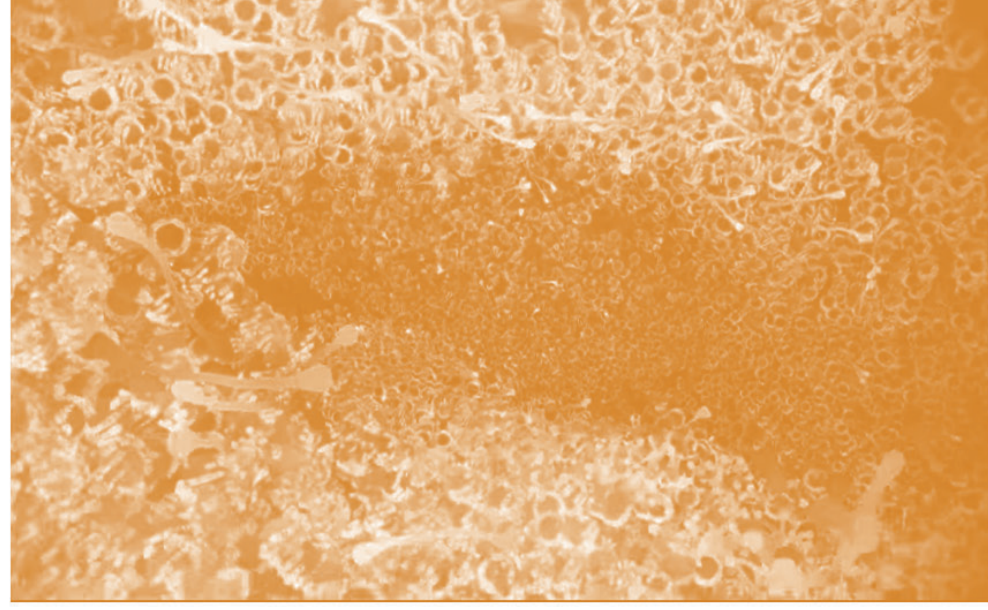
A roupa que Björk utiliza na capa de *Biophilia* é

**88** Quando Cavatorta foi contactado para desenvolver as Harpas, já havia inclusive um demo de como se imaginaria que as harpas soassem, e que seriam utilizadas para a música “Solstice”.

**89** *Musical Instrument Digital Interface*, uma forma de conexão entre instrumentos musicais e computadores.

**90** Com 21 anos, começou a trabalhar com Guy Sigsworth, (*Debut, Post, Homogenic e Vespertine*), que na altura lhe pediu para trabalhar com ele em todos os seus projectos, sendo um deles um projecto de Björk.

ÁLBUNS



**91** Van Herpen utiliza frequentemente impressão 3D no seu trabalho, criando peças fora do expectável segundo um tipo de design que a pelada de “New Couture”

**92** *Website Creators (2012)*.

**93** O vídeo de “Moon” é, tal como a música, seguem um intervalo de tempo que alude às fases da lua, sendo que o vídeo também transmite essa ideia de forma visual. Além disso também faz alusão à app “Moon”, em que o interface segue o esquema gráfico que é a apresentado no vídeo.

**94** Vídeo retirado da app *Biophilia* (“Hollow”)

da autoria de Iris Van Herpen<sup>91</sup>, designer de moda holandesa, e faz arte da coleção *Synesthesia* (Outono/Inverno 2010), cujo conceito é baseado na sinestesia, condição neurológica que provoca a associação de mais do que um sentido, como, como por exemplo um cheiro evocar uma certa cor. Van Herpen também é a autora do vestido azul (da coleção *Escapisms Primavera/Verão 2011*) que Björk utiliza nos concertos de *Biophilia*<sup>92</sup>.

Inez e Vinoodh voltaram a trabalhar como co-realizadores no vídeo de “Moon”, juntamente com James Merry e os designers M/M (Paris). Também fotografaram Björk em inúmeras ocasiões, grande parte das vezes para revistas ou para fins promocionais, tendo sido também fotógrafos da capa do álbum e de todos os singles, “Crystalline”, “Cosmogony”, “Virus”, “Moon”<sup>93</sup>. Tal como em álbuns anteriores, os designers M/M (Paris) são responsáveis pelo design gráfico do álbum e singles.

Os vídeos de *Biophilia* foram realizados por Michel Gondry (“Crystalline”), Björk, Inez e Vinoodh, M/M(Paris) e James Merry (“Moon”), Drew Berry (“Hollow”<sup>94</sup>) e Andrew Thomas Huang (“Mutual Core”). Andrew Thomas Huang trabalha pela primeira vez com a artista com “Mutual Core”. Nesse primeiro projecto, os elementos digitais incluídos no vídeo tornam-se parte da narrativa de forma muito natural. Também foi responsável pela capa de *Bestands*, uma compilação de remixes de *Biophilia*. Já James Merry começou como investigador no projecto de *Biophilia*, sendo também co-coordenador das apps.

Fig. 56

BIOPHILIA

## VULNICURA

*Vulnicura* é criado a partir de um período conturbado para Björk, durante o qual havia a sensação de desespero e peso de uma enorme dor emocional. O álbum reflecte esta dor com versos crus, emocionais e sons pesados, densos e sem “espaço” entre si. O *layout* é composto por blocos de texto na zona inferior da página, pressionados por colunas de legendas longas e tensas que não deixam espaço para o texto “respirar”. Às colunas de legendas são adicionadas imagens que, estando sobrepostas ao texto, aumentam a tensão sobre os blocos de texto. O texto principal também referencia subtilmente os ritmos musicais de *Vulnicura* através do seu aspecto compacto e das pequenas variações de largura de coluna.



Fig. 59

## ÁLBUNS

89 — 89

## VULNICURA

**95** *TimeOut London* (2018)

**96** Arca, nascido em 1989, vem de Caracas, na Venezuela, enquanto que Björk nasce em 1965 em Reiquiavique, na Islândia..

**97** A relação entre os dois durante a produção de *Vulnicura* assemelha-se de certo modo à temática do álbum. *Vulnicura* é um álbum criado a partir do fim da relação entre duas pessoas e a sua produção foi assente, embora não com os mesmos contornos, na mesma ideia de dualidade.

**98** A sonoridade que incutiu em *Vulnicura* veio de músicas antigas não lançadas que Björk havia criado e que Arca havia achado interessante, mas que sentia que a artista não tinha explorado suficientemente essa sonoridade. Björk afirma não se lembrar sequer desses demos de há vários anos atrás mas reconheceu que havia uma oportunidade de explorar novas vertentes musicais e daí acabou por enveredar por novos caminhos.

**99** Website *Fader* (2014)

**100** “Björk: Archives” conta com, além dos vários textos sobre a artista, bastante conteúdo visual com créditos detalhados que recapitulam a evolução da artista ao longo de vários anos, tendo sido uma fonte de informação valiosa na

O lançamento de *Vulnicura* marca o primeiro momento na carreira de Björk em que a vida íntima da artista é exposta ao público e que cede ao cliché de expor o seu desgosto amoroso através da música<sup>95</sup>. O seu oitavo álbum nasce do processo de separação de Matthew Barney, que a afectou profundamente. É um álbum que tem como temática o sofrimento do fim de uma relação de vários anos. Tal como anteriormente, existe uma *persona* e um imaginário visual relacionados com este álbum, sendo que neste caso é trabalhada a imagem de uma ferida profunda no seu peito, como uma metáfora para a ferida sentimental que a artista sente devido ao fim da relação. Todo o imaginário que envolve tanto o álbum tem a ver com o entender e o processar da dor e, após esse processo, conseguir curar-se e seguir em frente. É nas fases finais da produção de *Vulnicura* que Björk entra em contacto com Arca (Alejandro Ghersi), produtor e músico que viria a ter um grande impacto na sonoridade de *Vulnicura* e, futuramente, *Utopia*. Ghersi e Björk entram em contacto para criar batidas para algumas músicas de *Vulnicura*, já depois de

grande parte das músicas estarem estruturadas, mas a relação entre ambos teve grande impacto na cantora. Pertencendo a gerações completamente diferentes<sup>96</sup>, ambos os artistas encontraram interesses comuns e desenvolveram uma relação muito próxima ao longo das fases finais de produção do álbum e início da digressão<sup>97</sup>.

Arca é co-produtor de todas as músicas de *Vulnicura*<sup>98</sup> excepto “Stonemilker” e “Quicksand” e apareceu em vários concertos de *Vulnicura*. Sendo a sua primeira vez a colaborar com a artista, começa a trabalhar no álbum depois deste ter sido pensado e escrito, e contribuiu batidas que viriam a ajudar a definir a sonoridade do álbum. Fã de longa data do trabalho de Björk, mantinha uma carreira de músico a solo enquanto trabalhava com outros artistas como Kanye West e FKA twigs<sup>99</sup>, a nível de

## COLABORAÇÕES

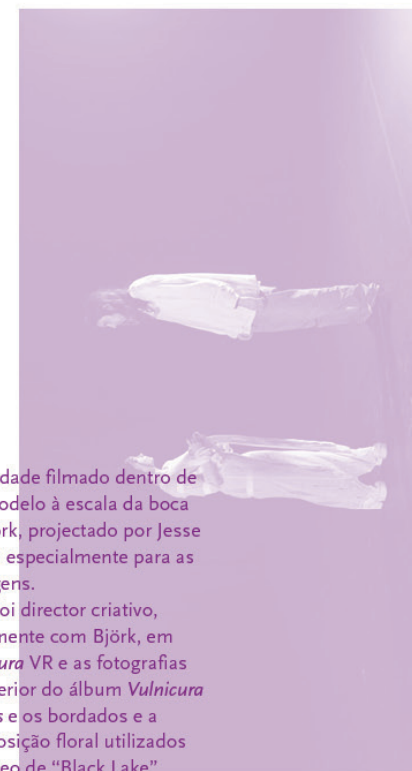
INEZ E VINOODH



Fig. 62

## ÁLBUNS

92 — 93



na verdade filmado dentro de um modelo à escala da boca de Björk, projectado por Jesse Kanda especialmente para as filmagens.

**105** Foi director criativo, juntamente com Björk, em *Vulnicura VR* e as fotografias do interior do álbum *Vulnicura Strings* e os bordados e a composição floral utilizados no vídeo de “Black Lake” também são da sua autoria.

**106** Nowness: Facebook Live.

**107** Devido ao álbum ter sido divulgado online sem permissão bastante antes do lançamento programado, a cantora decidiu lançar a edição digital do álbum antes do tempo. Assim, a versão digital foi lançada a 20 de Janeiro de 2015 e a versão física a 16 de março do mesmo ano.

sou no projecto de larga escala “Black Lake”, uma parte nuclear da retrospectiva no MoMA. Neste filme é mesclada arte digital, vídeo e experiência sensorial, uma vez que é pensado para um espaço com dois ecrãs e diversas colunas espalhadas pela sala, proporcionando uma experiência imersiva aos espectadores. Após “Black Lake”, Huang veio a realizar vários vídeos em VR, que podem ser experienciados na exposição Björk Digital. Outros realizadores foram Jesse Kanda, autor de “Mouth Mantra”<sup>104</sup> e Warren Du Preez e Nick Thornton Jones, responsáveis pela versão não-VR de Notget e co-realizadores da versão VR da mesma música.

Outro colaborador importante é James Merry<sup>105</sup>, que havia trabalhado como investigador em Biophilia e passa então a ser responsável por grande parte do imaginário visual que define *Vulnicura*, criando uma série de máscaras de diversos mate-

riais, usadas em concertos, entrevistas ou eventos públicos. O tema da máscara foi muito desenvolvido durante a era de *Vulnicura*, tendo também sido continuado e desenvolvido no álbum seguinte, *Utopia*. A ideia de máscara relaciona-se directamente com a temática do álbum, o sofrimento por amor. As máscaras, especialmente quando desenvolvidas como peças escultóricas ou adornos, são objectos que simultaneamente ocultam e revelam e, nas palavras da artista, estão de certa forma ligadas ao fluxo entre a sua vida profissional e pessoal, ajudando a manter essa transição mais saudável<sup>106</sup>.

Existem mais uma vez nomes que se repetem e voltam a participar neste projecto, como Iris Van Herpen, que cria o guarda roupa para “Black Lake”, Inez e Vinoodh, que fotografam a capa da versão digital<sup>107</sup> do álbum e *M/M (Paris)*, novamente responsáveis pelo design gráfico e por “Björk: Archives”. A nível da fotografia há também que destacar Santiago Felipe, que documenta vários dos visuais da artista nas diferentes cidades onde actua ou frequenta eventos públicos. Esta documentação mostra em especial várias das máscaras desenvolvidas por James Merry.

VULNICURA

Fig. 63

VULNICURA



Fig. 66

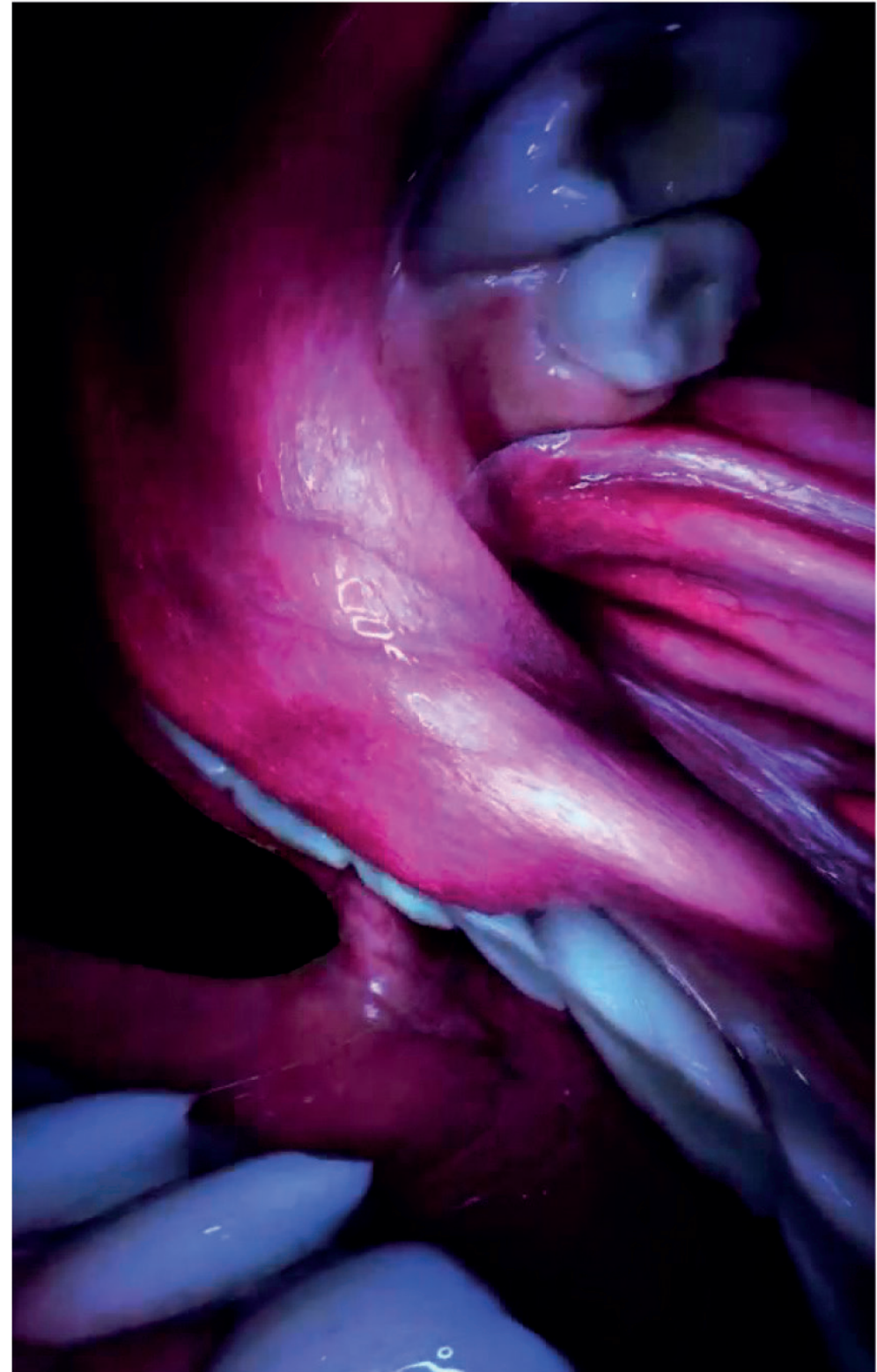


Fig. 67

JESSE KANDA

## UTOPIA

O conceito de *Utopia* é radicalmente diferente do seu antecessor. *Utopia* representa o final do estado de espírito que caracteriza *Vulnicura* e passa a explorar temáticas utópicas e um possível futuro longe do peso e da dor que havia sentido. A sonoridade do álbum, grandemente marcada pelo uso de flautas, aproxima-se de uma série de “paisagens sonoras” nas quais a ideia de leveza e flutuação é uma constante. Assim, em *Utopia* o texto liberta-se da barra comprimida no final da página de *Vulnicura* para se tornar numa única coluna alinhada à esquerda e ascender ao topo da página, seguida das legendas logo abaixo, com as diferentes linhas desalinhadas, criando formas que remetem para as ideias de leveza, flutuação e libertação.



Fig. 68

## UTOPIA

*Utopia*, o nono álbum da artista, representa um novo estado de espírito, a recuperação da dor que é exposta em *Vulnicura*. A persona associada a *Utopia* é caracterizada pela paixão pela descoberta e por um interesse incessável por novas conexões com outros seres humanos, mas também por todos as ferramentas e tecnologias disponíveis para tal efeito. A nível sonoro é, composto por uma grande quantidade de flautas, aludindo a uma ideia de leveza e de liberdade, completamente oposta às sensações de opressão e dor patentes no álbum anterior. O álbum conta também com muitas gravações de pássaros, que ajudam a definir o imaginário do projecto. Essas gravações são tanto recolhidas de campo efectuadas por Björk na sua casa de campo na Islândia como excertos de um álbum só com gravações de uma determinada espécie de pássaros provenientes da Venezuela. *Utopia* aproxima-se da noção de uma paisagem sonora<sup>108</sup>, em que as músicas muito facilmente se dissolvem umas nas outras, apresentando ao ouvinte um imaginário cuidadosamente criado e desenhado por Björk.

Neste álbum a colaboração com Arca, que havia começado no projecto anterior, ganha uma maior dimensão, com o artista venezuelano a fazer parte do processo de criação do álbum desde o início. Assim, *Utopia* apresenta-se como um produto da imaginação e criação conjunta de Björk e Arca, resultado de uma simbiose que a artista admite não ter tido com nenhum produtor do sexo masculino até então, não deixando de ser um trabalho assinado por Björk e com **108** As paisagens sonoras de *Utopia* são criadas graças ao trabalho de Heba Kadry e Marta Salogni, que entram no processo de *Utopia* na fase de mistura. Abordam as músicas de formas quase opostas, com Heba Kadry a tornar as canções muito mais áridas e detalhadas e Marta Salogni a torná-las muito mais soltas e "húmidas". Em "In Sight Out", uma conferência organizada pela Pitchfork, Björk menciona como a solução ideal para *Utopia* se encontrou num equilíbrio entre estas duas abordagens à mistura do álbum.

## COLABORAÇÕES



JAMES MERRY, HUNGRY, WARREN DU PREEZ E NICK THORNTON JONES

Fig. 70

## ÁLBUNS

102 — 103

Em *Utopia* a temática de peças escultóricas e adornos faciais é continuada, existindo uma continuidade com a narrativa de *Vulnicura*, que também é possível observar na transformação das máscaras, que se desfragmentam e se tornam peças que funcionam como extensões ou próteses na cara da cantora. James Merry, colaborador cada vez mais próximo da artista, desenvolveu todas estas peças, tanto para Björk como para o grupo de flautistas islandesas que acompanha a cantora em digressão<sup>113</sup>. Merry é também co-realizador do vídeo de “The Gate”, o primeiro single de *Utopia* e responsável pela direcção criativa e pelo adorno na cara de Björk na capa do álbum. Outro colaborador que volta a trabalhar com Björk, embora em trabalhos mais promocionais, é o fotógrafo Santiago Felipe, encarregue de uma das primeiras sessões fotográficas que trouxeram ao público o imaginário visual de *Utopia*.

Até ao momento da finalização deste objecto editorial, foram lançados quatro vídeos de músicas de *Utopia*: “The Gate”, realizado por Andrew Thomas Huang, “Blissing Me”, por Emma Dalzell e Tim Walker, “Utopia”, por Warren Du Preez e Nick Thornton Jones e “Arisen My Senses”, realizado por Jesse Kanda.

O design gráfico do álbum está mais uma vez a cargo de M/M (Paris), que colaboram novamente com uma tipografia personalizada para o álbum e com iluminuras digitais com motivos florais que remetem para o imaginário utópico apresentado sucessivamente em sessões fotográficas, em vídeos e até em palco.

**113** As inspirações de *Hungry* são muitas vezes insectos e animais, sendo que os seus figurinos são muitas vezes complementares à maquilhagem, criando uma unidade através de todo o seu corpo e afastando-se mais uma vez de visuais antropomórficos.

**114** Na digressão de *Utopia* o cenário criado é alusivo a uma ideia de paraíso, criando um ambiente onde Björk e as flautistas que a acompanham podem actuar e estar imersas na utopia proposta no álbum.

**115** O imaginário visual de *Utopia* é, tal como em álbuns anteriores, mutável e sujeito a evolução. As primeiras abordagens a este visual tinham uma grande influência da maquilhagem de *Hungry*, tendo as peças de James Merry como um adorno acrescentado à maquilhagem. Já em concertos, as peças de James Merry voltam a ganhar destaque, como haviam tido em *Vulnicura*, agora trabalhando muito mais motivos florais, associados com a temática utópica que é trazida para palco tanto com a música como com o cenário.

ÁLBUNS

COLABORAÇÕES

UTOPIA



Fig. 73



Fig. 74

TIM WALKER & EMMA DALZELL, HUNGRY, JAMES MERRY

## OUTROS ELEMENTOS

Existem dois tipos de secções principais misturadas ao longo de todo o livro. A primeira secção, *Álbuns*, contém informações sobre o capítulo em questão, abordando tanto as temáticas do álbum como os colaboradores. A segunda secção, *Colaborações*, contém alguns dos resultados visuais de trabalho conjunto mais importantes para a construção do universo de cada álbum. Nesta secção não aparecem produtores musicais ou instrumentistas porque, embora o seu contributo seja importante, não produzem resultados visuais, aparecendo, portanto, mencionados no texto, em maior ou menor extensão. Estas duas secções aparecem alternadamente e sem um padrão definido, seguindo o ritmo do texto e a composição gráfica do livro. A escolha de não aplicar um padrão a estas secções prende-se com a alusão ao carácter orgânico do trabalho da artista, permitindo ao leitor ter uma experiência fluída dos conteúdos apresentados. Paralelamente a estas secções existem duas tipologias de imagens: *monotone* e *quatro cores*. As imagens em *monotone* são extensões do texto, que aludem ao imaginário do álbum e encadeiam a narrativa. As imagens a *quatro cores* apresentam resultados de colaboração que merecem ser vistas sem qualquer tipo de filtro. As imagens, caso sejam mais horizontais, aparecerão viradas 90°, de modo a manterem a sua proporção original e aproveitarem melhor o espaço da página.

Já as margens da página são um espaço dedicado a pistas visuais para a orientação do leitor. Assim, na margem superior estão os número de página e o nome da secção; Nas margens laterais está informação adicional sobre a secção: no caso de *colaborações*, o nome dos colaboradores e no caso dos *álbuns* o nome do álbum; Na margem inferior estão as referências às figuras, aparecem sempre sempre alinhadas com um dos lados da imagem que identificam.

## CONCLUSÃO

Enquanto designer descobri que, para desenvolver este projecto, foi necessário descobrir e procurar os conceitos e ideias que serviram de base para desenvolver os álbuns. As soluções gráficas que são apresentadas neste projecto não foram desenvolvidas a partir do imaginário visual que Björk apresenta; Nasceram, sim, dos conceitos, ideias, motivações e sentimentos que motivaram a artista a criar os álbuns. São então uma outra interpretação com o meu cunho pessoal da matéria-prima utilizada pela cantora, através de um outro meio, o design editorial.

## BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA

- Barlow, Eve. (2018, Maio 14). Björk: 'I have a lot of characters in me, like every woman does'. Retirado de <https://www.timeout.com/london/music/bjork-i-have-a-lot-of-characters-in-me-like-every-woman-does>, visitado a 1/09/2018
- Biesenbach, Klaus, Dibben, Nicola, & Sjón. (2015). *Björk: Archives*. Londres: Thames & Hudson.
- Binder, Jonathan. (2011, Outubro 10). Bjork's 'Biophilia' takes music to the app world. Retirado de <http://edition.cnn.com/2011/10/10/tech/innovation/bjork-app-album-biophilia/index.html>, visitado a 1/09/2018
- Björk. (2017, Outubro 11). Björk on Björk: The Inimitable Icelandic Superstar Interviews Herself. Retirado de [https://www.wmagazine.com/story/bjork-interviews-her-self?mbid=social\\_facebook](https://www.wmagazine.com/story/bjork-interviews-her-self?mbid=social_facebook), visitado a 1/09/2018
- Blauvelt, Andrew. (2008, Novembro 3, 18/6/2018). Towards Relational Design. Retirado de <https://designobserver.com/feature/towards-relational-design/7557/>, visitado a 1/09/2018
- Bringhurst, Robert. (1992). *The Elements of Typographic Style* (4 ed.). Canada: Hartley & Marks.
- Clash. (2011, Novembro 23). The Sharpsichord - Created By Henry Dagg. Retirado de <http://www.clashmusic.com/features/the-sharpsichord-created-by-henry-dagg>, visitado a 1/09/2018
- Cunningham, Chris. (2003). The Work of Director Chris Cunningham. EUA: Palm Pictures.
- Dautrey, Jehanne, & Quinz, Emanuele. (2016). *Strange Design: From Objects To Behaviours* (Jonathan & David Michaelson, Trans.). Paris: it: éditions.
- Pitchfork (Producer). (2017, Dezembro 5). *In Sight Out: Björk* [Audio Podcast]. Retirado de <https://soundcloud.com/pitchfork/pitchfork-presents-in-sight-out-bjork>, visitado a 17/12/2017
- Farago, Jason. (2015, Março 8). Björk review – a nakedly personal show. Retirado de <https://www.theguardian.com/music/2015/mar/08/bjork-review-vulnicura-carne-gie-hall-moma>, visitado a 1/09/2018
- Flood, Kathleen. (2012, Fevereiro 9). Dressing Björk: Meet Fashion Designer Iris van Herpen. Retirado de [https://creators.vice.com/en\\_us/article/4x48xq/dressing-bj%C3%B6rk-meet-fashion-designer-iris-van-herpen](https://creators.vice.com/en_us/article/4x48xq/dressing-bj%C3%B6rk-meet-fashion-designer-iris-van-herpen), visitado a 1/09/2018
- Geffen, Sasha. (2017, Novembro 16). Björk Is Full of Love Again. Retirado de <https://pitchfork.com/features/interview/bjork-is-full-of-love-again/>, visitado a 1/09/2018
- Gestsdóttir, Ragnheiður. (2003). Minuscule. Reino Unido: One Little Indian.
- Gestsdóttir, Ragnheiður. (2004). Björk: Inner or Deep Part of an Animal or Plant Structure. Reino Unido: One Little Indian.
- Holmes, Kevin. (2011, Julho 13). Instruments Of Change: The Engineering Behind Bjork's Musical Robots. Retirado de [https://creators.vice.com/en\\_us/article/ae-jax4/instruments-of-change-the-engineering-behind-bjorks-musical-robots](https://creators.vice.com/en_us/article/ae-jax4/instruments-of-change-the-engineering-behind-bjorks-musical-robots), visitado a 1/09/2018
- Hooper, Louise. (2013). When Björk Met Attenborough. Reino Unido: Pulse Films.
- Hopper, Jessica. (2015, Janeiro 21). The Invisible Woman: A Conversation With Björk. Retirado de <https://pitchfork.com/features/interview/9582-the-invisible-woman-a-conversation-with-bjork/>, visitado a 1/09/2018
- Mackay, Emily. (2017). *Björk's Homogenic*. EUA: Bloomsbury Publishing.

- Neep, Elizabeth. (2014). Making Faces: The Icelandic Love Corporation. Retirado de <http://www.petrieinventory.com/making-faces-the-icelandic-love-corporation/>, visitado a 17/12/2017
- Nowness. (2017, Setembro 15). Björk and Andrew Thomas Huang in conversation with Jefferson Hack. Retirado de <https://www.facebook.com/nowness/videos/vb.200226622453/10155942546587454/?type=2&theater>, visitado a 1/09/2018
- Paoletta, Michael. (2007, Maio 5). Bjork in collaborative mood on new album. Retirado de <https://www.reuters.com/article/us-bjork/bjork-in-collaborative-mood-on-new-album-idUSN0448737720070505>, visitado a 1/09/2018
- Pareles, Jon. (2007, Maio 12). At home in the unknown. Retirado de <https://www.smh.com.au/news/music/at-home-in-the-unknown/2007/05/10/1178390456687.html>, visitado a 1/09/2018
- Petrusich, Amanda. (2008, Janeiro 2). Bjork Discusses “Independence”, Videos, Grammys. Retirado de <https://web.archive.org/web/20080607104258/http://www.pitchforkmedia.com/article/news/47710-bjork-discusses-independence-videos-grammys->, visitado a 1/09/2018
- Saeed, Abdullah. (2012, Fevereiro 9). A Guide To Björk’s Custom Biophilia Instruments. Retirado de [https://creators.vice.com/en\\_uk/article/eza747/a-guide-to-bj%C3%B6rks-custom-ibiophiliainstruments](https://creators.vice.com/en_uk/article/eza747/a-guide-to-bj%C3%B6rks-custom-ibiophiliainstruments), visitado a 1/09/2018
- Sawyer, Miranda. (2017, Novembro 12). Björk: ‘People miss the jokes. A lot of it is me taking the piss out of myself’. Retirado de <https://www.theguardian.com/music/2017/nov/12/bjork-utopia-interview-people-miss-the-jokes>, visitado a 1/09/2018
- Sigurðardóttir, Eirún, Jónsdóttir, Jóní, & Hrólfsdóttir, Sigrún. (2006 - 2007). WildWomanWoodooGrannyDoilyCrochet.... Retirado de [http://www.ilc.is/ILC/Site\\_10/bjork.html](http://www.ilc.is/ILC/Site_10/bjork.html), visitado a 1/09/2018
- Snibbe, Scott. (2011, Outubro 11). THE FULL BJÖRK BIOPHILIA APP ALBUM IS NOW AVAILABLE. [Publicação de blog] Retirado de <https://www.snibbe.com/blog/2011/10/11/biophilia>, visitado a 1/09/2018
- Stosuy, Brandon. (2011, Junho 29). Stereogum Q&A: Björk Talks *Biophilia*. Retirado de <https://www.stereogum.com/744502/stereogum-qa-bjork-talks-biophilia/franchises/interview/>, visitado a 1/09/2018
- Tufte, Edward. (1990). *Envisioning information*. Cheshire: Graphic Press.
- Tufte, Edward. (2002). *Visual explanations: images and quantities, evidence and narrative*. Cheshire: Graphic Press.
- Vdovin, Marsha. (2011, Outubro 6). An Interview with Damian Taylor. Retirado de <https://cycling74.com/articles/an-interview-with-damian-taylor>, visitado a 1/09/2018
- Walker, Christopher. (2003). Inside Björk. Reino Unido: One Little Indian.
- WeTransfer. (2018, Março 27). WeTransfer Presents Work In Progress: Björk and Jesse Kanda. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=yhKMZSoLoTo>, visitado a 1/09/2018

<https://biophiliaeducational.org/>, visitado a 1/09/2018

<http://www.bjork.fr/>, visitado a 1/09/2018

<https://www.facebook.com/bjork/>, visitado a 1/09/2018

<http://www.irisanherpen.com/about>, visitado a 1/09/2018

<http://www.jtmerry.com/>, visitado a 1/09/2018

<http://www.mariusdevries.com/songs/>, visitado a 1/09/2018

## CÓLOFON

### DESIGN ENQUANTO PRÁTICA COLABORATIVA

#### Texto:

Fonte: FF Quadraat, desenhada por Fred Smeijers (1992)

Corpo: 8,5 pt

Entrelinha: 11 pt

#### Notas:

Tipo de Letra: FF Scala Sans, desenhada por Martin Majoor (1993)

Corpo: 8,5 pt

Entrelinha: 11 pt

#### Margens / Títulos:

Tipo de Letra: FF Scala Sans Bold Small Caps

Corpo: 10 pt (topo); 14 pt (laterais)

#### Cores:

Debut: C=15; M=29; Y=51; K=0;

Post: C=20; M=92; Y=22; K=0;

Homogenic: C=60; M=26; Y=0; K=12;

Vespertine: C=0; M=70; Y=30; K=15;

Medúlla: C=100; M=95; Y=0; K=3;

Volta: C=100; M=0; Y=67; K=30;

Biophilia: C=14; M=55; Y=100; K=2;

Vulnicura: C=60; M=100; Y=10; K=0;

Utopia: C=0; M=60; Y=60; K=10;

#### Capa e contracapa:

Capa: Fotografia de Jesse Kanda para edição de Outono de 2017 da revista *Dazed*. *Styling* de Robbie Spencer, vestido por Molly Goddard.  
 Contracapa: Fotografia de Santiago Felipe nos bastidores da digressão de *Utopia*. Edição de João Desidério.

#### Papel:

Capa: CLA 240gr

Miolo: Munken Linx 150gr

### ANÁLISE E METODOLOGIA

#### Cores:

Fundo: C=0; M=60; Y=60; K=10; (Utopia); Opacidade 20%;

Texto: C=100; M=95; Y=0; K=3; (Medúlla);

#### Capa e contracapa:

Capa: Fotografia de Jesse Kanda para edição de Outono de 2017 da revista *Dazed*. *Styling* de Robbie Spencer, vestido por Molly Goddard.  
 Contracapa: Fotografia de Santiago Felipe nos bastidores da digressão de *Utopia*. Edição de João Desidério.





